UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

THIAGO SAVEDA SEVERINO

Narrativas pessoais: a masculinidade hétero nas vivências do homem gay

São Paulo
2022

THIAGO SAVEDA SEVERINO

Narrativas pessoais: a masculinidade hétero nas vivências do homem gay

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Área de Concentração:

Cultura, Política e Identidades

Orientadora:

Profa. Dra. Régia Cristina Oliveira

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, com os dados inseridos pelo(a) autor(a)
Brenda Fontes Malheiros de Castro CRB 8-7012; Sandra Tokarevicz CRB 8-4936

SEVERINO, Thiago Saveda
Narrativas pessoais: a masculinidade hétero nas vivências do homem gay / Thiago Saveda SEVERINO; orientadora, Régia Cristina Oliveira. -- São Paulo, 2022.
126 p: il.

Dissertacao (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2022.
Versão corrigida

1. Gênero. 2. Corpo. 3. Masculinidades. 4. Homem gay. 5. Homossexualidade. I. Oliveira, Régia Cristina, orient. II. Título.

Nome: SEVERINO, Thiago Saveda

Título: Narrativas pessoais: a masculinidade hétero nas vivências do homem gay

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais.

Área de Concentração:

Cultura, Política e Identidades

Aprovado em: 13 / 06 / 2022

Banca Examinadora

Prof. Dr.	Luiz Gonzaga Godoi Trigo	Instituição:	EACH/USP
Julgamento:	Aprovado	Assinatura:	_____
Profa. Dra.	Rosane Mantilla de Souza	Instituição:	PUC/SP
Julgamento:	Aprovado	Assinatura:	_____
Prof. Dr.	Renato Caio S. Santos	Instituição:	EACH/USP
Julgamento:	Aprovado	Assinatura:	_____

Dedico este trabalho a cada pessoa envolvida na luta por um mundo mais justo, mais livre e inclusivo.

Agradecimentos

Agradeço a todos os homens que entrevistei e que doaram para esta pesquisa o seu tempo e que confiaram a mim relatos de algumas de suas vivências.

À minha família, aos meus amigos e às minhas amigas, aos colegas de trabalho, pelo apoio, incentivo e por aguentar meus desabafos e muitas reclamações sobre a interminável produção desta dissertação.

Ao meu ex-marido e atual amigo Rodrigo Crivillari que muito me incentivou na etapa da seleção e nos anos de estudo. Ele comemorou comigo as horas felizes e me apoiou nos momentos de dificuldade.

A todas as professoras e a todos os professores, que nos encontros virtuais, de alguma forma, muito me ensinaram, contribuindo para o meu desenvolvimento humano e acadêmico.

Ao meu querido Renato Caio Santos por seu suporte e orientação.

Especialmente, à Profa. Dra. Régia C. Oliveira, pela atenção e apoio durante o processo de definição e orientação, sempre muito generosa em compartilhar os seus conhecimentos, além de me ajudar com os seus apontamentos precisos.

Por fim, agradeço a toda a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (funcionários e docentes) pela oportunidade da realização do curso de mestrado.

“Tudo isso, sim, a história é história. Mas sabendo antes para nunca esquecer que a palavra é fruto da palavra. A palavra tem que se parecer com a palavra. Atingi-la é o meu primeiro dever para comigo. E a palavra não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela. [...] E quero aceitar minha liberdade sem pensar o que muitos acham: que existir é coisa de doido, caso de loucura. Porque parece. Existir não é lógico.”

(LISPECTOR, 2017, p. 54)

RESUMO

SEVERINO Thiago Saveda. **Narrativas pessoais: a masculinidade hétero nas vivências do homem gay**. 2022. Número total de f. Dissertação (Mestrado em 2022 – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Versão corrigida.

O presente estudo buscou apreender a influência e o impacto da ideia de masculinidade hegemônica na vivência e identidade de homens gays. A pesquisa, qualitativa, contou como técnicas, com a coleta de relatos escritos de experiência pessoal; entrevista semiestruturada e utilização de imagens. Os participantes deste estudo foram 8 homens gays com idade entre 28 e 41 anos que se deslocaram de cidades do interior de estados brasileiros para a capital de São Paulo. No tocante aos resultados pode ser observado que a construção da identidade gay desses homens se dá a partir de um padrão hegemônico de masculinidade. Nesse processo, há uma constante negociação da visibilidade e invisibilidade de seus corpos, tendo como objetivo a construção de uma imagem de homem hétero. Verificou-se entre os entrevistados, vivências comuns de contextos marcados por ações masculinizantes, implícitas e explícitas, coordenadas por setores diversos da sociedade, dentre os quais, o ambiente escolar e a esfera doméstica. Do mesmo modo, a violência, sempre presente na memória, como forma de orientar e supervisionar as suas experiências de vida; o trânsito do corpo como uma passagem de reconhecimento de si e para a liberdade; o toque sendo descrito como um elemento importante no desenvolvimento do afeto e na descoberta do corpo de si e do outro. Por fim, o afeto entre homens é revelado como um elemento sob o controle da sociedade, sendo autorizado ou não, assim como o desejo, o qual, por um lado, é compreendido como via de prazer, por outro, é visto como algo proibido pela sociedade. É possível concluir do estudo que os homens entrevistados se apropriam de comportamentos que expressam aspectos marcantes da masculinidade hegemônica. No corpo é circunscrito os signos da masculinidade e pelo corpo eles demarcam e revelam sinais relacionados à masculinidade: virilidade, potência sexual, força, rigidez. Corpos musculosos, joviais e com pelos suportam os aspectos simbólicos intrínsecos e necessários para mantê-los passáveis como héteros, garantindo-lhes alguns dos privilégios dados aos homens heterossexuais que ocupam o alto topo da hierarquia no tocante ao modelo de masculinidade. Para tanto, há uma constante produção de uma masculinidade cuja baliza tem como medida a heterossexualidade, considerada por eles como um fato natural. Observa-se entre os participantes que as masculinidades que mais legitimam são, portanto, aquelas heterocentradas.

Palavras-chave: Gênero. Corpo. Masculinidades. Homem gay. Homossexualidade.

ABSTRACT

SEVERINO, Thiago Saveda. **Personal narratives: the hetero masculinity in the gay man's experiences**. 2022. Number of pages p. Dissertation (Master of Science) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2022. Corrected.

The present study sought to understand the influence and impact of the idea of hegemonic masculinity on the experience and identity of gay men. The research, qualitative, counted as techniques, with the collection of written reports of personal experience; semi-structured interview and use of images. The participants of this study were 8 gay men aged between 28 and 41 years old who moved from cities in the interior of Brazilian states to the capital of São Paulo. Regarding the results, it can be observed that the construction of the gay identity of these men takes place from a hegemonic pattern of masculinity. In this process, there is a constant negotiation of the visibility and invisibility of their bodies, with the objective of building an image of a straight man. It was found among the interviewees, common experiences of contexts marked by masculinizing actions, implicit and explicit, coordinated by different sectors of society, among which, the school environment and the domestic sphere. Likewise, violence, always present in memory, as a way of guiding and supervising their life experiences; the transit of the body as a passage of self-recognition and towards freedom; touch being described as an important element in the development of affection and in the discovery of the body of oneself and the other. Finally, affection between men is revealed as an element under the control of society, whether authorized or not, as well as desire, which, on the one hand, is understood as a way of pleasure, on the other, is seen as something prohibited. by society. It is possible to conclude from the study that the men interviewed adopt behaviors that express striking aspects of hegemonic masculinity. The signs of masculinity are circumscribed in the body and through the body they demarcate and reveal signs related to masculinity: virility, sexual potency, strength, rigidity. Muscular, youthful and hairy bodies support the intrinsic and necessary symbolic aspects to keep them passable as heterosexuals, guaranteeing them some of the privileges given to heterosexual men who occupy the top of the hierarchy regarding the model of masculinity. Therefore, there is a constant production of a masculinity whose goal is heterosexuality, considered by them as a natural fact. It is observed among the participants that the masculinities that most legitimize are, therefore, those that are heterocentric.

Keywords: Gender. Body. Masculinities. Gay man. Homosexuality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Personagem Pantera Negra 86
Figura 2 – Personagem Superman 87
Figura 3 – Jogador de futebol Neymar Jr 89
Figura 4 – Homem nu 90
Figura 5 – Homem nu 91
Figura 6 – Anthony Varecchia, Idade 53 anos, modelo 93
Figura 7 – Homem idoso 94
Figura 8 – Cantor Lulu Santos 95
Figura 9 – Homem em desfile de moda 96
Figura 10 – Homem transgênero grávido 97
Figura 11 – Rô Vicente, integrante do programa TODXS Embaixadorxs 2018 98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quadro Perfil dos Participantes 71

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	**CORPO, GÊNERO E ESPAÇO**	20
1.1	CORPO, GÊNERO E HOMOSSEXUALIDADE: A ATRIBUIÇÃO DE VALORES NA CONSTRUÇÃO DAS DIFERENÇAS	20
1.2	CORPO E ESPAÇO URBANO	27
1.3	CORPO HOMOSSEXUAL EM TRÂNSITO	30
2	**A PRODUÇÃO DAS MASCULINIDADES EM UM MUNDO ANDROCÊNTRICO**	36
2.1	MASCULINIDADES E HEGEMONIA	36
2.2	MODELOS DE MASCULINIDADE, DOMINAÇÃO MASCULINA E A ESTIGMATIZAÇÃO DO HOMEM GAY	39
2.3	UMA ÚNICA MEDIDA PARA TODOS OS HOMENS: MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E MARGINALIZADAS	44
3	**MÈTODOS**	49
3.1	ABORDAGEM METODOLÓGICA DO ESTUDO	49
3.2	OS PARTICIPANTES DA PESQUISA: DOS ACEITES AOS ENVIOS DE RELATOS	50
3.3	TÉCNICAS DE PESQUISA	51
3.4	“RETRATO 3x4”: APRESENTAÇÃO DOS INFORMANTES	53
3.5	A ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO	53
4	**ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**	56
4.1	“RETRATOS 3X4” – APRESENTANDO OS PARTICIPANTES E ORIENTANDO OLHARES	56
4.1.1	**Síntese do relato de Américo**	58
4.1.2	**Síntese do relato de Catulo**	60
4.1.3	**Síntese do relato de Gomes**	62
4.1.4	**Síntese do relato de Elói**	63
4.1.5	**Síntese do relato de Otávio**	64
4.1.6	**Síntese do relato de Remo**	65
4.1.7	**Síntese do relato de Facundo**	67
4.1.8	**Síntese do relato de Romeu**	69

4.2 A CONSTRUÇÃO DOS TÓPICOS TEMÁTICOS – AMPLIANDO HORIZONTES 73
4.2.1 **Masculinidade(s): o gay é homem mesmo?** 74
4.2.2 **Sobre imagens, homens e identidades masculinas** 85
4.2.3 **Uma pedagogia masculinizante** 99
4.2.4 **A presença da violência na constituição da memória e da identidade gay** 104
4.2.5 **Geografia dos corpos: transitar para ser homem gay** 107
4.2.6 **Corporeidade e homens gays: o toque, o afeto e o desejo** 110
CONSIDERAÇÕES FINAIS 117
REFERÊNCIAS..... 119
ANEXO A – RELATO DE EXPERIÊNCIA 124
ANEXO B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA 125
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 126

INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta e discute os resultados da pesquisa de mestrado em Estudos Culturais, intitulada **Narrativas pessoais: a masculinidade hétero nas vivências do homem gay**. O objetivo foi apreender das experiências e das memórias de homens gays migrantes como a masculinidade hegemônica influenciou as suas vivências.

O problema desta pesquisa tem origem na hipótese de que a noção comum que circula nos diversos âmbitos da sociedade sobre a identidade masculina é que ela é única, imutável; que é uma "entidade natural" do homem, colocada nele em um determinado momento em seu processo de educação, desde a infância, e que perdura para toda a vida, tornando-a, assim, uma norma e essa compreensão influencia as vivências dos homens gays, em diferentes áreas de sua vida. Essa questão é tratada por Connell e Pearse (2015). A partir de vastos estudos referentes a questões de gênero e das masculinidades, as autoras mostram a não existência de uma "essência" masculina, antes, um processo contínuo de construção da masculinidade.

Um exame cuidadoso dos relatos biográficos dos participantes desta pesquisa é capaz de evidenciar a não existência de uma "essência"[1] masculina, antes, um padrão normativo. Os anos passam e os sujeitos mudam, pois estão continuamente em construção. São construídos em relação ao outro e em relação ao mundo, logo, não há uma essência, mas sim, identidades em construção.

Stuart Hall (2006), em sua obra "A identidade cultural da pós-modernidade", sustenta que a noção individual da existência de uma identidade unificada desde o nascimento até a morte relaciona-se à construção de uma história confortável sobre si mesmo ou uma auto narrativa reconfortante. Para ele, a identidade totalmente reconhecível, completa, segura e consistente é uma ilusão. O autor assevera ainda que as identidades (pós)modernas estão sendo deslocadas ou fragmentadas.

A partir dos seus estudos, ele mostra que, desde o final do século 20, ocorre uma modificação estrutural que está transformando a sociedade (pós)moderna e o resultado disso é a divisão do cenário cultural de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado possibilitou aos indivíduos uma posição na sociedade menos variada. Segundo o autor, essas alterações também impactam as identidades pessoais, desestabilizando a noção individual de si mesmo pensado como um sujeito completo. Hall (2006) denomina essa perda de estabilidade de um sentido de si de deslocamento ou descentração do sujeito.

[1] Trabalhamos com o pressuposto das Ciências Sociais de que tudo que diz respeito ao humano no universo social resulta de uma construção, da relação entre indivíduo e sociedade, não havendo nada "em essência".

O autor ainda afirma que esse processo produz o sujeito (pós)moderno, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade, nesse contexto, torna-se uma celebração móvel: ela é constantemente formada e transformada em torno dos comportamentos individuais ou dos desafios do sistema cultural ao redor dos indivíduos, sendo definida historicamente e não biologicamente.

Há, portanto, identidades contraditórias movendo-se em direções diferentes, de modo que essas identificações estão em deslocamento constante, pois, com o desenvolvimento de novas referências e outras representações culturais, o indivíduo se depara com identidades possíveis e variadas e, pelo menos temporariamente, podem se auto identificar com cada uma delas.

A respeito disso, Connell e Pearse (2015) enfatizam um outro aspecto importante: a presença constante da lógica binária de gênero, no dia a dia. As autoras ressaltam que os indivíduos são, frequentemente, conduzidos a uma única possibilidade, que é dupla: ou se é masculino, ou se é feminino.

Funciona assim: quando se nasce alguém olha a genitália da criança e determina: é homem ou mulher, determinando aí uma infinidade de outras características identitárias, mas se esquece de levar em consideração que ainda não se construiu uma extensa história de vida e que isso certamente mudará a compreensão sobre aquele corpo que nasceu, porque o gênero e a sexualidade são partes da identidade e não toda ela (Connell e Pearse, 2015; Louro, 2017).

Dessa maneira, conforme esclarece as autoras, os sujeitos são forçados a aprender a ser homem e ser mulher dentro de um sistema sociocultural comumente binário, exemplo, em nossa sociedade, mulheres comumente usam saias, homens, não. Mulheres são vistas como emotivas, homens, jamais. Homens são tidos como fortes, mulheres, sensíveis. E nessa lógica da diferenciação de gênero, um não pode ser o outro, pois, o masculino não se confunde com o feminino e vice-versa, no entanto, não se leva em conta que no espaço existente entre o ser homem e o ser mulher, há inúmeras outras formas de existir, podendo-se ter várias identificações ao mesmo tempo e também deixar de tê-las. Vale ressaltar, de acordo com Connell e Pearse (2015) e Louro (2017), que se esse padrão binário é ensinado e aprendido, pode, então, ser desaprendido, combatido ou ressignificado de acordo com a singularidade de cada indivíduo, principalmente, quando esse padrão sustenta ou produz opressão, marginalização ou violências.

Tradicionalmente, as masculinidades, no mundo ocidental, foram produzidas como um repertório identitário para os homens, em um contexto culturalmente machista e patriarcal. Nesse ínterim, o heterossexismo se estabeleceu como um valor universal para o ser homem,

assim, o homem gay é desviado para fora do universal masculino. A homossexualidade se torna uma categoria de desvalor. No entanto, o universo masculino é uma invenção histórica utilizada como estratégia e prática de poder para impor um modelo rígido de masculinidade que tem oprimido as diversas expressões de masculinidade (Bourdieu, 2019) existentes. A ideia de masculinidade sempre esteve atrelada a condições instituídas arbitrariamente cerceando qualquer outro modo de praticá-la.

A partir dessas considerações, a pesquisa aqui proposta pretendeu produzir conhecimento sobre essa temática da masculinidade na vivência e construção de identidade de homem gay, a partir de seu trânsito do interior para a cidade de São Paulo.

Para tanto, este trabalho foi proposto no programa de Estudos Culturais, tendo em vista, em termos gerais, conforme explica Cevasco (2003), ser esta uma área que busca compreender as intersecções entre cultura, indivíduo e sociedade.

Conforme aponta a autora, os trabalhos elaborados nos Estudos Culturais investigam os movimentos de produção da cultura, discutem objetos culturais híbridos, configurações identitárias de grupos socialmente marginalizados, processos migratórios e trocas culturais que deles sucedem. Os Estudos Culturais colaboram para a crítica das disciplinas e saberes já legitimados, questionam a respeito dos jeitos como se produz tradicionalmente as pedagogias, as ciências, problematizando a construção do conhecimento no lado ocidental.

Algumas dessas dimensões, dentre as quais, as configurações identitárias de grupos socialmente marginalizados e os deslocamentos espaciais fizeram parte da problemática desta investigação.

Tendo em vista o caráter interpretativo desta pesquisa, utilizamos abordagem qualitativa de investigação. A análise contou com interpretação/reflexão dos dados coletados por meio de relatos biográficos escritos pelos participantes e entrevistas, ambos articulados a referenciais teóricos que orientam o presente trabalho, na compreensão da questão de pesquisa proposta.

No referente ao suporte teórico, destacam-se os seguintes autores: David Le Breton, e sua abordagem sociológica e antropológica sobre o corpo; Raywen Connell, e sua abordagem sociológica sobre gênero e Alicia M. Lindón, que traz uma abordagem sociológica e geógrafa sobre corpo e gênero. O uso desta base de autores, além de outros, serviu para construir reflexões teóricas para a compreensão do conceito corpo, gênero e masculinidades, buscando problematizá-los e aproximá-los das compreensões e leituras de mundo das narrativas pessoais dos homens participantes desta pesquisa.

Esses homens, sujeitos da pesquisa, foram escolhidos a partir do perfil que apresentaram: homens gays que viveram sua infância e adolescência em cidades do interior de qualquer estado e que na fase adulta passaram a viver na capital de São Paulo.

A presente dissertação tem como problema investigativo apreender como a masculinidade hegemônica influencia as vivências e identidade do homem gay.

OBJETIVOS

O objetivo geral deste estudo é compreender qual é a influência da masculinidade hegemônica – concebida historicamente dentro de uma cultura machista e patriarcal nas sociedades euro-ocidentais – nas vivências de um homem gay, no tocante ao aspecto das relações de gênero, de indivíduos que viveram sua infância e adolescência em cidades interioranas e que migraram, na fase adulta, para a grande cidade de São Paulo.

Também tem como objetivos específicos:

• Caracterizar a ideia padrão-normativa de masculinidade que circula na sociedade brasileira;

• Analisar o conceito de homem homossexual (gay) a partir da construção sócio-histórica estabelecendo relações de significado com a sua produção cultural;

• Problematizar a construção identitária de gênero do homem homossexual no contexto sociocultural brasileiro;

• Interpretar como a estigmatização da sexualidade do sujeito homossexual masculino afeta a sua construção de identidade de gênero.

No referente à organização, a dissertação está estruturada da seguinte maneira:

Na **Introdução** constam a apresentação do tema, do problema de pesquisa, dos objetivos e da organização dos capítulos.

No capítulo 01, **Corpo, gênero, espaço**, são discutidas noções que embasam a compreensão desses termos e sua articulação.

No capítulo 02, **A produção da masculinidade em um mundo androcêntrico**, é abordada a questão da produção do gênero masculino no mundo ocidental. Para tanto, são desenvolvidas discussões sobre identidades masculinas hegemônicas e outros modelos; sobre o conceito de masculinidade e como se dá sua produção no mundo ocidental.

No capítulo 03, **Métodos**, discute-se o trabalho de campo, as técnicas utilizadas e os sujeitos da pesquisa – perfil, reflexão sobre o processo de pesquisa, com encontros online.

No capítulo 04, **Análise e discussão dos resultados**, são trazidas reflexões sobre o trabalho de campo, onde são abordadas as relações entre as masculinidades e as vivências socioculturais do homem gay. Buscou-se discutir, dentre outros aspectos, como a identidade de gênero masculina atravessa as relações do homem gay na sociedade.

Por fim, serão apresentados os **Comentários Finais**, onde serão destacados os achados de pesquisa à luz da questão central da investigação e do referencial teórico que deu suporte às discussões. Também são trazidos comentários sobre todo o processo de pesquisa.

1 CORPO, GÊNERO E ESPAÇO

O presente capítulo busca enfocar as noções de corpo e gênero que embasam este trabalho e, a partir dessas noções, discutir os sentidos do corpo do gay em nossa sociedade, refletindo como neste corpo se inscreve noções hegemônicas de gênero e como este corpo se movimenta entre territórios. Partimos de referencial sociológico, apoiando-nos em David Le Breton, para a discussão sobre corpo, e em Raewyn Connell e Rebecca Pearse, na compreensão sobre gênero.

No referente à espacialidade e descolamentos do corpo, tomamos como base os estudos geográficos de Alicia Lindón, que faz um debate a respeito das intersecções e das transversalidades que abrangem corporeidade, emocionalidade, afetividade e espacialidade. Por fim, seguindo esta linha que entende o corpo como construção social e à luz das contribuições do filósofo Edward S. Casey, dos geógrafos Priscila M. Dal Gallo, Eduardo J. Marandola Jr. e Paulo Jorge Vieira, discorremos sobre os deslocamentos do corpo migrante motivados por inúmeros fatores, com destaque para a sexualidade, e a produção das identidades gays no espaço urbano.

Essas compreensões são atravessadas por questões relativas às noções sobre homossexualidade na sociedade brasileira e que são mobilizadas nas abordagens feitas por João Silvério Trevisan e por James N. Green.

1.1 CORPO, GÊNERO E HOMOSSEXUALIDADE: A ATRIBUIÇÃO DE VALORES NA CONSTRUÇÃO DAS DIFERENÇAS

Partimos de referencial teórico que tomam corpo e gênero como produtos da cultura. Esse processo de produção desenrola-se em contextos sociais específicos que também estão em constante construção (Le Breton, 2012; Connel; Pearse, 2015). O presente item dá ênfase a essas categorias - corpo e gênero -, entendendo que as mesmas são fundamentais para a compreensão da problemática levantada na presente investigação.

Um dos autores que fundamenta essa discussão é David Le Breton. Em sua obra “A Sociologia do Corpo” (2012), o autor problematiza a correlação entre os aspectos biológicos e a classificação dos gêneros masculino e feminino, a partir da biologia dos corpos. Ele afirma que é secundária a questão biológica. Como destaca o autor, existem inúmeras formas de representação do corpo, as quais precisam ser consideradas para pensar a classificação dos gêneros.

O corpo, destaca o autor, é lugar de valor e, simultaneamente, de imaginários, de ligações controversas cujas lógicas sociais é preciso entender, como o racismo, a homofobia, a heteronormatividade[1], as várias "deficiências" e os estigmas sociais, de um modo geral.

Conforme aponta, o corpo é portador de significados constituído dentro de um contexto social e cultural, evidenciando, assim, a sua relação com o mundo que o cerca:

> atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. (Le Breton, 2012, p. 7)

O corpo é a origem de um conjunto de sistemas simbólicos que dão base à existência individual e coletiva, além de propagar estas significações, ressalta o autor. "Ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator", afirma Le Breton, (2012).

Quando olhamos para a história do Brasil, por exemplo, na ocasião da ocupação das terras tupiniquins pelos portugueses, homens europeus de cultura letrada e diferente da indígena, como o famoso escrivão-mor da frota de Cabral, Pero Vaz de Caminha, em sua carta ao rei de Portugal, que retrata o corpo de mulheres e homens originários da nova terra imprimindo-lhes sua visão e registrando-a em palavras para futuras gerações (TREVISAN, 2018).

> Mais de uma vez, Caminha descreveu seus habitantes como "mancebos em geral bem-feitos, [...] de bons rostos e bons narizes" e "seus corpos são tão limpos, tão gordos e formosos a não mais poder". Com olhar arguto, observou várias vezes que os índios não eram circuncisos, mas, ao contrário, eram "assim como nós". Relatou também que "não fazem o menor caso de cobrir ou mostrar suas vergonhas, e nisso são tão inocentes como quando mostram o rosto". (Trevisan, 2018, p. 61)

Trevisan (2018) comenta em sua obra "Devassos no paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade" que muitos viajantes do período da conquista consideravam os indígenas brasileiros como humanos puros, no entanto, outros tantos viajantes não tinham o

---

[1] Saraiva, Santos e Pereira (2020) esclarecem que a palavra heteronormatividade é formada pelo vocábulo "norma" cuja referência está ligada a regras, regulação e a algo que é harmonioso; acrescido ao vocábulo "hétero" resultando como efeito a ideia de norma heterossexual vigente. Os autores ressaltam ainda que a noção de "norma" se refere ao que visto como normal e natural. Nesse sentido, a heteronormatividade se associa ao natural e esperado dos indivíduos. Ao mesmo tempo, ela é socialmente construída, achando-se presente no imaginário social. Um exemplo disso é a identificação de gestos que são atribuídos ao masculino e outros ao feminino, um binarismo bem demarcado e hierárquico. A heteronormatividade, "sendo um aglomerado de 'normas', é (re)criada por meio de discursos, práticas, crenças e costumes, influenciando diretamente na sociabilidade dos sujeitos". Em muitas circunstâncias, é vista como a única legítima maneira para a expressão da sexualidade. (SARAIVA, SANTOS E PEREIRA, pg. 2020).

mesmo ponto de vista. Desde humanos dignos de respeito a animais selvagens a serem domesticados ou doutrinados, os corpos indígenas foram revistos dentro de uma nova formação cultural.

O autor aponta que as práticas sexuais era uma grande preocupação dos homens europeus, porém, dentre elas aquela que tinha maior atenção era a prática do "pecado nefando", "sodomia" ou "sujidade" – denominações utilizadas para relações homossexuais. Trevisan (2018, p. p. 66 e 67) enfoca, a partir de relatos do período compreendido entre 1549 e 1894 feitos por viajantes, religiosos e pesquisadores, a prática sexual entre indígenas de idades e tribos diferentes:

> Diante disso que os cristãos consideravam "frouxidão de costumes" e atribuíam evidentemente ao paganismo, não é de admirar que os portugueses identificassem os indígenas com a prática da sodomia. Os conquistadores se acostumaram a chamar os índios de "bugres" ou "gentios". O primeiro termo (já na Idade Média) e o segundo (a partir da Bíblia) aplicavam-se sem distinção tanto ao herege quanto ao praticante da sodomia; isso porque o "pecado nefando" era quase sempre associado com o pecado maior da incredulidade ou heresia.

Green (2019), em sua obra de historiografia da homossexualidade masculina no Brasil do século XX, faz uma contextualização bastante importante para o a abordagem do corpo gay, especialmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, mostrando, assim, como este corpo é construído a partir de seus contextos socioculturais. No começo de sua obra, o autor usa metaforicamente a imagem de Carmen Miranda, no filme Banana da Terra (1938), sendo imitada por homens e mulheres. Essa escolha mostra a ambiguidade das relações de gênero, bem como a metáfora do carnaval que dissimula uma aparente aceitação de tais papéis.

Green (2019) mostra como aconteceu, dentro do recorte que ele aborda, o enfrentamento das regras rígidas dos papéis de gênero, como também o próprio reforço destes mesmos padrões, com uma suposta tolerância à homossexualidade. O historiador narra a construção da identidade homossexual, homens que, a partir das suas relações com os espaços que frequentavam para satisfazer suas inclinações afetivas e sexuais, transgrediam a representação tradicional do comportamento, vestuário e linguagem de gênero.

Estes dados históricos se coadunam com a abordagem de Le Breton (2012) que ressalta que o corpo não existe como significado fora do social; que ele não é uma "natureza", pois o corpo está envolvido na aparência das representações, ou seja, o que se vê são homens e mulheres, assim definidos segundo determinado tempo e lugar, e não corpos. O humano e o corpo são intrínsecos, um é inseparável do outro, enquanto significado:

> A imagem do corpo é aqui a imagem em si, alimentada pelas matérias simbólicas que mantêm sua existência em outros lugares e que cruzam o homem através de uma fina trama de correspondências. O corpo não se distingue da persona e as mesmas matérias-primas entram na composição do homem e da natureza que o cerca. Nessas concepções da pessoa, o homem não é separado do corpo, como normalmente considera o senso comum ocidental. (LE BRETON, 2012, p. 30)

Em sua obra, Le Breton (2012) aponta a importância da relação com o outro, na corporeidade. Conforme destaca, a sociologia do corpo reconhece de modo pleno a interferência dos pertencimentos culturais e sociais na fabricação do corpo não ignorando nesse processo a adaptabilidade que, geralmente, possibilita ao ator assimilar-se a um outro em uma outra sociedade e nela conseguir produzir, com o tempo, seus jeitos de ser, ordenados nesse outro referencial. Segundo o autor, "se a corporeidade é matéria de símbolo, ela não é uma fatalidade que o homem deve assumir e cujas manifestações ocorrem sem que ele nada possa fazer. Ao contrário, o corpo é objeto de uma construção social e cultural." (Le Breton, 2012).

Nessa direção da compreensão do corpo como construção cultural, Trevisan (2018, p. 206) destaca que "prestigiosos antropólogos e pesquisadores da atualidade reportaram a ocorrência de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo como um componente cultural de muitas tribos brasileiras". Mesmo com regras restritas relacionadas à diferente socialização masculina e feminina, as tribos de modo geral encaram "os papeis sexuais como uma construção do grupo, sendo eles, portanto, mutáveis" (Trevisan, 2018, p. 206).

> Quando na aldeia um homem certa vez adotou adornos femininos, passou a realizar tarefas de mulher e se amasiou com outro homem, o máximo que lhe fizeram foram brincadeiras, por quebrar padrões usuais. Chamado de "mulher habilidosa", por sua impressionante capacidade para tarefas femininas, ele viveu até o fim da vida com mulher. (TREVISAN, 2018, p. 207)

Nessa mesma orientação em relação à pluralidade de concepção do corpo, Green (2019), a partir de uma perspectiva histórica discute como o homem gay é visto de diferentes formas, no Brasil. Em um momento, o homem gay é visto como prostituto, vadio, em outro momento, como um criminoso e até mesmo um doente.

Green (2019) ainda destaca que em meados do século XIX, a homossexualidade não era encarada como crime, todavia, os homens que procuravam sexo com outros homens corriam o risco de ser acusados de: "atentar contra o pudor"; "atentado público ao pudor"; "uso de nome suposto" (travestir-se era ilegal); "vadiagem" (GREEN, 2019). Logo, o historiador deixa claro os inúmeros artifícios utilizados por autoridades para recriminar comportamentos relacionados ao homem homossexual.

Ademais, Green (2019) assinala que o tema da homossexualidade, à princípio, esteve vinculado à pornografia, em veículos de comunicação, como charges pornográficas na revista Rio Nu; contos homoeróticos ou mesmo, no Romance Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha. O historiador também destaca a constituição do "fanchono", o homem masculino que deseja relacionar-se sexualmente com homens femininos, denominado no fim do século XIX como "fresco". Ante o exposto, é possível visualizar a construção das identidades centradas nessas construções de gênero. O fanchono remetendo ao masculino e o fresco, ao feminino.

Green (2019) discute o fato de que, naquele momento, os homens homossexuais eram tratados como um problema social, tomados como sujeitos portadores de doenças a serem curadas por meio de alguma forma de intervenção terapêutica, como demonstram estudos médicos da época. Ao mesmo tempo, os homossexuais não eram descritos por eles mesmos. Como destaca o autor, "grande parte da descrição dos aspectos da vida dos sodomitas e pederastas no Rio de Janeiro do fim do século XIX e início do século XX depende do olhar dos médicos, chargistas e romancistas observadores do Rio antigo, e não da voz autêntica dos próprios homossexuais" (Green, 2019, p.115-116). Fabíola Rohden (2001), quando analisa o caso do médico Abel Parente que desenvolveu uma técnica que impedia mulheres temporariamente de conceber filhos por volta de 1893, mostra como a ginecologia produziu, a partir do seu olhar, um discurso sobre a natureza do corpo o feminino e seu papel voltado à maternidade. Assim como acontecia com os homossexuais as mulheres que iam contra sua "natureza" era relegada à posição marginal, patológica e imoral. Momento em que a higienização do espaço público ganha força.

Green (2019) ressalta que houve um processo de urbanização e higienização do centro do Rio. Segundo relata, era um projeto de elite, que buscou expurgar dissidentes, entre os quais os "pederastas" e "efeminados" - termos usados para designar os homossexuais no século XIX e início do XX.

> Contudo, o plano de renovação não eliminou por completo as evidências de caos, pobreza e deterioração urbana consideradas impróprias pela alta sociedade carioca. [...] E os homens que apreciavam relações sexuais com outros homens apegaram-se, obstinadamente, aos vários pontos do centro da cidade dos quais se haviam apropriado como lugares públicos para encontrar parceiros sexuais e socializar-se com os amigos. (GREEN, 2019, p. 63)

Green (2019) assinala que o homem gay que tinha certo cuidado com a aparência, com a vestimenta e que se permitia a penetração anal, denominado como "fresco", era concebido como passivo, por isso, era inscrito na posição de feminino. Já o "fanchono", concebido como

homem masculino, escapava aos olhares de observadores externos, os quais poderiam ser médicos, advogados, dentre outros interessados.

Como destaca Le Breton (2012), o corpo é um instrumento de projeção de sentidos, significados e valores. As modificações do corpo, desde as mais comuns às mais complexas, são modos de expressão capazes de revelar a construção identitária do humano e de "ir além das convenções impostas pela sociedade".

Em relação às imposições relacionadas ao comportamento em conformidade com o gênero, Raewyn Connell e Rebecca Pearse em sua obra "Gênero – uma perspectiva global – compreendendo o gênero – da esfera pessoal à política – no mundo contemporâneo" afirmam que existe um empenho social para orientar o comportamento das pessoas, havendo ideias a respeito de comportamentos apropriados a cada gênero circulando reiteradamente pelas posturas de inúmeros tipos de indivíduos.

As autoras afirmam que "ser homem ou uma mulher, então, não é um estado predeterminado. É um tornar-se; é uma condição ativamente em construção; [...] esse processo é frequentemente debatido como o desenvolvimento da 'identidade de gênero'" (Connell, Pearse, 2015, p. 38). Apesar de afirmarem que a expressão "identidade de gênero" é problemática para elas, a adoção dela serve para facilitar a reflexão sobre essa categoria. Segundo apontam, nossas ideias a respeito desse pertencimento e o seu significado, que tipo de pessoa somos, como resultado de sermos mulher ou homem, está inserido na identidade. Elas ressalvam que essas ideias não são propostas para nós, quando somos ainda bebês, como um conjunto fechado de itens para o nosso desenvolvimento no início da vida. Não se sabe, assim, em que momento rigorosamente se desenvolvem e, ao longo da trajetória de nossa formação, essas ideias vão sendo desenhadas.

> Como Beauvoir reconheceu mais adiante, as transações de nos tornamos pessoas generificadas seguem muitos caminhos diferentes, envolvem diversas tensões e ambiguidades e, às vezes, produzem resultados instáveis. Parte do mistério do gênero está em como um padrão que parece tão rígido e nítido na superfície pode ser tão complexo e incerto quando olhamos mais de perto. (CONNELL, PEARSE, 2015, p. p.p 38 e 39)

Assim, não podemos pensar o ser mulher e o ser homem como experiências fixadas pela natureza. Contudo também não podemos pensá-los apenas como uma imposição externa realizada. As pessoas constroem a si mesmas como masculinas ou femininas. Reivindicamos um lugar na ordem de gênero – ou respondemos ao lugar que nos é dado -, na maneira como nos conduzimos na vida cotidiana." (CONNELL, PEARSE, 2015, p.p. 38 e 39).

De acordo com as autoras, em alguns momentos, a construção da "identidade de gênero" tem como produto um padrão intermediário, uma mistura, um contraste nítido, para os quais denominamos estranho, queer, afeminado, afetado, transgênero: homens femininos e mulheres masculinas; mulheres atraídas afetivo-amorosamente por outras mulheres e homens, por outros homens.

O prazer, o reconhecimento e a identidade procedem das relações de gênero, concomitantemente, todavia, são a proveniência de injustiças e hostilidade. Isso denota que o gênero é uma categoria intrinsicamente política, a qual se constitui em um espaço de disputa. A desigualdade e a opressão, no âmbito do gênero, têm levado movimentos sociais a lutar por reformas em todos os segmentos da sociedade: educação, mídia de massa, mercado de trabalho, gestão pública, legislação, direitos reprodutivos, direitos humanos etc.

De acordo com as autoras, "em seu uso mais comum, então, o termo 'gênero' significa a diferença cultural entre mulheres e homens, baseada na divisão entre fêmeas e machos. A dicotomia e a diferença são a substância dessa ideia." (Connell, Pearse, 2015, p. 46). Para superar esses impasses, a solução é enfocar as relações e não as diferenças, pois, acima de tudo, gênero é uma questão das relações sociais que incorporam indivíduos e grupos.

As sociólogas afirmam que o gênero deve ser entendido como uma estrutura social, uma vez que a revisão de padrões profusamente disseminado entre relações sociais é chamada pela teoria social de "estrutura". Não é uma expressão da área biológica, tampouco uma dicotomia inalterável na vida ou da índole humana. É um modelo em nossos ajustamentos sociais a partir do qual as práticas do dia a dia são ordenadas.

> O gênero é uma estrutura social de um tipo particular – envolve uma relação específica com os corpos. Esse aspecto é reconhecido no senso comum que define gênero como uma expressão de diferenças naturais entre homens e mulheres. Somos uma das espécies que se reproduzem sexual, e não vegetativamente como as bactérias (embora a clonagem possa mudar isso em breve!). Alguns aspectos da nossa anatomia são especiais para esse propósito, e muitos processos biológicos em nossos corpos são afetados por isso. O que está errado com a definição do senso comum não é a atenção aos corpos, nem a preocupação com a reprodução sexual, mas a tentativa de inserir a complexidade biológica e sua adaptabilidade numa dicotomia rígida, e a ideia de que os padrões culturais apenas expressariam diferenças corporais. (CONNELL, PEARSE, 2015, p.p. 47 e 48.)

As autoras definem gênero como uma "estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais" (Connell, Pearse, 2015, p. 48).

> Essa definição produz importantes consequências. Entre elas: o gênero, como outras

> estruturas sociais, é multidimensional. Não diz respeito apenas à identidade, nem apenas ao trabalho, nem apenas ao poder, nem apenas à sexualidade, mas a tudo isso ao mesmo tempo. Padrões de gênero podem ser radicalmente diferentes entre contextos culturais distintos, e há certamente muita variedade entre as maneiras de pensá-los, mas ainda é possível pensar (a agir) entre culturas em relação ao gênero. O poder das estruturas na formação da ação individual faz com que o gênero quase sempre pareça não se transformar. No entanto, os arranjos de gênero estão sempre mudando, conforme as práticas humanas criam novas situações e as estruturas se desenvolvem tendendo a crises. Por fim, o gênero teve um começo e pode ter um fim. (CONNELL, PEARSE, 2015, p. 49).

Em síntese, as autoras afirmam que gênero é relativo à maneira com que as sociedades humanas encaram os corpos humanos e o seu encadeamento e como enfrentam a repercussão desse "encarar" para nossas vidas pessoais e nosso destino coletivo.

1.2 CORPO E ESPAÇO URBANO

Para a compreensão da relação entre corpo e gênero, tem-se em conta que o corpo está sempre inserido num determinado espaço. A relação entre corpo/emoções e espaço é objeto de atenção da geógrafa argentina Alicia Lindón (2009). A autora propõe que o estudo do corpo relacionado às emoções ajuda a trazer a compreensão da construção social do urbano e suas localidades, por meio dos sujeitos que o habitam, corporal e emocionalmente.

Para tanto, Lindón (2009) explora uma série de transversalidades e intersecções analíticas entre o corpo, as emoções, a cidade e a espacialidade. A autora afirma que uma dessas transversalidades é o que pode evidenciar a centralidade do sujeito como construtor do social, superando, assim, as concepções que enxergam o sujeito apenas como uma expressão de individualidade. Outro ponto importante nessas transversalidades é a relação entre a imaterialidade da vida urbana e a materialidade, onde outros encontros se configuram em torno da proximidade e conexões distantes.

Essas intersecções e transversalidades são importantes para a compreensão da cidade e da vida urbana como um incessante e emaranhado processo de construção socioespacial dos lugares pelos sujeitos (Lussault, 2007, apud. Lindón, 2009), superando percepções dicotômicas.

Segundo Lindón (2009), a sociedade é produzida e/ou reiteradamente reproduzida pelos sujeitos, o que implica, ao mesmo tempo, sua sujeição ao mundo social. Para a autora, o sujeito/ator tem se apresentado primordialmente como uma brecha analítica para o estudo de suas práticas, ação social e atuação, dado que a possibilidade de atuar não só decorre de um mundo próprio, subjetivo, mas também de um mundo de significações e inclinações compartilhadas com os outros.

A geógrafa ressalva que o ator se configura em ação social, exercício de poder, em corporeidade e emocionalidade. Para ela, a corporeidade é um tópico indispensável para a compreensão do social, sendo a condição de gênero um recorte oportuno para aclarar determinados aspectos da experiência espacial do indivíduo no espaço público. Nesse sentido, as perspectivas do sujeito-habitante, com sua corporeidade e emocionalidade, ajudam a compreender as cidades porque o urbano carrega consigo uma dimensão espacial inevitável, tanto no que diz respeito às formas espaciais (o morfológico) quanto à espacialidade da experiência do urbano, ou espacialidade de habitar a cidade (Lindón, 2009).

Green (2019) discute como historicamente os espaços favorecem a construção da corporeidade do homem gay e seus significados nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, principalmente. O autor salienta que ruas, praças, bares, restaurantes, boates têm papel fundamental para essa construção, estabelecendo valores, significados, normas, comportamentos e emoções.

Como esclarece Lindón (2009), tanto a cidade como a vida urbana se desdobram e se recriam constantemente, constituindo juntas um solo social fértil para o fornecimento de inteligibilidade para a compreensão do sujeito e sua ocupação espacializada em diversas circunstâncias.

Trevisan (2018) também discute esse aspecto, conforme relata, a cidade de São Paulo, foi ao longo das últimas décadas do século XX, transformando-se para acomodar homens gays. Diante de suas necessidades, a cidade passou a oferecer uma estrutura de serviços e comércio de produtos próprios para este grupo de homens.

> Além da multiplicação de saunas, boates, hotéis de transa, bares e restaurantes, apareceram cinemas pornôs gueis, agências de turismo e de matrimônio, academias, linhas telefônicas, revistas e jornais LGBT, colunas e anúncios sentimentais, em jornais de grande tiragem, para homossexuais masculinos e femininas, além de serviços direcionados ao público LGBT nas áreas de moda, esportes e cultura [...]. (TREVISAN, 2018, p. 376)

Vale destacar também que, conforme Trevisan (2018), é em São Paulo que acontece a Parada do Orgulho LGBT, um evento político de inegável importância na luta pelos direitos homossexuais no Brasil, reunindo milhões de pessoas com este intuito. Este evento é o resultado de inúmeras microssituações relacionadas a corporeidade, emocionalidade e espacialidade de pessoas LGBTQIA+ no espaço urbano.

De acordo com Lindón (2009), a espacialidade da cidade sempre se reporta a mundos muito distintos; há especificamente os tipos de lugares que detém interesse particular para o

olhar. Estes lugares da cidade, exterioridades, abertos, circulatórios e que apresentam expressão emblemática, são as ruas.

Para Lindón (2009), o conjunto de práticas do ator em seu território pode ser chamado de sujeito-corpo e, nele, a corporeidade não é apenas constitutiva do ator (e, consequentemente, de seu ato) também é uma forma de espacialidade. Então, ao conceber o sujeito como habitante, a dimensão espacial, antes de mais nada, é corporal. Por esse ângulo, as práticas de distanciamento e aproximação do outro que cada sujeito desenvolve em sua transição urbana diária podem ser definidas como microssituações. A autora ressalta que a análise de microssituações deve ser feita pelas práticas de mobilidade e por práticas que envolvem uma forma de estar - ou permanecer - nesses espaços exteriores.

Para a autora, é importante incluir analiticamente as práticas que implicam alguma forma de apropriação do lugar, ou seja, as práticas que configuram um lugar, práticas que expressam a identificação do sujeito com o local e a identificação do local com o sujeito, quer seja pela sua presença, quer seja pelo seu fazer. As práticas de apropriação de lugares podem ser efêmeras ou prolongadas. Todas elas contribuem para o caminho adequado da construção socioespacial da cidade.

Esse aspecto da construção socioespacial da cidade tem grande relevância na apreensão da circulação do homem gay. Green (2019) discute esse aspecto ao discorrer sobre a ocupação do espaço urbano entre fins do século XIX e início do XX, demonstrando a importância de certos lugares na cidade para que o homem gay pudesse ter seus momentos de lazer, de relações afetivas e sexuais etc.

> O espaço urbano mais conhecido para tais encontros era o Largo do Rossio, uma praça nos limites do centro antigo do Rio de Janeiro. A área teve suas fachadas remodeladas na época das reformas urbanas de Pereira Passos e se manteve como um local de socialização homoerótica desde o fim do século XIX até muito recentemente. [...]
>
> A atividade homossexual clandestina que se criou ali foi tamanha que, em 1870, o administrador da Intendência Municipal enviou um comunicado ao presidente desta informando a situação. Ele reclamava que a guarda municipal responsável pela vigilância dos jardins da praça havia “abandonado aqueles jardins na maior parte do dia à perversidade de garotos e de pessoas mal-intencionadas”. No entanto, sua reclamação praticamente não surtiu efeito, e a área continuou a atrair homens que buscavam outros homens para fins socioeróticos. (GREEN, 2019, p.p. 63-65)

Pensar o sujeito no espaço é, como destaca Lindón, tomar o sujeito-sentimento para a análise de microssituações, onde fazem parte as topofilias (apreço pelo lugar) e topofobias (rejeição pelo lugar) que estão relacionadas a determinadas práticas espaciais, como por exemplo estar ou ficar em dados lugares (Tuan, 1990; Relph, 1976 apud Lindón, 2009). Lindón

(2009) enfatiza que a prática de deslocamento pode ser acompanhada por topofilia, e, portanto, o deslocamento constitui uma experiência agradável que pode acontecer com a da mobilidade urbana, como a do passeio ou do vaguear sem rumo pela cidade. Enquanto em outros momentos, às vezes, o deslocamento é circunscrito de topofobia, constituindo-se uma situação de desconforto e desgosto, podendo ser efêmero e fugaz. Em alguns casos, a afetividade topofóbica leva o sujeito a estratégias para reduzir a visibilidade da própria corporeidade.

É possível verificar na história o acontecimento de experiências de topofilia e topofobia nas vivências de homens homossexuais, como relata Green (2019, p. 132):

> Assim como na virada do século, em meio à agitação do centro da cidade, os homens atraídos por outros homens flertavam, fofocavam, socializavam-se e desfrutavam juntos das atividades culturais sem atrair muita atenção. À noite, deixavam-se ficar ao lado dos postes, demoravam-se nos bancos dos parques, trocavam olhares desejosos e, depois, retiravam-se para as sombras de um edifício ou para um quarto alugado na zona de prostituição do bairro vizinho da Lapa, ou nas pensões ao redor da Praça Tiradentes, jamais perturbando a superfície da vida social glamourosa do Rio. Enquanto o parque que circundava a estátua do imperador Pedro I continuava servindo como um espaço público para as interações homossexuais, a bela praça central em frente ao Teatro Municipal tornou-se um novo local para ligações homoeróticas.

É necessário destacar que, segundo Lindón, embora microssituações possam ser reconhecidas como emergente da produção/reprodução da cidade, também estão inseridas, articuladas, orientadas, reguladas e até configuradas por processos que as precedem e as seguem. Basicamente, a autora se refere aos processos de formação das subjetividades sociais, de narrativização da subjetividade espacial, dos imaginários urbanos (Lindón, 2007c apud. Lindón 2009), mitos e fantasias urbanas.

Esses conceitos apresentados pela autora, em especial, topofilia e topofobia, são particularmente importantes para o presente estudo sobre as influências dos formatos de masculinidades na vivência de homens gays que saíram de um determinado espaço, o interior, e se estabeleceram na cidade de São Paulo.

1.3 CORPO HOMOSSEXUAL EM TRÂNSITO

Para pensar o corpo homossexual é importante levar em consideração que a identidade gay é antes de tudo uma identidade urbana. Fatores de diversas ordens provocaram a mobilidade de homens de cidades interioranas para as grandes cidades, vale destacar aqui a sexualidade como um desses fatores de migração. Como destaca Vieira (2011), em um artigo intitulado “Percursos em torno das fronteiras reais e imaginárias”, a mobilidade e a migração têm sido

fundamentais para o estabelecimento de concentrações urbanas de homens gay em grandes cidades.

Dal Gallo e Marandola Jr. (2010) declaram que os episódios de mobilidade e de deslocamento se consolidam como características expressivas das nossas sociedades contemporâneas. Esses deslocamentos não são fluidos, homogêneos ou lineares. Conforme assinalam os autores, "o migrante é um ser deslocado, movido de seu lugar primevo". O significado do que é esse quadro está nesse deslocamento. Para tanto, é necessário entender as causas e razões sociais que encantam ou excluem

> as populações, seus movimentos, os processos materiais, as consequências e implicações em diferentes escalas, os simbolismos e as transformações culturais do lugar enquanto dotado de significado e dinâmica cultural, permitindo um olhar para as dinâmicas próprias do e no espaço. (Dal Gallo e Marandola Jr., 2010, p. 01)

Green (2019) apresenta alguns casos de deslocamentos devido também à sexualidade no século XX, como o caso de um jovem identificado como um garçom pardo de vinte anos, saído do interior do estado do Espírito Santo para a capital do Rio de Janeiro; também há o caso de um jovem identificado como M. S. e seu cognome feminino Marina, que saiu do Norte do Brasil e se estabeleceu na cidade do Rio de Janeiro; a famosa figura folclórica Madame Satã, ou João Francisco dos Santos, seu nome de registro, vindo do interior do Pernambuco.

A migração é uma ocorrência que abrange a materialidade, a produção social e a corporeidade: lugar e ser. O corpo migrante é produzido em diversas localidades ao longo da sua construção social e cultural, sendo geograficamente situados. Em todas as fases de sua construção de gênero, o corpo está alocado em um território que detém circunstâncias variadas, sociais e culturais, as quais são impressas no corpo de maneira objetiva e subjetiva. O corpo tem dois pontos de trajeto: o de origem e o de trânsito, nos quais se dá sua produção constante (Vieira, 2011).

Sobre isso, Green (2019) mostra que entre os anos de 1945 e 1969 ocorreu uma ampla migração das áreas rurais para as urbanas, em especial, as capitais paulista e carioca. Neste período, houve uma grande transformação no setor econômico, cultural e social, formatando um novo comportamento de consumo ligado aos padrões culturais advindos de Nova York, Hollywood, Paris e Roma.

> No início desse período, a construção de papeis de gênero considerados apropriados alterou-se de modo contraditório. Os padrões de gênero rigidamente definidos que eram incentivados no Estado Novo começaram a afrouxar-se, à medida que mais mulheres passaram a compor a força de trabalho, a completar o ensino secundário e a

> buscar uma formação universitária. Contudo, ainda se esperava que essas mesmas mulheres se mantivessem virgens até o casamento, embalando e nutrindo famílias nas quais a última palavra ainda era a do homem. (GREEN, 2019, p. 262)

Rohden (2001) também discute esse aspecto. Como relata a autora, no século XIX, a sociedade percebia a mulher como um ser incapaz de controlar a sua sexualidade, devendo guardar a honra da família. A própria "natureza" já lhe mostrava seu destino, ser mãe. Mas também era preciso ser boa mãe, dedicada ao lar e aos filhos. Este era o tipo de mulher considerada normal, ou seja, boa mãe e esposa dedicada ao lar e à família. Segundo a autora, posições diferentes dessas eram vistas com desconfiança, havendo a necessidade do controle do marido para que ela não se entregasse ao adultério, uma vez que sua "natureza" era instável e perigosa. Fora da maternidade, ela era vista como infiel, concubina, manceba e outras formas consideradas imorais, características suficientes para definir a prostituição.

Conforme destaca Rohden (2001), os médicos indicavam que o jeito de andar, de sorrir, o como olhar, a presença da preguiça, a mentira, a depravação e o alcoolismo, até a ausência de senso moral, apetite sexual exaltado e limitados recursos intelectuais definiam uma mulher prostituta. Criou-se assim, uma dicotomia: de um lado, a mulher vista como normal e, do outro, a mulher prostituta, tida como louca, doente e criminosa. "A sexualidade não é própria das mulheres sadias e de família. Prova disso, para os médicos, eram as constantes e múltiplas doenças que afetavam as prostitutas. A estas últimas recomendava-se o casamento polido e regrado, pois era pela falta dele que adoeciam" (Rohden, 2001).

Um padrão que permitia a liberação sexual aos homens e ao mesmo tempo cobrava pureza moral das mulheres. No final da década de 60 do século XX, segundo Green (2019), aconteceu modificações culturais que questionaram esses valores e enfraqueceram os papeis sexuais tradicionais.

Papéis esses que se desenvolvem num dado tempo e espaço. O filósofo Edward S. Casey (2001) sustenta que não há lugar sem humano, nem humano sem lugar. Essa proposição mostra a indissociabilidade do ser-lugar, humano-espaço. O humano não só ocupa um espaço, ele é o que é no espaço onde se encontra.

Em conformidade com essa proposta, Green (2019) também traz em sua obra, práticas de deslocamento de homens gays

> Um dos milhares de jovens que migraram do campo para o Rio de Janeiro nos anos 30 foi um garçom "pardo" de vinte anos. Leonídio Ribeiro, o médico criminologista cujos escritos sobre o garçom nos deram uma ideia geral sobre a sua vida, apenas identificou o jovem por suas iniciais, H. O. O rapaz, a quem vou chamar de Henrique, era proveniente do Estado do Espírito Santo e, no Rio, trabalhava servindo refeições

> numa pensão do centro. Em 6 de dezembro de 1936, ele foi pego pela polícia.
>
> [...]
>
> No ano anterior, antes de mudar para o Rio, o jovem migrante explicou, ele não saía à noite em busca de aventuras. (Provavelmente não havia uma subcultura homossexual aberta no seu estado de origem.) chegando à capital federal, contudo, ele encontrou outras pessoas com as mesmas inclinações sexuais, com as quais gostava de passear à noite. (GREEN, 2019, p. p. 132 e 133).

O deslocamento leva o indivíduo a repensar seu lugar de origem por conta da sua mudança de territorialidade, da alteração da relação originária do eu e do lugar, pois isso implica deixar os locais de infância, juventude ou idade adulta, também responsáveis pela sua formação enquanto pessoa e sobre os quais também se construiu sua identidade (Vieira, 2011).

O local de trânsito representa uma nova realidade para o migrante no que se refere às questões culturais e espaciais. A integração, a assimilação, a separação ou a marginalização constitui um processo mais geral de adaptação do migrante, que agrupa dilemas comportamentais e culturais, além de acomodações do seu próprio jeito de ser. "Migrar é ser obrigado a desenvolver outros tipos de territorialidade, dando um salto em direção ao desconhecido" (Vieira, 2011).

Uma desses saltos refere-se à passagem do rural para o urbano. Green (2019) analisa esse aspecto e relata que nos anos 50 ocorreu a maior transferência de habitantes das áreas rurais para as urbanas. Ele também afirma que os sistemas sexuais e de gênero nas cidades pequenas e zona rurais funcionam numa condição de diferentes estruturas sociais, culturais e econômicas.

> No decorrer do século XX, literalmente centenas de milhares de homens que se conscientizaram de seus desejos e fantasias sexuais por outros homens deixaram suas famílias e amigos nas cidades do interior e migraram para a capital de seu estado, ou mudaram-se para o Rio de Janeiro ou São Paulo. Essas cidades se tornaram dois dos mais importantes centros para o surgimento de subculturas homossexuais. (GREEN, 2019, p. 45)

Partindo desse dado, vale destacar que o alinhamento de um indivíduo com o local é um processo complexo que não se dá aleatoriamente. Esse processo está alicerçado em laços emocionais, na afetividade e na afetação que o lugar ocasiona no indivíduo, configurando-se a base de todo o senso de lugar. O "lugar-ser" compõe-se através da percepção, sensação, cognição, representação e imaginação. A experiência tem como instrumento o corpo, principal mediador dessa relação (MERLEAU-PONTY, 1971 apud. Casey, 2001). Como desenvolve Casey (2001), o que o corpo experimenta tem resultado imediato sobre ele mesmo.

Corroborando com essa perspectiva, Dal Gallo e Marandola Jr. (2010) reconhecem que

há um processo gradativo e continuado de construção do lugar de trânsito que tem por finalidade suprir a necessidade do migrante de preservar a sua personalidade, a sua identidade e fazer com que ele volte a ter a sensação de pertencimento, porém, ele rompe com a noção de obrigatoriedade da assimilação e aculturamento.

Sobre isso, Green (2019) mostra que algumas famílias desprezaram e em alguns casos hospitalizaram membros masculinos considerados desviantes das condutas sociais determinadas por uma sociedade heterocêntrica, em contrapartida, mostra como outras famílias mantiveram membros desencaminhados em seu meio.

> Outros homens, ainda, fosse por sua marginalidade ou pelo distanciamento dos sistemas de apoio familiares tradicionais, construíram redes sociais alternativas do tipo familiar e encontraram apoio econômico e psicológico com amigos que compartilhavam seus desejos sexuais. (GREEN, 2019, p. 44).

A importância dos deslocamentos e das diferentes formas de mobilidade na construção dos gêneros é destacada por Vieira (2011). Segundo o autor, esse processo configura-se com uma expressão especificamente espacializada que tem como efeito múltiplas construções sociais, por exemplo: a invisibilidade almejada da homossexualidade por muitos homossexuais – constituem uma forma de resistência, de sociabilidade urbana, formas atreladas ao espaço público urbano. A opressão é um elemento sempre presente no modo como as vivências sociais e espaciais se constroem. Elementos fundantes do seu relacionamento social que dão suporte às suas comunidades de pertença. Efetivamente, o deslocamento para cidades grandes é um elemento importante para a construção do gênero.

Green (2019) demonstra esse processo quando relata que homens gays migrantes do Nordeste para as capitais do Rio e de São Paulo, ou do campo para o centro urbano, colocaram em xeque o modelo padrão no qual as pessoas estão subordinadas a vínculos familiares para se deslocarem de um lugar do Brasil para outro. O historiador mostra que inúmeros jovens fugiram do controle e condenação da família, dos parentes e de uma pequena cidade à procura do anonimato das metrópoles, de amizades com base numa identificação compartilhada e em experiências eróticas semelhantes, o que lhes oportunizou produzir laços mais intensos que os sanguíneos.

Por fim, todas as considerações feitas neste item são fundamentais para a presente investigação tendo em vista o foco no deslocamento de homens gays, do interior para a cidade de São Paulo, e o modo como esse trânsito e as referências de masculinidade influenciaram suas existências. Essas considerações nos permitirão embasar melhor a compreensão sobre os

deslocamentos realizados pelos sujeitos da presente pesquisa.

2 A PRODUÇÃO DAS MASCULINIDADES EM UM MUNDO ANDROCÊNTRICO

Este capítulo tem como objetivo enfocar noções contemporâneas de masculinidades e, mais particularmente, de masculinidades hegemônicas, em nossa sociedade. O texto inicia com uma contextualização do processo de construção das masculinidades hegemônicas e em seguida busca problematizar os modelos de masculinidade e a relação desses modelos com a questão da dominação masculina e com as masculinidades marginalizadas, subordinadas ou cúmplices. Para essas discussões, o presente capítulo fundamenta-se em autores de diferentes áreas do saber, com destaque para perspectivas sociológica e antropológica.

2.1 MASCULINIDADES E HEGEMONIA

Historicamente construídas, as masculinidades podem ser entendidas como um repertório, produzido em cultura, de representações dos modos de ser homem, que orienta e repercuti na atuação social dos indivíduos e na expressão das relações de gênero. As masculinidades dizem respeito ao direito fundamental de ser homem, não no sentido biológico/orgânico, mas no referente à forma de existir e de ser no mundo social. Almeida (1996, p. 2), destaca que a masculinidade não é somente a concepção cultural de um dado natural, mas um processo de elaboração contínuo, frágil e disputado. Ainda segundo o mesmo autor, “a manutenção desse processo é permanentemente vigiado e, sobretudo, auto-vigiado. O homem é socialmente cobrado e deve, o tempo todo, evitar posturas não másculas e, também, fornecer provas de sua masculinidade” (p. 163). Portanto, a masculinidade construída durante a vida é considerada um atributo que, assim como se adquire, pode ser perdida conforme as circunstâncias e a história de cada indivíduo (Hardy e Jimenez, 2001).

Raewyn Connell (2016), em sua obra “Gênero em termos reais”, ressalva que na história global, o imperialismo influenciou culturas, até mesmo a própria cultura imperialista, submetendo, de forma massiva, as dinâmicas sociais ao colonialismo. O mundo assim colonizado configura a ordem do gênero nas comunidades contemporâneas, principalmente no território Sul Global, determinando a produção de masculinidades e o ajustamento das relações de gênero em transições coloniais e pós-coloniais. O atual sistema de gênero se liga, assim, a um projeto colonial de poder. Resultado disso é a produção de uma masculinidade simplificada que tem repulsa pela fraqueza, receio da emotividade e preocupação em estipular e salvaguardar fronteiras sociais inflexíveis.

De acordo com Araújo e Zago (2019), em “Antropologia das masculinidades: contribuições teóricas para a saúde do homem”, na cultura Ocidental, um homem é reconhecido, tem poder e destaque diante de outros homens quando pratica e defende ações masculinizantes e tradicionais as quais o condecoram com domínio sobre todo o seu entorno. Não existe espaço para fragilidades na identidade de dominador e poderoso. Em sociedade, homens aprendem e compartilham significados, recebem e incorporam orientações, segundo processos contínuos de socialização, para a expressão dos menores gestos da conduta física e emocional dos seus corpos (Le Breton, 2012); aprendendo a como apresentá-los para a sociedade, orientado por revelando seu consentimento com os padrões de masculinidades estabelecidas.

O corpo é o território no qual a cultura imprime o que deve ser o gênero, desse modo, torna-se a estrutura em que se incorpora princípios, regras e sinais culturais constituídos dentro de um sistema de poder que regula os corpos em um paradigma no qual coexistem de modo articulado o biológico e o social. Os formatos masculinos são apreendidos culturalmente e são reproduzidos por meio da cultura.

Para os autores, isso mostra que a masculinidade não é uma entidade inalterável imbuída no corpo ou nos traços de personalidade dos sujeitos, na verdade, são ajustes das condutas realizados na dinâmica social. Mesmo assim, há um tipo hegemônico de masculinidade presente amplamente nas relações dos sujeitos cujo modelo é a heterossexualidade. Este elemento é a base da constituição dessa hegemonia que determina quais são os tipos mais centrais ou mais associados com autoridade e poder social.

As masculinidades hegemônicas[1] são referências que expressam, em diversos sentidos, ideias, fantasias e desejos amplamente difundidos (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) entre os homens.

Em seus estudos, Connell e Messerschmidt (2013) apresentam as principais referências vigentes na ordem do gênero masculino no lado Ocidental: a hegemônica, a subordinada, a cúmplice e a marginalizada. O primeiro tipo é aquele associado à legitimação do patriarcado,

[1] Conforme Connell e Messerschmidt (2013, pg...), o "conceito de masculinidade hegemônica foi primeiro proposto em relatórios de um estudo de campo sobre a desigualdade social nas escolas australianas; em uma discussão conceitual relacionada à construção das masculinidades e à experiência dos corpos de homens; e em um debate sobre o papel dos homens na política sindical australiana. [...] Os autores destacam que "padrões de masculinidade hegemônica podem mudar ao incorporarem elementos de outras masculinidades", como a "marginalização racial/étnica, a deficiência física, a desigualdade de classe ou a sexualidade estigmatizada". [...] Connell e Messerschmidt (2013, pg...) sugerem que a concepção da masculinidade hegemônica deve "incorporar um entendimento mais holístico da hierarquia de gênero, reconhecendo a agência dos grupos subordinados, tanto quanto o poder dos grupos dominantes e o condicionamento mútuo das dinâmicas de gênero e outras dinâmicas sociais".

responsável por favorecer o domínio dos homens e a sujeição das mulheres. Essa noção de masculinidades hegemônicas pressupõe a sujeição de masculinidades não hegemônicas.

> [...] a ideia de que a hierarquia das masculinidades é um padrão de hegemonia, não um padrão de uma hegemonia simples baseada na força. O consenso cultural, a centralidade discursiva, a institucionalização e a marginalização ou a deslegitimação de alternativas são características amplamente documentadas de masculinidades socialmente dominantes. Também muito apoiada é a ideia original de que a masculinidade hegemônica não necessita ser o padrão comum na vida diária de meninos e homens. Em vez disso, a hegemonia trabalha em parte através da produção de exemplos de masculinidade (como as estrelas dos esportes profissionais), símbolos que têm autoridade, apesar do fato de a maioria dos homens e meninos não viver de acordo com eles. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013)

Connell e Messerschmidt (2013) afirmam que para compreender as masculinidades existentes empiricamente deve-se levar em consideração os seguintes níveis:

> 1. local: construídas nas arenas da interação face a face das famílias, organizações e comunidades imediatas, conforme acontece comumente nas pesquisas etnográficas e de histórias de vida; 2. regional: construídas no nível da cultura ou do estado-nação, como ocorre com as pesquisas discursivas, políticas e demográficas; e 3. global: construídas nas arenas transnacionais das políticas mundiais, da mídia e do comércio transnacionais, como ocorre com os estudos emergentes sobre masculinidades e globalização. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013)

Connell e Messerschmidt (2013) afirmam ainda que esses três níveis – local; regional e global - se interrelacionam, como também são relevantes nas políticas de gênero. Aquilo que é instituído em nível global vai estar relacionado e também informar ordens de gênero nos níveis regionais e locais, do mesmo modo, ordens de gênero regionais produzem materiais culturais empregados ou redefinidos em disputas globais e igualmente referências de masculinidade as quais podem ser consideradas para o exercício de gênero local.

Em nível regional (Connell e Messerschmidt, 2013), as masculinidades hegemônicas atribuem formato a uma acepção de realidade masculina comum ampla, assim operando no domínio cultural como um dado disponível para ser também atualizado, modificado e revisto por meio do desempenho do indivíduo, nas interações sociais, a partir de um conjunto de situações locais distintas. Ao mesmo tempo, as masculinidades hegemônicas regionais trazem uma ordenação cultural que pode ser exercitada nas ações e no convívio cotidiano dos indivíduos, também orientando comportamentos.

O esporte, em especial, pode ser usado para ilustrar a ação mútua dos níveis regional e local (Connell e Messerschmidt (2013) nas masculinidades hegemônicas. O engajamento em atividades esportivas, tradicionalmente praticadas por homens heterossexuais, como o futebol

no Brasil, constroem referências masculinas hegemônicas nas sociedades ocidentais, afetando, dessa maneira, outras configurações locais. A influência existe, porém, não determina completamente a composição das relações de gênero e as masculinidades hegemônicas no nível local (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Essas figuras ilustram como determinados elementos constroem modelos de masculinidades hegemônicas, orientando certos posicionamentos e comportamentos considerados como apropriados, os quais se sustentam em uma cultura machista-patriarcal, historicamente marcada pela tentativa de garantir a dominância do homem e a submissão das mulheres e de outros homens, estigmatizados e não identificados nesse registro.

2.2 MODELOS DE MASCULINIDADE, DOMINAÇÃO MASCULINA E A ESTIGMATIZAÇÃO DO HOMEM GAY

Gouveia e Camino (2009) afirmam que a ideia de homem é algo bastante debatida, formulada, reformulada e amplamente disseminada em sociedade. Na construção da identidade de gênero do homem homossexual, conforme Junqueira (2007), as percepções e significados sobre a homossexualidade desempenham um fator de suma importância. Existem os significados que os indivíduos homossexuais atribuem à homossexualidade, bem como a compreensão das maneiras pelas quais a sociedade a percebe.

Como destaca o autor, a percepção do indivíduo sobre os significados atribuídos pelo social às relações de gênero interfere diretamente na sua forma de se expressar, viver e compreender a sua orientação sexual. Busca-se neste item problematizar o lugar do homem gay na sociedade, articulando dois eixos de compreensão a dominação masculina e a visão heterossexuada de mundo.

Grundmann (2011), em seu texto “Retorno a Brokeback Mountain”, analisa o filme Brokeback Mountain, dirigido por Ang Lee, que conta a história de Ennis Del Mar e Jack Twist, vaqueiros do estado de Wyoming, que se apaixonaram durante o verão de pastoreio e, a partir daí vivem um amor proibido. Os vaqueiros passam a se encontrar secretamente por décadas, pois mantinham casamentos e filhos. Conforme destaca o autor que analisa o filme, “Se, por um lado, o patriarcado permite que Ennis e Jack usem certas prerrogativas homossociais masculinas como álibi (suas ‘viagens de pescaria’), por outro, não oferece a eles oportunidades de consolidar seus escassos e parciais privilégios” (Grundmann, 2011, p. 29).

Pierre Bourdieu (2019), em “A dominação masculina”, lança luz sobre esse tema e reforça que, ao longo da era moderna, a ideia de masculinidade que circula amplamente é aquela

constituída nos países euro-ocidentais. Essa ideia de masculinidade se constituiu como formato padrão-normativo e que também serve de base aos formatos hegemônicos.

Bourdieu (2019) define a dominação masculina como uma violência simbólica, invisível a suas próprias vítimas e fundamentalmente realizada pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento, sendo esses os principais campos de elaboração e imposição de suas premissas.

Para Bourdieu (2019), a questão central seria a de desvelar os processos encarregados pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural, reconduzindo seu caráter puramente arbitrário e contingente à diferença entre o masculino e feminino.

Ainda conforme o autor, os aspectos biológicos, ajustados aos efeitos reais nos corpos e mentes, no "longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social" (p. 4), seriam suficientes para inverter efeitos e causas, naturalizando, assim, essa construção social. Ao longo da socialização, afirma o autor, homens e mulheres incorporam - como esquemas inconscientes de percepção e apreciação - as estruturas históricas da ordem masculina, assumindo o risco, portanto, de procurar compreender o fenômeno, a usar formas de pensamento que são, também, produtos dessa mesma dominação.

Gatti (2011), em capítulo intitulado "Duelos de titãs: Sandow e Schwarzenegger", do livro "Masculinidades – teoria, crítica e artes", mostra, a partir de uma análise feita das personas de Eugen Sandow e Arnold Schwarzenegger, como a figura do homem forte tem ocupado a mídia nos últimos cem anos e nossa memória arquetípica. Segundo o autor, "Parece sensato afirmar que, no imaginário universal, esse homem, dominador por excelência, permanece como significante de poder, a despeito das inúmeras narrativas em que é derrotado pela 'astúcia da mulher ou do homem mais fraco [...]". O ponto central dessas histórias está na representação da musculatura masculina como a imagem da sua superioridade em conflito direto. (Gatti, 2011, p. 223).

Como aponta o autor, Sandow era uma referência social de uma persona de porte atlético e capacidade intelectual destacada, muito presente no âmbito da comunicação de massa. O atleta esforçou-se para alcançar o ideal de beleza masculina da estatuária greco-romana, apresentando-se "como atleta grego, como homem pré-histórico armado de uma clava, como homem selvagem [...] ou como Adão, portando apenas uma edênica folha de parreira" (Gatti, 2011, p. 226).

No caso de Schwarzenegger, Gatti (2011) pondera que as suas medidas sobre-humanas o caracterizavam como grotesco, como Mikhail Bakhtin, ostentando marcas exageradas, hiperbólicas, excessivas, além de aparentar uma natureza impossível e improvável. "É

importante enfatizar que a persona de Schwarzenegger acumula plenamente todos os atributos do herói masculino heterossexual que se impõe pela força bruta" (Gatti, 2011, p. 230).
A análise desses personagens tem como interesse a melhor apreensão da dominação masculina.

Segundo Bourdieu (2019), é corrente aos dominantes a propensão de apresentar como universal o seu feitio particular de ser; sendo um indício da força da dominação masculina o fato de que esta desobriga qualquer justificativa. A ordem social reforça essa dominação de maneira efetiva - inclusive quanto à estruturação do espaço e do tempo - por intermédio da segmentação social do trabalho, cujos atributos são bastante desiguais para os dois sexos.

Estudos sobre a mulher também denunciam a existência de uma hierarquia social na qual uma suposta superioridade do homem daria a ele autorização para dominar, explorar e, até mesmo, violentar as mulheres (SAFFIOTI, 2001) e outros homens.

Em relação à sexualidade, destaca-se o fato de que a heterossexualidade é historicamente tomada como modelo superior de conduta com a subordinação sutil das demais sexualidades (WELZER-LANG, 2001). Nesse modo de gestão de corpos e desejos, as pessoas que buscam viver sexualidades não-heterocentradas enfrentam a estigmatização e a violência das diversas manifestações homofóbicas (SMIGAY, 2002).

A homofobia pode ser entendida como uma necessidade do indivíduo de afirmar uma postura de virilidade diante da repulsa em relação a identidades que subvertem as prescrições sociais para a masculinidade, sendo estas, estigmatizadas.

Como destaca Goffman (2017), o estigma está associado com a identidade social dos sujeitos e dos grupos sociais e pode acontecer em decorrência de três condições: abominações do corpo, como as malformações físicas; falta de caráter individual, como: vontade fraca, desonestidade, crenças falsas; e estigmas tribais de raça, nação e religião cuja transmissão pode ocorrer pela linguagem.

Existe um aspecto comum em todos esses tipos que está relacionado a inserção do indivíduo estigmatizado na relação social cotidiana. Essa inserção ocorreria facilmente se não fosse um traço que chama a atenção e afasta os outros indivíduos, suprimindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus (Goffman, 2017).

> Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável […]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande […] (GOFFMAN, 2017, p. 12).

Segundo Goffman (2017), a utilização do termo estigma ocorrerá em referência a um atributo demasiadamente depreciativo, todavia, só isso não basta, é necessário, de fato, uma linguagem de relações e não de atribuições, porque, conforme o autor, um atributo que estigmatiza alguém pode atestar a normalidade de outra pessoa, logo ele não é, intrinsicamente, nem horroroso nem desonroso.

Enfim, conforme o autor, as pessoas interpretam o estigma como um atributo de inferioridade ou como uma fraqueza moral. Quando alguém é reconhecido como portador do estigma, este passa a ser percebido como alguém sem valor e os outros acabam se afastando dele.

Borrillo (2016) afirma que essa diferenciação serve para ordenar um regime das sexualidades, colocando os comportamentos heterossexuais merecedores exclusivos da qualificação de modelo social e de parâmetro para qualquer outra sexualidade. A partir desse ordenamento sexual, o sexo biológico (macho/fêmea) designaria um desejo sexual único (hétero), logo, uma conduta sexual vista como inerente (masculino/feminino). “Sexismo e homofobia aparecem, portanto, como componentes necessários do regime binário das sexualidades” (BORRILLO, 2016, p. 16).

Desviando dessa ordenação “natural” que atrela a biologia ao comportamento sexual para cada sexo, um sujeito homossexual masculino é visto, nessa concepção sexista como alguém que adota comportamentos do sexo oposto. Por isso, segundo Gouveia e Canino (2009), a homossexualidade masculina é mais estigmatizada.

Essa estigmatização é histórica. Green (2019) discute essa questão mostrando que a estigmatização acontece por meio da produção de escritos de criminalistas, médicos, jornalistas, advogados ao considerarem os homens homossexuais como pederastas, sodomitas, prostitutos, pessoas imorais ou doentes. O encarceramento policial a homossexuais, acusados de vadiagem, atentado ao pudor e prostituição, mesmo quando nenhuma dessas acusações tenham sido confirmadas, contribuíram com o reforço do estigma. Ao mesmo tempo, indivíduos autodeclarados não binários também têm tido importante papel na revisão de paradigmas.

Gouveia e Camino (2009) argumentam que a vivência da identidade masculina homossexual é marcada por uma ambivalência entre a submissão e as tentativas de rupturas em relação à heteronormatividade. Segundo os autores, alguns sujeitos se posicionam de forma submissa à heteronormatividade, com a adoção da identidade masculina heterossexual como norma e as demais sexualidades como desviantes. Esses indivíduos sentem necessidade de viver nos parâmetros da heterossexualidade.

Os autores ainda afirmam que a ideia da vivência da identidade masculina homossexual se dá em um processo de construção de diferenciação de uma identidade heterossexual que já é dada pelo contexto social. Como discutido, atrelada à dominação masculina, a visão heterocentrada elege a sexualidade heterossexual como legítima e as demais como marginais. Como destaca Borrilo (2016, p. 31), "essa qualidade normativa – e o ideal que ela encarna – é constitutiva de uma forma específica de dominação, chamada heterossexismo, que se define como a crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade ocupa a posição superior".

Como destaca Junqueira (2007), a dominação masculina heterossexual cisgênero fez com que os diversos gêneros ficassem marginalizados e, dessa maneira, as possibilidades de outros modelos de masculinidade fora da ideia hegemônica foram constrangidas, ou seja, a heteronormatividade hegemônica limitou a diversidade possível das masculinidades, o que leva à usurpação do direito do homem gay ser reconhecido como um ser masculino no seu formato próprio de se expressar, bem como à exclusão simbólica do homem gay na imagem hegemônica do ser masculino.

Estudo realizado por Pizzinato, Maracci-Cardoso e Rosa (2018), sobre a produção da masculinidade em matérias da Revista VIP mostra como o heterossexismo assume espaço hegemônico como norma de masculinidade. O estudo é resultado de uma análise de dados midiáticos virtuais referentes a ideais de masculino, analisando as formas pelas quais a mídia propaga modelos possíveis de "ser homem" na atualidade brasileira.

Conforme apontam os autores, no que se refere às relações de gênero, no momento contemporâneo, em especial, aos ideais de masculinidades, pode-se dizer que são inúmeros os discursos que se relacionam à produção de padrões e expectativas de gênero, circunscrevendo corpos.

Os autores afirmam que dentro das relações de poder que operam neste processo, enfatiza-se o papel da mídia como produtora de subjetividades, propondo papéis e traçando os limites para o entendimento das figuras de homens e mulheres na sociedade.

Hennigen e Costa (apud. Pizzinato, Maracci-Cardoso e Rosa, 2018), fazendo também referência à mídia apontam a centralidade do consumo de imagens na composição dos ideais de consumo identitário, de forma que a mídia, principalmente em seu viés publicitário, deva ser entendida como fundamental na constituição das subjetividades contemporâneas, posto que ela processa a comercialização de modos de vida. Estes tomam uma abrangência significativa, uma vez que a linguagem publicitária se estabelece como narrativas disponíveis por e para todos, construindo assim modelos e ideais difundidos como hegemônicos.

Os autores notaram que o discurso da revista presume noções não interseccionais de masculinidade, restritas de antemão ao seu público-alvo. O recorte de classe, que, na realidade brasileira, surte inevitavelmente em um recorte racial, faz-se presente de modo transversal às publicações, de forma que as imagens de masculino apresentadas são, em sua maioria, de homens brancos.

Nas imagens da referida revista, a heterossexualidade aparece como valor fundante do ideal de masculino, que é abordado transversalmente, toda a sua concepção do início ao fim. A heterossexualidade, assim, é o elo que garante ao "novo homem" uma conexão direta ao ideal nostálgico que surge como resposta à desestabilização do consumo, e, por esta razão, não será abandonada pelos discursos da "nova masculinidade" – tampouco serão abandonados os privilégios de raça e classe (Pizzinato, Maracci-Cardoso e Rosa, 2018).

A publicação permite que determinados itens privados sejam acoplados à inteligibilidade (Butler apud. Pizzinato, Maracci-Cardoso e Rosa, 2018) social do masculino a partir de acordos e mediações subjetivas, nas quais se interseccionam padrões de sexualidade e classe. Pode-se, por exemplo, consumir itens voltados aos cuidados estéticos, contanto que o sujeito consumidor se mantenha alinhado à norma heterossexual.

A ideia de masculinidade heterocentrada tida como única verdadeira e, por isso, impacta na formação identitária do homem, de modo geral, pois, no âmbito da formação da sua sexualidade, vivemos em uma sociedade heteronormativa, onde o esperado é a união heterossexual, sendo as demais sexualidades consideradas aberrações e desvios (JUNQUEIRA, 2007). Borrilo (2016) também discute esse aspecto e afirma que fora do heterossexismo, outras formas de sexualidades são consideradas, "na melhor das hipóteses, incompletas, acidentais e perversas; e, na pior, patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização" (BORRILLO, 2016, p. 31).

2.3 UMA ÚNICA MEDIDA PARA TODOS OS HOMENS: MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E MARGINALIZADAS

Mesmo diante de formatos plurais de masculinidades, os modelos cujos princípios estão centrados numa visão de mundo heterossexual circulam em maior proporção nas relações dos sujeitos, configurando, assim, como uma conduta padrão-normativa para todos os homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Nesse sentido, o homem para ser "homem" tem que se apropriar das características estruturais das masculinidades hegemônicas heterocentradas ao longo da sua formação identitária, tais como: virilidade, potência sexual, alta hierarquização.

Essas características se juntam à consideração de feminização daqueles que são considerados desviantes da normalidade estabelecida pelo grupo hétero-dominante, que ocupa posição social de privilégios ante os outros gêneros e homofobia (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Essas características se estruturam e se consolidam nas experiências formativas – educação formal, educação não formal e educação informal - da vida dos homens. Como desenvolvem Oliveira e Silva (2019), a virilidade muito comum na rotina dos homens, desde sua infância, não é um elemento estático, apresentando, ao contrário, significados diferentes para os diversos grupos de indivíduos, segundo períodos diferentes de sua vida. O parâmetro de delimitação se dá em relação às mulheres e aos outros homens; ele se refere a qualquer uma das características masculinas vistas positivamente dentro de um conjunto mais amplo.

Ainda de acordo com as autoras, a origem da ideia de virilidade está associada, comumente, aos sinais de força: vigor, saúde, robustez e rigidez, especialmente na educação de filhos, estando também relacionada com a fertilidade do homem, condição do que é ser considerado másculo, ativo, potente, trabalhador, provedor, vigoroso ou valente (Santos, 2019).

Oliveira e Silva (2019) argumentam que, culturalmente, o estereótipo de virilidade está relacionado com o comportamento do homem, mas não todo homem, somente o heterossexual, pois as outras sexualidades masculinas são concebidas como desviantes, ou seja, não são parte desta “unidade” porque não fazem parte do grupo hegemônico.

A virilidade é interpretada como um sinônimo da libido, principalmente do homem, que condiciona seu desempenho para o sexo, ou seja, determinando os seus repertórios sexuais e também o impulso energizado pela libido.

Além disso, nas relações cotidianas dos homens com as mulheres e com os outros homens, a alta hierarquização é a prática comum fazendo parte da organização dos papéis sociais de gênero.

Fabíola Rohden (2006) em “Sexualidade e gênero na medicina” aborda questões importantes sobre o discurso biológico e racional acerca do corpo da mulher. A pesquisadora desvela a busca da prescrição de práticas e a determinação de papéis sociais adequados para homens e mulheres. Conforme a autora, “a um determinado corpo correspondia a um determinado tipo de comportamento” (p. 13). Ressalta que no século XIX a medicina “passa a ser definida como a grande ciência capaz de traduzir para a sociedade os desígnios naturais a partir de métodos considerados objetivos e racionais” (FABÍOLA ROHDEN, 2003, p. 11).

Rohden (2006) aponta que a aspectos biológicos do corpo da mulher eram marcadores usados pela classe médica com a intenção de balizar de maneira rígida as diferenças entre homens e mulheres.

Nesse ínterim, o conhecimento médico reafirma a capacidade reprodutora e a maternidade como elemento central para a organização social. O caso do médico Abel Parente é utilizado como exemplo para ilustrar essa afirmação. No ano de 1893, Abel propõe o método de “esterilização voluntária de mulheres”, porém o método foi criticado por profissionais médicos, homens públicos e juristas, com a justificativa que poderia ocasionar danos físicos, psicológicos, morais e sociais. Ademais, o argumento principal defendido a fim de enfraquecer a proposta de Abel Parente foi o fato de que a disseminação da esterilização poderia levar as mulheres a abandonar o lar, o marido e os filhos, pois, conforme a Sociedade de Higiene do Brasil, o medo da concepção matinha as mulheres casadas. Em decorrência disso, segundo a autora, houve a repercussão de um forte discurso de valorização da maternidade.

Rohden (2006) explica que os argumentos usados se baseavam em uma consistente tendência de valorizar a dimensão biológica, compreendida como natural, e a omissão do domínio cultural. Dado que, de acordo com a autora, a partir da “natureza” buscou-se demarcar os papeis e/ou funções sociais essenciais a mulher e o homem, isto é, cabe ao homem ocupar os espaços públicos, enquanto a mulher deve dedicar-se ao cuidado dos filhos e manutenção da família.

No referente aos homens, o homem jovem e heterossexual ocupa o lugar mais alto de privilégios (Santos, 2019), enquanto os demais são categorizados em níveis mais baixos conforme se distanciem do quadro de características que circunscrevem o masculino heterocentrado, (OLIVEIRA; SILVA, 2019; ARAÚJO; ZAGO, 2019).

Homens considerados velhos, por exemplo são geralmente tidos como indivíduos frágeis, sem virilidade, improdutivos e senis (Lima e Junior, 2018).

Nesta hierarquia forjada no interior de um processo altamente opressor, os sujeitos considerados de menor valor são feminizados; concebidos como desviantes da normalidade estabelecida pelo grupo hétero-dominante ressaltam (Lima e Junior, 2018). Essa feminização é geralmente utilizada como uma forma de degradação e humilhação, sinal de desvio do padrão hétero-dominante.

Uma relação entre feminização e desqualificação, embasadas numa naturalização da figura da mulher relacionada a certas atribuições e a certas emoções consideradas como parte integrante da natureza da mulher dentre as quais os cuidados maternos (Rohden, 2009).

Num outro polo está o homem heterossexual, na alta hierarquização, o homem hétero tem mais privilégios do que aqueles tidos como desviantes (ARAÚJO; ZAGO, 2019), alvos de diferentes formas de ataques homofóbicos.

Morin e Garfinkle (1978) conceituam a homofobia como um ato ou manifestação de ódio, aversão, repulsa, rejeição ou medo (muitas vezes irracional) contra os homossexuais, cujo resultado são violências de caráter social, psicológico ou físico.

Borrillo (2016) ressalta que a homofobia é um fenômeno complexo que se apresenta como piadas vulgares e como formas mais brutais, como o extermínio. O autor também ressalta que o elemento primordial da homofobia é o desprezo irracional e até mesmo o ódio em relação à gays e lésbicas. Segundo o autor, "a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irredutível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos" (BORRILLO, 2016, p. 13).

O autor ainda afirma que a homofobia cumpre uma função relevante. Na mesma proporção que inferioriza a homossexualidade, ela garante a heterossexualidade um status superior, fixando-a no plano natural e referendando, assim, a hierarquia das sexualidades. Dessa hierarquia faz parte certa tolerância em relação a mulheres lésbicas e a homens gays, considerados pertencentes a um lugar à margem. A homofobia confere à sexualidade dessas pessoas uma feição inacabada e secundária. "Aceita na esfera intima da vida privada, a homossexualidade torna-se insuportável ao reivindicar, publicamente, sua equivalência à heterossexualidade" (BORRILLO, 2016, p. 17).

Na circunferência das masculinidades hegemônicas, surgem as masculinidades marginalizadas

> […] a marginalização é sempre relacionada à autorização da masculinidade hegemônica do grupo dominante. Assim, nos Estados Unidos, atletas negros específicos podem ser típicos exemplos da masculinidade hegemônica, mas a fama e o dinheiro destes super astros não têm efeito benéfico: eles não refletem uma autorização social para os homens negros em geral. (Connell, 2005, p. 81).

Para Connell (2005), todos os tipos de masculinidades que não se enquadram nas prerrogativas das masculinidades hegemônicas são concebidos como marginalizados. Eles se vinculam com as relações de poder que as masculinidades hegemônicas operam sobre as outras masculinidades, estas, alvo de discriminação que é reforçada pela condição subordinada de classe social e etnia. Mesmo homens que compartilham características das masculinidades hegemônicas, uma vez que estejam em grupos marginalizados, são desvalorizados socialmente. A autora conclui que a relação entre marginalização e autorização pode existir também entre masculinidades subordinadas.

Como destacam Connell e Messerschmidt (2013), a masculinidade subordinada diz respeito à dominância e subordinação entre grupos de homens, como é o caso da dominação dos homens heterossexuais e a subordinação dos homens homossexuais.

Connell (2000) enfatiza a violência e a discriminação socioeconômica na subordinação da masculinidade gay, a mais visível nas culturas europeias e da América do Norte, todavia, essa discriminação não se restringe exclusivamente à homossexualidade. A autora ainda ressalta que os homens heterossexuais também podem ser privados do grupo da legitimidade, dependendo do seu prestígio econômico e social.

Welzer-Lang (2001) também argumenta que a política normativa que protege a heterossexualidade, a qual, segundo o autor se integra uma raiz homofóbica, é fundada no abrigo da superioridade masculina. Dessa normativa fazem parte expectativas socialmente construídas, de uma determinada performance sexual que circunscreve um homem "normal", e que tem como referência a virilidade, seja na aparência física ou nas práticas sexuais do indivíduo.

Connell (2005) define as masculinidades cúmplices como aquelas que se beneficiam de alguma forma do sistema patriarcal. Segundo Costa (1998), há uma certa identificação dos homens com as práticas das masculinidades hegemônicas, ou seja, eles apreendem e usufruem de algumas regalias do patriarcado mesmo sem admitir abertamente a posição assumida.

> A masculinidade cúmplice se define pela conexão com o projeto de masculinidade hegemônica, mas sem a completa incorporação desse projeto. São masculinidades cúmplices porque percebem e desfrutam de algumas vantagens do patriarcado sem, no entanto, defenderem publicamente essa posição (COSTA, 1998).

Essas considerações são importantes para a apreensão dos modelos de masculinidades que informam os entrevistados da presente pesquisa e que foram revelados nas entrevistas, nos relatos biográficos entregues e na interpretação das imagens que lhes foram apresentadas.

3 MÉTODOS

Este capítulo apresentará a discussão sobre o trabalho de campo, das técnicas utilizadas e dos sujeitos da pesquisa – perfil, reflexão sobre o processo de pesquisa, com encontros online e presencial.

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA DO ESTUDO

As questões e os objetivos desta investigação levaram a adotar uma modalidade qualitativa da investigação. Martins (2004) esclarece que este tipo de pesquisa privilegia o estudo de micro processos, por meio da exploração das ações sociais individuais e de grupos, efetivando uma verificação acentuada dos materiais, e definida pela heterodoxia no momento da análise. Dando espaço para o exercício da intuição e imaginação do pesquisador, como se faz num trabalho artesanal. Condição esta para o esquadrinhamento da análise e para a liberdade intelectual. O resultado disso é a produção de um conhecimento útil, mas também claramente orientado por um projeto ético com vistas na solidariedade, na harmonia e criatividade.

Enfim, este tipo de pesquisa "baseia suas conclusões nas descrições do real cultural que lhe interessa para tirar dela os significados que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade" (TRIVINOS, 1987, p. 121).

Conforme afirma Minayo (2016), a abordagem qualitativa se ocupa do estudo da história, das relações, das representações, das convicções, das percepções e dos pontos de vistas, produtos das interpretações que os humanos fazem acerca de como vivem. A autora ainda afirma que a pesquisa qualitativa admite expor ações sociais não muito correntes dos referentes grupos particulares.

Epistemologicamente, o fenômeno aqui estudado será compreendido a partir de uma perspectiva interpretativa e orientada para a apreensão de como cada indivíduo enxerga o mundo e dá sentido ao universo social com o qual se relaciona (Creswell, 2010).

Partindo dessa abordagem, foi feita uma busca por participantes[1] com base nos seguintes critérios: serem homens que se percebem como homossexuais, que tiveram sua infância e adolescência em cidades interioranas e que migraram, na fase adulta, para a cidade de São

[1] Esta pesquisa foi desenvolvida em conformidade com as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução CNS 466/12) de Diretrizes e Normas Regulamentadoras de pesquisa com seres humanos. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP sob o protocolo de número 39863320.2.0000.5390.

Paulo. Este recorte se deveu à busca de sujeitos que, por saírem de sua cidade, poderiam ter atravessado momentos de tensões e/ou contradições na formação das suas identidades, estas, ancoradas à mudanças no próprio contexto social. Como desenvolve Hall (2006), as sociedades modernas, no final do século XX, passaram por diversas e profundas transformações, resultando em fragmentação dos cenários culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade e indeterminação das posições sociais dos indivíduos.

Desse modo, destaca Hall (2006), nossas identidades pessoais também se transformam, desconstruindo-se. Esta desconstrução de um "sentido de si" estável é denominada pelo autor de deslocamento ou descentração do sujeito. Hall (2006) afirma a existência de um duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – as quais resulta em uma "crise de identidade" para o indivíduo.

Essas questões informaram a busca por indivíduos homossexuais que saíram de sua cidade de origem, no interior, e vieram para São Paulo. Buscou-se, com isso, indagar dos sujeitos da pesquisa sobre as suas experiências no contexto em que estiveram e estão hoje inseridos.

Diante disso, optou-se pelo estudo de relatos e de entrevistas como estratégia de investigação com o intuito de apreender a influência dos formatos das masculinidades nas vivências de homens gays. Assim como propõe Yin, questionamentos do tipo "como" e por quê" foram imprescindíveis para a construção da problematização deste estudo (YIN, 2005).

3.2 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA: DOS ACEITES INICIAIS AOS ENVIOS DE RELATOS

Os participantes deste estudo são compostos por homens com idade entre 28 e 41 anos, que se percebem como homossexuais, tiveram sua infância e adolescência em cidades interioranas e que migraram, na fase adulta, para a grande cidade de São Paulo. O contato com esses participantes deu-se por meio de uma sondagem realizada nas redes sociais do pesquisador, com solicitação de replicadores, com a intenção de angariar possíveis participantes da pesquisa.

Essa sondagem contou com a elaboração de um breve anúncio[2] em um formato

[2] Texto do anúncio: "amigos, preciso da ajuda de vocês. Estou desenvolvendo minha pesquisa de mestrado e preciso conversar com homens gays que viveram a infância e adolescência em alguma cidade do interior de qualquer estado e se mudaram para a cidade de São Paulo na fase adulta. Se você se encaixa nesse perfil ou conhece alguém, por favor, entre em contato comigo."

considerado adequado para as redes sociais, solicitando uma conversa, para uma pesquisa, com homens gays que viveram a infância e adolescência em alguma cidade do interior de qualquer estado e que se mudaram para a cidade de São Paulo, na fase adulta. Este anúncio foi divulgado no Instagram, Facebook e WhatsApp. Além do pesquisador, outras pessoas também replicaram o anúncio em suas contas, nas mesmas redes. Os homens que se mostraram interessados entraram em contato com o pesquisador, que fez uma breve explicação de como seria o procedimento de pesquisa para assim o interessado dizer se conseguiria participar ou não da pesquisa.

Tendo esta lista formulada, os possíveis participantes foram informados das etapas e procedimentos da pesquisa da seguinte maneira: primeiro, foi enviado o termo de consentimento livre e esclarecido, assim eles puderam ler e ter a noção geral do que se tratava a pesquisa e como ela iria acontecer, após, isso não havendo dúvidas por parte deles, então, eles receberam as orientações para a produção do relato de experiência. A princípio, trinta pessoas concordaram em participar da pesquisa. No entanto, ao longo dos contatos, apenas oito permaneceram até o final do processo. Muitos nem assinaram o TCLE e nem fizeram o relato, outros poucos enviaram ao pesquisador o TCLE assinado, porém não escreveram o relato. Alguns só prometeram realizar o solicitado, no entanto, não o fizeram.

Nos meses entre dezembro e março, foi solicitada a produção dos relatos pessoais e, após isso, o pesquisador realizou as entrevistas que aconteceram de forma virtual, por meio de uma plataforma de interação instantânea (*google meet*), respeitando, assim, o protocolo de segurança devido ao quadro mundial da pandemia de COVID 19.

3.3 TÉCNICAS DE PESQUISA

A pesquisa contou como técnicas: relato de experiências (ANEXO 1); entrevista semiestruturada (ANEXO 2) e utilização de imagens[3].

Numa primeira etapa, o pesquisador solicitou aos participantes a produção de relatos pessoais. Assim, eles foram orientados a relatar suas experiências de vida abordando a construção de suas identidades, a partir da escrita de um texto livre, em que relatassem sobre as suas vivências gerais no tocante às relações de gênero e à sexualidade.

[3] O critério de seleção das imagens utilizadas como técnica de pesquisa foi a diversidade de biotipos. Além disso, essas imagens foram escolhidas, porque, algumas delas fazem referência à figuras masculinas amplamente difundidas ao redor do globo por meio da mídia de massa, ou à figuras masculinas regionalmente famosas, e consumidas nas localidades, também, porque, nelas figuram corpos, atitudes, vestimentas e personalidades de padrões diferentes presentes no cotidiano local e regional.

Após receber esses relatos, o pesquisador agendou com cada participante um momento de aproximadamente 50 minutos para realizar as entrevistas semiestruturadas que aconteceram de forma virtual e foram gravadas com autorização prévia de cada participante. As entrevistas foram realizadas por meio de uma plataforma de interação instantânea (google meet), respeitando-se, assim, o protocolo de segurança devido ao quadro mundial da pandemia de COVID 19. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas a partir de um roteiro composto de duas partes.

A etapa das entrevistas consistiu em: a) formulação das perguntas; b) elaboração de um roteiro com apontamentos para execução da entrevista; c) coleta de dados do entrevistado, transcrição e análise, esta, articulada à análise dos comentários sobre as imagens e dos relatos entregues.

Na primeira parte, os indivíduos foram convidados a responder perguntas previamente elaboradas e outras que surgiram conforme o andamento das entrevistas. Na segunda parte, os indivíduos foram convidados a tecer comentários sobre algumas imagens previamente selecionadas, que mostram personalidades ou personagens de homens conhecidos na grande mídia. Buscou-se nessas imagens, apresentar aos pesquisados diferentes corpos masculinos, no referente ao peso corporal, idade, raça, estilo. A ideia era que comentassem sobre cada uma das fotos em relação à noções de masculinidade.

As entrevistas foram posteriormente transcritas por meio do recurso digital *Web Captioner*, que faz a transcrição de áudio e permite salvá-lo em arquivo de texto. Em seguida, o pesquisador revisou cada uma das entrevistas transcritas comparando-as com o audiovisual buscando e corrigindo qualquer falha que houvesse na transcrição.

A entrevista semiestruturada permitiu ao pesquisador a construção de uma orientação de temas e questões, com a possibilidade de inserir outras perguntas ou mesmo suprimir do roteiro aquilo que porventura o entrevistado se antecipou a comentar. Conforme Richardson (1999), esta modalidade de entrevista busca obter o que o entrevistado julga como mais pertinente sobre determinado tema. O autor destaca que por meio de uma conversação guiada, procura-se obter informações pormenorizadas que possam ser usadas em uma análise qualitativa. “[...] As perguntas dependem do entrevistador que elabora um guia, e o entrevistado tem a liberdade de expressar-se como quiser guiado pelo entrevistador” (RICHARDSON, 1999, p. 212).

As entrevistas semiestruturadas possibilitaram a verificação dos temas abordados nos relatos, bem como a ampliação de sua compreensão.

O bom entrosamento estabelecido entre pesquisador e pesquisado foi de fundamental

importância para um fluxo produtivo das entrevistas. A coleta de material foi desafiadora, porque apesar de existir uma quantidade bastante grande de homens no perfil da pesquisa, muitos deles não se sentiram à vontade para falar sobre o assunto do projeto, como pôde ser percebido a partir da recusa expressa de participar e mesmo da não entrega do relato que foi solicitado.

3.4 RETRATO 3X4: APRESENTAÇÃO DOS INFORMANTES

Como mencionado em item anterior, antes da realização das entrevistas, foi solicitado aos participantes o envio de relatos biográficos nos quais pudessem destacar questões relacionadas à sexualidade e a saída do interior para a cidade de São Paulo.

A partir do trabalho com estes materiais foi possível observar que cada caso é único e complexo; cada sujeito está inserido em realidades sociais próprias e essas realidades informam os limites e possibilidades de ação. Partindo dessa consideração, busca-se trazer à luz relatos biográficos apreendendo significados construídos por esses indivíduos, por meio da interpretação das falas, apreendidas tanto nas entrevistas quanto nos relatos biográficos e nos comentários das imagens que lhes foram apresentadas.

Orientado pela dinâmica denominada por Stasevskas (2014) de “Retrato 3x4”, a apresentação dos participantes da pesquisa foi feita por meio de um “retrato” cujo objetivo é fazer uma exposição sucinta do sujeito, levando em conta as observações do pesquisador, dos relatos e partes das entrevistas. O retrato 3X4 é, portanto, resultado de uma construção do pesquisador, feita a partir de informações obtidas dos sujeitos pesquisados.

Stasevskas (2014) explica que na elaboração dos retratos deve-se registrar o que foi entendido como marcas relevantes do “discurso personificado”, ou seja, criar um retrato uma vez que os participantes são vistos pelo ângulo do pesquisador que pode buscar semelhanças e diferenças entre os participantes, como destaca Stasevskas (2004).

Após leitura atenta de cada um dos relatos coletados, acompanhada de anotações e de comparações entre eles, foi destacado temas específicos que fizeram parte tanto da elaboração do roteiro de entrevistas, funcionando como o ponto de partida para encaminhá-las, quanto da análise.

3.5 A ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO

Para a análise do material coletado (relatos biográficos, entrevistas semiestruturadas e

comentários de imagens) foi adotada a metodologia da Teoria Fundamentada nos Dados (CHARMAZ, 2009), que pressupõe a interação entre os indivíduos e o contexto no qual estão inseridos, utilizando-se a comunicação para mostrar as reflexões ocorridas nas interações/ações e identificando como foram desenvolvidas e ressignificadas durante o processo da pesquisa para entender como e por que os participantes constroem determinados significados e ações em situações específicas.

Como discute Charmaz (2009, p. 24), essas sequências temporais não são estáticas, "[...] porque o presente resulta do passado, mas nunca é exatamente a mesma coisa" uma vez que sofre modificações locais, que podem influenciar contextos mais amplos, surgindo peculiaridades que podem representar alguma flutuação e incerteza.

Outro princípio desse método é o trabalho simultâneo da interdependência e do encadeamento circular de todas as ações do processo de pesquisa, favorecendo o conhecimento dos dados sob um novo ângulo e a exploração de ideias sobre os dados, permitindo ao pesquisador um direcionamento analítico (Charmaz, 2009).

No referente ao processo de análise, foi necessário primeiro realizar uma organização do material coletado. Esta organização permitiu verificar o que estava disponível, no caso, os relatos e as anotações do pesquisador sobre os mesmos, as entrevistas em áudio-vídeo e os arquivos de texto com as entrevistas cuidadosamente transcritas. Após essa organização, o pesquisador realizou a leitura de todo o material escrito.

Em seguida, foi realizado o estudo separado e individual de cada material, de modo a facilitar a compreensão de cada relato de vida. Pimenta (2007, apud. Bertaux, 1997) explica que no relato de vida o informante conta a totalidade ou parte de sua experiência vivida. É um tipo de material narrativo que abrange somente fragmentos da experiência vivida e parte da pressuposição que qualquer produção discursiva narrativa do sujeito pode ser tomada como um objeto de análise.

Sendo assim, foi possível focar em trajetórias específicas interessantes para a compreensão da relação entre a masculinidade hegemônica e as vivências dos participantes. Os relatos de vida proporcionaram a apreensão das lógicas de ação em seu desenvolvimento biográfico (dimensão microssocial) do mesmo modo que as dinâmicas de construção e de transformação das relações sociais em sua elaboração histórica (macrossocial). Isso, porque, os sujeitos puderam explicar, precisar e comentar as descrições das circunstâncias, acontecimentos e artifícios empregado em suas trajetórias, além de identificar os motivos que os conduziram a tomar dadas decisões. Essa contribuição permitiu evidenciar as dinâmicas de interação social nas quais estão inseridos e de que maneira elas podem afetar as suas vivências (Pimenta, 2007,

apud. Bertaux, 1997).

Apoiado nisso, foi elaborado, o mencionado “Retrato 3x4” Stasevskas (2014) de cada participante, constando algumas especificidades também importantes para a fase de análise posterior.

Depois disso, conforme orienta Charmaz (2009), o pesquisador novamente se debruçou sobre o material coletado e transcrito buscando interpretar os significados e ações que os participantes construíram em circunstâncias específicas ao longo de suas jornadas, fazendo aproximações entre o conjunto de todo o material coletado, a partir de suporte teórico que sustentou as reflexões. O resultado foi a elaboração de tópicos temáticos cujo propósito foi explorar os sentidos das narrativas pessoais dos participantes na compreensão sobre os modelos de masculinidades entre os homens gays, sujeitos da pesquisa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo busca voltar o olhar à vida de homens gays; ao modo como se apresentam, tanto por meio de imagens quanto por meio de seus relatos pessoais. Cada um desses indivíduos, compartilhou, à sua maneira, partes de suas histórias que, neste capítulo, se tornam objetos de análise.

4.1 "RETRATOS 3X4" – APRESENTANDO OS PARTICIPANTES E ORIENTANDO OLHARES

Orientado pela dinâmica denominada por Stasevskas (2014) de "Retrato 3x4", a apresentação dos participantes desta pesquisa será feita por meio de um "retrato" cujo objetivo é fazer uma exposição sucinta do sujeito, levando em conta os relatos produzidos por eles e as observações do pesquisador.

Cada um dos retratos resulta, assim, de uma combinação entre o modo como o pesquisado se apresenta e a forma como o pesquisador observa e condensa essas informações. O retrato constitui-se de uma síntese, pelo pesquisador, do que foi dito por cada um dos sujeitos entrevistados.

Semelhante a um processo fotográfico, o pesquisador busca retratar o que vê da imagem que cada participante constrói de si, de sua história de vida. Nessa construção dos retratos, são expostas as circunstâncias nas quais os participantes estão inseridos, mostrando suas semelhanças e diferenças e as características gerais que os congregam em um grupo (Stasevskas, 2014).

Como destacado no capítulo Métodos e metodologia, o pesquisador solicitou aos entrevistados um relato de experiência pessoal em que eles abordassem a construção de suas identidades, escrevendo, principalmente, a respeito de suas vivências gerais no tocante ao gênero e à sexualidade. A partir desses relatos foi elaborada a identificação de cada participante por meio da utilização de nomes fictícios, buscando-se preservar os indivíduos.

Stasevskas (2014) explica que na elaboração dos retratos se registra o que foi entendido como marcas relevantes do discurso personificado, tornando evidente o motivo de chamar retrato, pois os participantes são vistos pelo ângulo do pesquisador, da qual faz parte sua própria representação sobre o universo pesquisado e o necessário esforço de relativização e afastamento de suas próprias referências.

O material recebido nesta etapa deu condições para a identificação, verificação e

apreciação das experiências dos sujeitos sendo este o ponto de partida para o encaminhamento das entrevistas.

Após leitura atenta de cada um dos relatos, acompanhada de anotações e de comparações entre eles, foi possível construir tópicos temáticos que foram utilizados para a análise das entrevistas: a instrução e a orientação para a masculinidade hegemônica; o toque dos corpos; o afeto; o trânsito entre territórios; a fabricação dos desejos; a rejeição e a violência frequentes e o desconforto de ser diferente.

Importante também a apresentação do quadro sociodemográfico com as informações coletadas ao longo de todo esse processo de investigação, e que está localizado depois da apresentação de todos os relatos (QUADRO 1).

4.1.1 Síntese do relato de Américo

Américo é nascido em São Paulo, no entanto, ainda quando era um bebê, sua família mudou-se de cidade, passando a viver em Dracena, cidade do interior do estado de São Paulo. Lá passou sua infância e adolescência. Ele conta em seu relato que suas primeiras recordações relacionadas à sexualidade ocorreram entre os seus 5 e 6 anos de idade. Ressalta que a primeira vez que foi tocado por um homem foi em uma visita a um médico acompanhado por sua mãe a fim de avaliar sua fimose. Américo esclarece que o médico puxou bruscamente o "freio" do seu pênis e que doeu, mas em sua recordação, após sair do consultório, com dor, ele entendeu que meninos poderiam tocar em outros meninos.

Outras de suas lembranças são as brincadeiras com os garotos da sua vizinhança. Ele diz que, quando brincavam de esconde-esconde nas casas em fase de construção, havia um deles, um pouco mais velho, que sempre se escondia com ele para ficar se esfregando nele durante a brincadeira. Américo destaca que não entendia direito o que era aquilo, mas gostava e deixava o "esfrega-esfrega" acontecer.

Em seu relato, Américo também conta que seus pais eram membros de uma igreja protestante. Enfatiza que nesta comunidade havia uma família muito próxima da sua, composta por um casal com três filhos homens. Ele considerava-os como irmãos. Frequentava a casa deles em todos os finais de semana e por lá dormia com a mesma frequência. Ele conta que o mais velho dos três irmãos tinha uma diferença de 4 anos a mais que ele, ou seja, ele tinha por volta de 8 anos e o amigo entre 11 e 12 anos.

Américo relata que os três irmãos dormiam no mesmo quarto. Aos sábados, Américo se juntava a eles, pois, na manhã de domingo iam à igreja. Diz ele que durante a noite, o irmão mais velho descia ao seu colchão, a fim de "ficarem". Ele afirma que esta relação existiu até os seus 16 anos.

Em seu relato ele explicita que sempre se sentiu atraído por pessoas do mesmo sexo e usa o termo "naturalmente" para destacar isso. Diz que nunca teve uma crise de identidade ou dúvidas acerca de sua sexualidade. Ele conta que achava normal e afirma que gostava. Segundo seu relato, o seu maior problema era a questão dos trejeitos femininos. Ele diz que isso o incomodava, pois as pessoas o criticavam e algumas delas faziam bullying com ele. Seu pai sempre falava coisas como: "vira homem", "toma jeito".

Aos 11 anos, conta ele que seu pai o obrigou a trabalhar em uma oficina mecânica. Também o matriculou em atividades consideradas masculinas, como: andar a cavalo e judô. A ideia era fazê-lo conviver e aprender a ser um "macho".

Aos 18 anos, relata que, quando começou a namorar, decidiu contar a sua mãe sobre a sua orientação sexual. Ele diz que foi uma época de uma relação muito difícil com ela, porque brigavam bastante, resultando em choros e tensões entre eles. Quando completou 21 anos, conta que se mudou da cidade onde morava para a capital, sua intenção era conquistar a sua independência e viver livremente a sua sexualidade, pois, segundo o seu relato, em Dracena não era possível, porque era uma cidade muito pequena.

Atualmente, aos 35 anos, ele conta que percebe que apesar de experimentar a sua sexualidade sem culpa, ainda carrega bloqueios e frustrações, principalmente, os relacionados aos trejeitos femininos. Em seu relato ele afirma "*penso que muitas pessoas não serão atraídas por mim por eu não ser 100% 'machão', isso obviamente afetou minha autoestima e hoje em dia é pauta da terapia que tem sido minha aliada para o resgate e aceitação do Américo do jeito que é*". Neste trecho, ele destaca a questão da passabilidade.

4.1.2 Síntese do relato de Catulo

Catulo tem 40 anos, nascido no interior de São Paulo, em uma cidade chamada São Luiz do Paraitinga. Mora na capital há 16 anos. É filho único de pais aposentados atualmente. Se considera um sonhador nato, relata que sempre quis lecionar. Cursou o magistério. Também cursou matemática por alguns períodos, no entanto, segundo conta, as peripécias da vida o fizeram caminhar para algo que lhe desse um rendimento financeiro mais rápido para que não passasse por qualquer necessidade.

Atualmente, ele é massoterapeuta formado pelo Instituto Senac, trabalha, exclusivamente, com o público gay. Ele conta que apesar de gostar muito do seu trabalho, percebe que sua ocupação não é bem-vista. Afirma que sempre acontece algum empecilho ou desconforto, como, por exemplo, tem que lidar com preconceito por trabalhar em uma sauna. Ele considera o tipo da sua atuação profissional uma ferramenta bastante importante hoje em dia, principalmente, em uma megalópole como São Paulo, pois ele percebe que o cuidado com o bem-estar é importante.

Quando ainda morava no interior com toda a sua família, conta que sempre se sentia deslocado, pois se considerava diferente em tudo: no jeito de fazer as coisas, na capacidade de se colocar no lugar do outro, em se sensibilizar em qualquer circunstância, por estudar e ter notas excelentes, por disposto a ajudar, por ser amoroso e amigável.

Ele diz que entendeu rápido sua condição de gênero e sexualidade, afirma ainda que não teve problemas com relação a isso. Enfatiza que sempre houve piadinhas, risadinhas, cochichos bobos, mas, declara que se manteve firme diante dessas situações. Ele conta que permaneceram ao seu lado os amigos, considerados por ele como verdadeiros.

Em seu relato diz que "*apesar de amar muito minha família, escolhi viver longe para poder amadurecer e entender o verdadeiro significado de tudo. E São Paulo me mostrou isso e muito mais, além de entender que eu precisava começar a viver como um adulto e não como um filho protegido. Não me sinto realizado ainda, mas a bagagem de aprendizagem é enorme, aqui você cresce na marra, doa a quem doer*".

Conta que ao longo da sua vida até agora, não se sentiu inferiorizado por homens e mulheres heterossexuais, nem na capital e, muito menos, no interior. Em sua compreensão as pessoas com pouca instrução educacional têm dificuldade de entender certas questões relacionadas à gênero e sexualidade, porque carregam fundamentos baseados em crenças.

Ele finaliza seu relato afirmando que se considera um verdadeiro homem, porque se aceita, é saudável, honra com seus compromissos, é muito amado, faz parte de coletividade, se

construiu um homem digno, é sonhador e espera sempre o melhor dos outros. Para ele, o fato de sentir todos os sentimentos e desejos pelo mesmo sexo, nunca lhe tornou um homem frágil e, muito menos, com medo de demonstrar isso para todos e para o mundo. Diz ainda que tem orgulho de ser um homem gay e manifesta a vontade de ser um homem gay para sempre. Termina afirmando que nasceu para ser feliz e não para agradar os outros, que conhece o seu lugar e faz a sua parte da melhor maneira possível, respeitando tudo e todos.

4.1.3 Síntese do relato de Gomes

Gomes tem 32 anos, é nascido em Joinville, Santa Catarina, viveu nesta cidade a sua infância, a adolescência e parte da sua vida adulta, atualmente, mora em São Paulo.

Durante vinte e quatro anos, ele conta que se escondeu atrás do estereótipo 'heterossexual' com medo da pressão da família e com medo de que seus pais, quando descobrissem, o colocassem para fora de casa, por isso, ele namorou meninas dos 16 aos 24 anos, teve relações sexuais.

Ele destaca que, neste momento da sua vida, como não sentia atração no ato sexual por sua parceira, como estratégia, então, assistia filmes de conteúdo pornográfico, focando sua atenção e libido nos homens que contracenavam nos filmes, assim, ele conseguia se estimular para efetivar o sexo.

Conta, ainda, que a partir dos 18 anos, começou a viver algumas experiências sexuais com homens. Ele fazia isso escondido. Como já era maior de idade e tinha carro, viajava para as cidades próximas e como ninguém o conhecia, ele se permitia viver aquilo que na cidade dele não era permitido, então, somente teve relações sexuais com homens depois dos seus 22 anos. Nessa época, diz ele que já não namorava meninas, apenas ficava com elas em festas, mas não assumia compromisso.

Ele se considera um homem gay cisgênero[7]. Afirma que conhece sua sexualidade e sabe, exatamente, que a sua preferência sexual é, hoje, por homens. Diz ainda que o que o torna um homem gay é a sua escolha sexual, ou seja, a sua atração e o seu desejo por outros homens. Ele afirma compreender isso hoje, porque, sempre sentiu essa atração, sempre sentiu desejo por homens. Declara que por muito tempo reprimiu isso, por causa do medo e da insegurança.

Hoje ele é casado com um homem gay cis gênero. Conta que tem uma relação ótima com suas famílias e tem uma vida confortável. Termina seu relato enfatizando que essa é a história da sua descoberta e que gosta muito de falar sobre ela nos dias de hoje, porque o moldou o homem que é hoje.

---

[7] De acordo com o Dicionário Online de Português, cisgênero diz-se da pessoa que se identifica completamente com o seu gênero de nascimento; refere-se às mulheres e aos homens em completa conformidade com os órgãos sexuais que lhes foram atribuídos à nascença; opõe-se ao transgênero (não identificação com o gênero de nascimento).

4.1.4 Síntese do relato de Elói

Em seu relato, Elói inicia se identificando como homem gay de 38 anos, nascido em Carazinho no interior do Rio Grande do Sul. Ele é formado em logística, atualmente, cursa gestão de qualidade e trabalha como comissário de voo. Muito cedo, aos 21 anos, foi transferido pela empresa, onde trabalhava anteriormente, para assumir um cargo em São Paulo, onde não conhecia absolutamente ninguém. Deixou, literalmente, para trás o convívio diário com família, amigos e esportes que praticava para entrar no estilo de vida executivo paulistano, sem tempo para qualquer outra atividade que não fosse o trabalho. Ao perceber que estava levando uma vida que não estava mais lhe trazendo felicidade, aos 23 anos, mudou completamente de profissão e tornou-se comissário de voo, profissão que exerce há 15 anos, segundo ele, com muita alegria e dedicação.

Sua família ainda mora no Sul. Ele conta que divide seu tempo entre dar atenção aos amigos, aos familiares e à sua vida em São Paulo: viagens e jornadas de trabalho. Ele diz que está solteiro há exatamente 6 anos e hoje em dia vive uma vida de jovem solteiro em São Paulo. Ele é apreciador de boas conversas, bares e festas.

Quando ele descobriu sua sexualidade era muito jovem. Em seu relato, ele destaca que mesmo não compreendendo muito bem, desde sempre sentiu atração por meninos. Tinha pouco interesse por esportes violentos, brigas. Sempre preferiu estudar, ler e estar entre os adultos. Sua sexualidade foi descoberta em brincadeiras com amigos, quando ele tinha aproximadamente 7 anos.

Por pressão da sociedade e família, namorou meninas na adolescência. Perdeu sua virgindade, para ele, muito tarde, aos 19 anos com uma mulher e teve sua primeira relação sexual com um homem um mês depois, mais ou menos.

Considera-se homem por gostar do estereótipo masculino; por se sentir à vontade, feliz e completo com a identificação com seu corpo. Diz, ainda, que o que faz dele um homem gay é exatamente esse desejo e paixão pelo corpo masculino, não só idealizado no órgão sexual, mas também muito na forma do homem ver a vida e lidar com as situações. Por fim, ele reitera que o que o faz gay é a atração e desejo sexual por homens, porém, também muito pelo padrão masculinizado.

4.1.5 Síntese do relato de Otávio

Otávio é natural de Santa Catarina, Blumenau. Ele tem 28 anos e atua na área de eventos.

Ele conta que descobriu a sua orientação sexual e também sua sexualidade desde muito pequeno, em torno de seus 13 anos. Ele diz que já sentia algo por meninos, mas nunca havia se relacionado com alguém do mesmo sexo. Pouco tempo depois, começou a se relacionar com amigos de escola. Foi quando aflorou o sentimento sobre a sua sexualidade.

Aos 17 anos, sua família soube da orientação sexual dele, expulsando-o de casa. Após se mudar, teve uma vida sexual mais ativa, namorando e tendo relações mais frequentes. O sair da casa dos pais o fez enfrentar um mundo lá fora, cheio de desafios e responsabilidades, passou por algumas dificuldades, porém, ele destaca que nesta fase teve que "*ser forte, homem*" e suplantar os desafios postos. Longe da família e amigos por ser gay, ele diz que "*pulou uma fase da juventude, para sobreviver, sofrendo preconceito*" dentro da sua própria família.

Desde então, ele se considera *um homem*, pois, luta todos os dias por seus desejos e suas crenças.

Com maturidade, diz ele, foi criando mais laços com os seus deveres e direitos. Ele afirma que é homem, porque tem deveres e direitos, como todos, ainda ressalta que o que o torna gay é o fato que se relacionar com outros homens. Diante disso, então, ele esclarece que é um homem gay, pois sente atração por pessoas do mesmo gênero que ele, além de "*caras mais masculinos"*. Por fim, ele termina dizendo que não é por gostar de homens que se sente menos homem ou mais mulher. Se sente homem, porque é biologicamente homem mesmo sentindo afinidades e atração por homens.

4.1.6 Síntese do relato de Remo

Remo começa seu relato dizendo que se considera um homem com maior atração por pessoas do gênero masculino cis ou trans. Diz que a sua jornada de descoberta do estranhamento às regras da masculinidade cisgênera começou já desde criança, porque, como era muito fã da Xuxa, sonhava em dançar como ela e usar as roupas que ela usava. Porém, isso sempre foi fortemente tolhido e veemente repreendido por seus pais e, desde a infância, descobriu que precisava performar certas regras de comportamento masculino para evitar ser caçoado na escola ou, inclusive, de apanhar, como acontecia com outros meninos mais afeminados.

Conta que a sua sexualidade sempre foi muito presente e ainda, antes da puberdade, já sentia atração pelo cheiro dos homens e pela figura masculina. Teve experiências com meninas durante o início da puberdade, porém, após a explosão de hormônios dessa fase, acabou se fechando para qualquer experiência, porque tinha medo de ser exposto como homossexual. Na sua pequena cidade natal, conta ele que os únicos homens abertamente homossexuais eram ou extremamente afeminados ou travestis e, naquele momento, não conseguia se identificar com aquela expressão de gênero e, a falta de contato com pessoas diferentes (não tinha acesso à internet até então), faziam-no pensar que era único no mundo.

Quando começou a trabalhar, aos 16 anos, e com o advento da internet, começou a conversar com outras pessoas gays e, aos 17 anos, entendeu que era homossexual e foi processando essa informação dentro da sua cabeça. Somente aos 18 anos foi "obrigado" a revelar sua condição para a sua chefe durante uma brincadeira de colegas de trabalho e isso, segundo ele, marcou o momento em que sentiu que "*não poderia voltar atrás na minha decisão*".

Pouco antes de completar 19 anos, teve a minha primeira experiência amorosa com outro homem que, ao mesmo tempo o trouxe ao mundo LGBTQIA+ e a certeza e coragem de assumir sua sexualidade para a sua família e amigos.

Hoje, aos 35 anos, tendo experienciado o contato com pessoas de orientação sexual, expressão e identidade de gênero que questionam o sistema binário de gênero, diz ele que não quer (e nem precisa) se enquadrar em padrões que exigem determinados comportamentos, trejeitos, roupa e maneira de se comportar para ser considerado um homem. Ele afirma que entende que a sua condição atual (de corpo, músculos, traços, pelos, barba) o coloca dentro de um padrão almejado de masculinidade e assume ter o privilégio de ser passável e não sofrer o mesmo tipo de preconceito e rejeição que uma pessoa gay mais afeminada enfrenta; no entanto, acredita que o homem ou o gênero masculino é um espectro tão extenso abrangendo inúmeras

variações dentro dele e que pode estar mais próximo de um extremo ou de outro, a depender do meu momento de vida.

Assim, dentro desse mesmo prisma da masculinidade, ele diz ter atração por homens que também muitas vezes estão em pontos distintos dessa “régua”, portanto, se considera um homem gay, porque, mesmo que aberto a possibilidades com o corpo e expressão de gênero feminino, ainda assim o seu maior gatilho de apetite sexual encontra-se dentro do espectro de pessoas que performam algum tipo de masculinidade.

4.1.7 Síntese do relato de Facundo

Nascido em Três Lagoas no interior de Minas Gerais, Facundo afirma em seu relato que a questão em torno da identidade é uma das mais complexas e para a qual ele nunca tem uma resposta concreta. "*Certamente, ao final deste texto, já não escreveria as mesmas palavras sobre mim*", declara. Ele diz que a resposta mais adequada neste momento provém das emoções afloradas que têm lhe assombrado nos últimos dias diante das incertezas pelas quais aqueles que interage constroem sentido sobre suas atitudes, sem ao menos se questionar: Está tudo bem?

Ele conta que está há anos envolvido em um processo de autoconhecimento por meio da psicanálise e ao mesmo tempo tentando resolver suas escolhas diárias com base no que acredita, ou seja, naquilo que seja sempre o melhor para o outro. No entanto, segundo relata, isso o leva para um lugar muito difícil, que é a incompreensão de suas ações e sua solidão, a falta de um cuidado externo para consigo.

Ele diz que aparentemente está sempre na posição de doador, mas nunca daquele que precisa de atenção. "*Assim, esse eu que escreve agora, é um sujeito que tenta lidar com seus traumas, suas frustrações e busca aceitar e admitir suas conquistas. Enfim, eu sou o que tento ser, mas sem nenhuma garantia. Dentro de mim, agora, só há uma vontade de viver, mas que precisa ser resgatada nos escombros das minhas dores, principalmente aquelas que se voltam para a descoberta da minha sexualidade*".

Em seu relato, ele lembra que, por volta dos cinco anos de idade, teve um sonho com o Ney Matogrosso. Segundo ele, talvez, por ter assistido a um clipe do artista apresentado no programa dominical Fantástico. Também lembra de um outro momento de sua jornada que foi abusado sexualmente duas vezes por homens mais velho ainda quando criança e antes dos 7 anos de idade. Além disso, ele relata uma outra recordação: uma cena que pessoas o faziam imitar a cantora Gretchen, de cueca enfiada na bunda e rebolando.

Conta ele que na escola sofria muito bullying quando era adolescente. Ele tinha medo de ir ao banheiro. Desde então, sempre teve dificuldade para urinar em banheiro público. Ele afirma que foram anos difíceis para um adolescente no interior do Brasil, porém, foram dores que deixou em algum lugar da sua mente e que resolveu seguir adiante.

Por volta dos 18 anos, teve sua primeira relação homossexual em uma outra cidade. Conforme relata, foi uma situação inusitada e, por isso, guarda boas lembranças. Antes disso, conta que só tinha tido relações sexuais com mulheres.

Quando tinha quase 30 anos de idade, se mudou para a capital (Belo Horizonte) do estado onde mora, atualmente, e foi quando se sentiu livre, liberto, e pôde viver sua sexualidade sem preocupações. Ele considera este momento como um *turning point*.

Três anos depois, ele se mudou para a cidade de São Paulo e a sua sexualidade deixou de ser um problema, até mesmo quando visitava a sua cidade natal.

4.1.8 Síntese do relato de Romeu

Romeu tem 29 anos. É graduado em administração e pós-graduado em gestão estratégica de negócios. É um homem gay solteiro, pai de um cachorro da raça yorkshire chamado Yang. É natural da Parnaíba, litoral do Piauí, porém, reside em São Paulo desde 2019. Em seu relato conta que migrou para a cidade de São Paulo por causa de um relacionamento. Ele diz que foi uma tentativa frustrante de firmar um relacionamento que não deu certo. Atualmente, segue em constante busca de realizações, conquistas profissionais e um autoconhecimento sobre a sua sexualidade num cenário gay rodeado de diversidades.

Ele conta que ao contrário de outras famílias, falar sobre sua sexualidade nunca foi um tabu nem para ele e nem para a sua família. Afirma que sempre teve uma postura muito sólida com relação a isso, sempre soube que era gay, mas mantinha uma postura mais reservada com relação aos seus desejos homoafetivos, os quais começaram a se realizar às escondidas aos 13 anos, por meio de brincadeiras com os coleguinhas da rua, da escola e até mesmo com alguns primos que frequentavam a sua casa, quando não tinha ninguém por lá.

Ele conta que no começo, "*era um medo gostoso do proibido, cheio de toques, muitas carícias, beijos, e lembro bem que isso acontecia assistindo filmes adultos héteros às escondidas*". Em seu relato, ele destaca que este cenário se estendeu por algum tempo, levando uma vida bissexual, ficando com meninas e meninos às escondidas. Declara ainda que não levou muito tempo para os seus desejos se tornarem mais fortes e as vontades ultrapassar o limite do toque.

Até que conheceu, ou ouviu falar, não se recorda ao certo como, da sala de bate papo da Uol, onde se marcava encontros às cegas com pessoas afins de algumas aventuras.

Ele conta que no começo era tudo muito novo para sua cabeça, tinha em torno de uns 15 anos e já tinha transado com mulheres e homens. Acima de tudo já tinha toda certeza que era gay. Os seus maiores desejos e fantasias sexuais eram com homens e não poderia controlar algo que já sabia. Segundo ele, foi um período de muita transição em sua cabeça, grande parte dos seus amigos no colégio era meninas e grande parte do quadro de funcionários da empresa da sua família era formada por homens, sem estudo e sem conhecimento. *"Então, era um mix muito grande de quem sou eu?"*

Não demorou muito para se assumir, diz ele, o fato de ter sido criado pelos seus avós paternos ajudou um pouco a ser mais livre, por já terem duas filhas lésbicas que moravam com ele. Então, foi entre uma discussão com a sua mãe, defendendo a sua tia que é lésbica, que se assumiu gay em algum Natal.

Ele relata que sempre teve muito alinhado em sua cabeça, qual tipo de gay que não gostaria de ser, mas sem muitos argumentos, se aproximou em vínculos de amizade dos caras que mais tinham o perfil de descrição próximo aos seus gostos e estilos.

Hoje, diz ter como notoriedade que São Paulo lhe trouxe mais essa liberdade e proximidades com outras tribos que acreditava não ter vínculos com ele. Então, percebe essa experiência como fundamental para esse rompimento de barreiras que só existiam em sua cabeça. *"E que o mais importante, ser homem é muita mais do que aquilo que carregamos entre as pernas. E sim, uma construção completa de valores e ideologias que devem ter o mínimo de respeito ao próximo"*.

Acredita muito que sua criação, com pessoas do bem, que sempre trabalharam para construir um ambiente mais confortável de trabalho, lazer e educação foram fundamentais para torná-lo o homem que é. Afirma que, sem dúvidas, o relacionamento que teve com um cara mais velho, 10 anos a mais, foi fundamental para o seu amadurecimento. Diz ter muita convicção que ser gay não o faz melhor, nem pior do que ninguém. *"Vivo num mundo, onde existem muita competição, oportunidades, desafios e me mostram como forte e vulnerável estarei. Então, me considerar um homem gay é símbolo de muito compromisso com todos os valores que carrego comigo, é força, garra e coragem por lutar e acreditar que o amor existe entre dois homens".*

Hoje mais do que nunca, diz vibrar por essa bandeira colorida e tudo que ela representa, diz que vibra com as conquistas, com a garra que a comunidade gay tem e, principalmente, com o tamanho do movimento político e social que se tornou. *"É histórico!*". Conta que em suas redes sociais, diante dos grupos que acompanha, das notícias que vê, das postagens de fotos de casais, se enche de alegria e felicidade. *"Ao ver que o amor, em todos os cantos, ao ver o movimento crescendo, mesmo com muita estrada pela frente. E isso, é sobre fazer parte da libertação e sobre ser feliz, sem ter medo dos julgamentos alheios e sobre o mínimo de respeito que todos devemos ter"*.

QUADRO 01 – Perfil dos participantes

	Idade	Situação conjugal	Escolaridade	Formação	Ocupação profissional	Cidade de origem	Tempo em São Paulo
Américo	35	Solteiro	Ens. superior completo	Administração	Gestor financeiro	Dracena - SP	15 anos
Catulo	40	Solteiro	Ensino técnico	Magistério e Massoterapia	Massoterapeuta	São Luiz do Paraitinga - SP	17 anos
Gomes	32	Casado	Ens. superior cursando	Nutrição	Atendimento de pessoas	Joinville - SC	9 anos
Facundo	41	Solteiro	Ensino superior completo	Direito/Letras	Professor universitário	Três Lagoas - MG	04 anos
Elói	38	Solteiro	Ens. superior completo	Logística	Comissário de voo	Carazinho - RS	18 anos
Otávio	28	Solteiro	Ens. superior completo	Marketing	Eventos	Blumenau - SC	8 anos

Remo	35	Solteiro	Ensino superior completo	Engenharia química	Engenheiro químico	Santana do Parnaíba - SP	14 anos
Romeu	29	Solteiro	Ensino superior completo	Gestão estratégica de negócios	Gestor Comercial	Parnaíba - PI	03 anos

4.2 A CONSTRUÇÃO DOS TÓPICOS TEMÁTICOS – AMPLIANDO HORIZONTES

A partir do trabalho com os relatos de vida dos participantes desta pesquisa, foi possível observar que apesar de cada caso ser único e complexo, resultado da imersão dos sujeitos em realidades sociais próprias, há similaridades entre eles. Busca-se, neste tópico, trazer à luz biografias singulares, apreendendo significados construídos por esses indivíduos, por meio da interpretação dos materiais coletados e da compreensão das estruturas sociais na vida deles (Fanton, 2011), das quais também fazem parte similaridades entre as narrativas.

Para tanto, o pesquisador realizou uma análise de todo material coletado a partir de leitura e observação sistemática dos relatos e das entrevistas. Estas entrevistas, realizadas em audiovisual e depois transcritas, revelaram traços bastantes similares entre os participantes desta pesquisa, os quais orientaram a construção de tópicos temáticos.

O cerne do material coletado faz referência à construção da identidade gay a partir de um paradigma hegemônico de masculinidade. Correlacionado a isso, estruturam-se as outras questões, podendo ser destacadas: a constante negociação da visibilidade e invisibilidade de seus corpos tendo como objetivo a construção de uma imagem de homem hétero; a percepção de que os participantes estão inseridos em um contexto dotado de ações masculinizantes implícitas e explícitas, coordenadas por setores diversos da sociedade e mantida por meio da cultura; a violência muito presente em suas memórias, como forma de orientar e supervisionar às experiências de vida; o trânsito do corpo presente nos relatos como uma passagem de reconhecimento de si e para a liberdade. Por fim, o toque aparece como um elemento importante no desenvolvimento do afeto e na descoberta do corpo de si e do outro. O afeto, como um elemento sob o controle da sociedade, autorizado ou não, assim como o desejo, que é por um lado compreendido como via de prazer e, por outro, visto como algo proibido.

Essas questões levaram aos seguintes tópicos de análise: as masculinidades; a gestão da visibilidade e invisibilidade; as ações masculinizantes; a violência; o trânsito do corpo; o toque, o afeto e o desejo.

4.2.1 Masculinidade(s): o gay é homem mesmo?

Em cada sociedade, as masculinidades funcionam como um tipo de acervo, produzido culturalmente, em que se encontram figuras à disposição para serem imitadas pelos próprios homens, tendo desdobramentos em suas relações com outros indivíduos em esferas distintas: na família, na escola, no trabalho, com os amigos, com os parceiros sexuais e cônjuges (Almeida, 1996; Araújo; Zago, 2019; Connell, 2016).

Um elemento comum nas narrativas dos participantes desta pesquisa é justamente esse esforço frequente para se tornar um "homem", a fim de fazer parte como indivíduo dessa identidade e compartilhar de todos ou de alguns dos privilégios desse agrupamento. Em seus relatos, esse empenho é frequente, como destaca Américo, que afirma: *"penso que muitas pessoas não serão atraídas por mim por eu não ser 100% 'machão', isso obviamente afetou minha autoestima e hoje em dia é pauta da terapia que tem sido minha aliada para o resgate e aceitação do Américo do jeito que é"*.

Já Catulo declara em seu relato que se julga um verdadeiro homem, porque se aceita, é saudável, honra com seus compromissos, é muito amado, faz parte de uma coletividade, tornou-se um homem digno, é sonhador e espera sempre o melhor dos outros.

Gomes destaca que é casado com um homem gay cis gênero. Ele conta que tem uma relação ótima com as suas famílias e tem uma vida confortável. Enfatiza que essa é a história da sua descoberta e que gosta muito de falar sobre ela nos dias de hoje, porque isso o moldou como o homem que é hoje.

Elói diz que o que faz dele um homem gay é exatamente esse desejo e paixão pelo corpo masculino, não só idealizado no órgão sexual, mas também muito na forma do homem ver e lidar com as situações da vida.

Otávio se considera um homem, pois luta todos os dias por seus desejos e suas crenças. Ele diz que com a maturidade foi estabelecendo mais laços com os seus deveres e direitos. Também afirma que é homem porque tem deveres e direitos, como todos, e ainda ressalta que o que o torna gay é o fato de se relacionar afetivo sexualmente com outros homens.

A partir do seu prisma da masculinidade, Remo diz ter atração por homens que estão em pontos distintos do seu padrão, portanto, considera-se um homem gay, porque mesmo que aberto a possibilidades com o corpo e a expressão de gênero feminino, ainda assim o seu maior desejo sexual encontra-se dentro do espectro de pessoas que performam algum tipo de masculinidade.

Facundo em seu relato declara:

> *Se hoje me considero homem, seja uma ideia construída pela sociedade, uma vez que fui criado com a ideia de que havia homem ou mulher, embora ainda naquele tempo havia "viado", "sapatão" e travesti (termos recorrentes que eu mais ouvia quando era criança e adolescente nas décadas de 80 e 90), ando pensando, ultimamente, se me configuro como um homem gay ou um não binário, mas ainda não tenho respostas.*

Romeu ressalta que se considerar um homem gay é símbolo de muito compromisso com todos os valores que carrega consigo. Segundo afirma, ser gay significa que possui força, garra e coragem por lutar e acreditar que o amor existe entre dois homens.

A partir dos discursos dos participantes, conforme esclarecem Connell e Pearse (2015), percebe-se que o gênero se tornou uma arena de disputas no âmbito da formação humana, no âmbito político, geográfico e da gestão dos corpos. Como descrevem, ao longo da história das sociedades euro-ocidentais, a heterossexualidade tornou-se a medida fundamental para as masculinidades. Em decorrência disso, existir como homem em um mundo andro-heterocentrado[1] é lidar constantemente com questões contraditórias.

Vale destacar, em vista disso, a afirmação de Facundo, quando em seu relato aborda a questão da identidade. O entrevistado revela que a questão da identidade é uma das mais complexas e para a qual ele nunca tem uma resposta concreta: "*Certamente, ao final deste texto, já não escreveria as mesmas palavras sobre mim*". Admite que a resposta mais adequada quando escreve, provém das emoções afloradas que têm lhe assombrado nos últimos dias diante das incertezas pelas quais aqueles com quem interage constroem sentidos sobre suas atitudes, sem ao menos se questionar: "*Está tudo bem?*".

Facundo conta que está há anos envolvido em um processo de autoconhecimento por meio da psicanálise e, ao mesmo tempo, tentando resolver suas escolhas diárias com base no que acredita, ou seja, naquilo que seja sempre o melhor para o outro. No entanto, segundo confessa, isso o leva para um lugar muito difícil, que é a incompreensão de suas ações e sua solidão; a falta de um autocuidado externo.

Ele diz que, aparentemente, está sempre na posição de doador, mas nunca daquele que precisa de atenção.

> *Assim, esse eu que escreve agora, é um sujeito que tenta lidar com seus traumas, suas frustrações e busca aceitar e admitir suas conquistas. Enfim, eu sou o que tento ser, mas sem nenhuma garantia. Dentro de mim, agora, só há uma vontade de viver, mas que precisa ser resgatada nos escombros das minhas dores, principalmente aquelas que se voltam para a descoberta da minha sexualidade.*

---

[1] Termo cujo uso pretende referenciar a ideia da centralidade que a heterossexualidade e a masculinidade ocupam nas relações sociais e na concepção de mundo.

Diante dessas manifestações pessoais, há, de um lado, uma ideia hegemônica de um homem "completo", "verdadeiro" e "normal[2]", ideia esta naturalizada e transmitida de geração em geração como um modelo a ser reproduzido e, de outro, um homem que, em sua incompletude, não chega a ser um "homem verdadeiro", porque lhe faltam atributos masculinos, fazendo com que se assemelhe ao universo feminino; é visto como um anormal que age contra a natureza (Connell, Pearse, 2015; Araújo, Zago, 2019; Connell e Messerschmidt, 2013; Bourdieu, 2019).

Gomes relembra, durante a entrevista, que na fase da sua infância e adolescência ele entendia que ser um homem completo era ser um homem hétero, modelo a ser imitado e buscado para ser aceito na sociedade. Também diz que esse modelo tem a ver com não demonstrar emoções e sentimentos, namorar meninas, transar desde jovem, mostrar-se dominador; mostrar uma masculinidade experiente e ativa. Ele relembra que a mídia de massa, por meio de programas televisivos, colocava em evidência um tipo de homem gay. O entrevistado traz à lembrança o caso da humorista drag queen Vera Verão[3], personagem composta em cima de um humor depreciativo; de uma figura afeminada e caricata.

Atualmente, ele tem outra compreensão sobre isso, explica que "*hoje em dia, ser um homem é ser como eu me vejo. Eu me vejo um homem gay*". Dizendo isso, reconhece que há um modelo de masculinidade própria para um homem gay. Em sua compreensão, assinala, em sua fala, as inúmeras variáveis de ser um homem gay: declara que o homem gay "*evoluiu para ser uma pessoa mais compreensiva, mais educada (no sentido de saber ouvir, ser coerente e consciente), e respeitosa".* Porém, assume também que há um modelo de masculinidade gay com muitas semelhanças com o modelo hétero. Essas semelhanças dizem respeito a vestimentas, comportamento e trejeitos. Além das características mais visuais, ele cita outras características*: "educado, inteligente emocionalmente e responsável*".

---

[2] Sobre a noção de normalidade, Goffman (2017, p. 06) afirma que "A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. [...] Baseando-nos nessas pré-concepções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso. [...] Assim, as exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas de demandas feitas "efetivamente", e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial - uma caracterização "efetiva", uma identidade social virtual. A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua identidade social real.

[3] Vera Verão foi uma personagem icônica, interpretada pelo ator e bailarino Jorge Luiz de Souza Lima, conhecido artisticamente como Jorge Lafond, sempre com maquiagem carregada e roupas espalhafatosas, após uma bem-humorada discussão, algum outro personagem lhe chamava de "bicha", de forma ofensiva, e a resposta vinha com o clássico bordão: "Êêêpa! Bicha não!", de acordo com o blog www.gay.com.br.

O entrevistado continua dizendo que ser um homem gay hoje para ele "*tem muito mais a ver com quem eu sou e com quem eu busco ser todo dia, de ser um homem gay*". Ele enfatiza nessa compreensão a importância do autoconhecimento e do seu papel social. Reconhece que é uma construção de gênero e de sexualidade.

O modelo de masculinidade, historicamente construído nas sociedades ocidentais, é do homem hétero, o que foge disso é considerado um desvio, algo a ser olhado como uma aberração e às aberrações ou se lhes atribui menos masculinidade, ou não lhes atribui, pois ela é tida como um valor de homens completos e verdadeiros (Junqueira, 2007; Bourdieu, 2019; welzer-Lang, 2001; Smigay, 2002).

Nesse sentido, é como se o homem gay perdesse o *status* de homem e ficasse somente com o de gay. E a "gayzice[4]" é um atributo relacionado como amoral, como algo pecaminoso e fora da regra, como destacou Américo ao falar sobre o momento em que o ancião de sua comunidade religiosa o orientou a não praticar a homossexualidade, porque era considerado um pecado. Remo também conta que era fã da Xuxa[5] e que inúmeras vezes foi pego dançando suas músicas e tolhido por sua mãe por tal atitude, que lhe dizia que isso não era postura de menino.

Há na sociedade uma referência ao homem homossexual como "o gay", no sentido, coisificado, semanticamente entendido como aquele que é algo que não é homem; uma ideia de que o homem gay não é homem. Trata-se de mais um mecanismo de normatização que tem como efeito a descaracterização da humanidade de um homem homossexual, bem como da deslegitimação ou inferiorização da sua masculinidade, como se ele não fosse homem completo/verdadeiro e fosse só o que restou, o gay.

Diante dessa hierarquia de masculinidades, o homem gay é alocado em uma subcategoria, relegada a um processo contínuo e violento de produção da sua masculinidade posta à margem das relações de gênero (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Aquele que não é homem, não pode trocar um pneu, não pode dirigir um caminhão, não pode jogar futebol, não pode fazer várias atividades de homem – no sentido do padrão heteronormativo-, porque é gay, ou seja, não tem os atributos da masculinidade de um homem hétero cis. Em entrevista, em um dado momento, Remo menciona que as profissões motoboy, pedreiro, mecânico são esperadas para homens héteros e não gays.

---

[4] Termo muito comum no linguajar cotidiano e incorporado no dicionário informal que significa: Travequice, boiolice, viadagem, frescuragem, frescura, comportamento gay ou afeminado; Emoção exagerada, sentimentalismo excessivo, conforme o site www.dicionarioinformal.com.br.

[5] Conhecida pelo título de "Rainha dos Baixinhos", Maria da Graça Meneghel, a Xuxa, é desde a década de 1980 um dos maiores ícones da TV brasileira, como apresentadora infantil, além de acumular experiências como cantora, atriz, modelo e empresária, conforme informa o site www.purepeople.com.br.

A construção da aparência de masculinidade também é mencionada pelos entrevistados. Américo, Otávio e Remo evidenciam a construção de um estereótipo de uma aparência masculina, quando dizem que existe um tipo de roupa, trejeitos, tom de voz e um formato de corpo para homens (padrão greco-romano). Além disso, Américo destaca que a vestimenta de um homem é básica e não fashionista[6]. Elói diz em sua entrevista que essas características se naturalizam como o um padrão heteronormativo. Américo, Otávio e Remo também fazem referência à importância da presença do pênis, e destacam que quanto maior mais virilidade e valor masculino.

Romeu é direto, quando perguntado o que ele considera masculino, já no início de sua exposição, ele enuncia:

> *Eu considero masculina toda e qualquer figura que ela não representa nenhum ato de feminino. E eu acredito que masculino tem a ver com parceria, compromisso, tem a ver com proteção, tem a ver com caráter, tem a ver com comportamento, com jeito, com desejo. Eu acredito que tudo isso é como se fosse uma régua. Vai passando por etapas, cada centímetro é uma coisa ele vai complementando outra.*

E quando questionado sobre o que as outras pessoas consideram masculino, ele reitera:

> *Eu acredito que os demais consideram masculino qualquer homem com comportamentos masculinos, com quaisquer traços masculinos superior a mulher. Acho que não tem uma resposta mais óbvia do que essa.*

Logo após dizer isso, ele afirma que o conceito de masculino das outras pessoas é parecido com o seu.

Catulo tem uma ideia de masculino mais abrangente, no entanto, dá para perceber que, para ele, há um referencial de homem em contraposição à mulher, como destaca, *o homem, somente o homem...*:

> *O homem, somente o homem independente de vestimentas, independente de vocabulário, independente de trejeitos, de comunicação, sendo homem, trans, seja o que for. Eu acho que é por aí. É muito extenso este mundo nosso, GLS, por isso diversidade. Eu não tenho essas paranoias de homem machão, fortão, "bombadão", de barba.*

A fala de Catulo sobre a ideia dos outros a respeito do que é ser masculino assemelha-se à fala dos outros entrevistados:

---

[6] Ícone fashion, quem propaga tendências, não sendo necessariamente um estilista, conforme informa o site www.dicionarioinformal.com.br.

> *É bem fechado isso daí. Eu já vi pessoas que consideram masculinidade, vamos supor, um gay mais afeminado no nosso grupo mesmo, é guerra, é preconceito, as pessoas tiram onda, as pessoas não aceitam muito bem. No meu trabalho, eu vejo muito isso, sendo julgada pelos seus trejeitos mesmo sendo homem, tendo pênis, mas se é afeminado já não é considerado como masculino, por mim não, mas pelos outros que são facilmente influenciados, elas ouvem muito a opinião dos outros e não dão a oportunidade de se aprofundar nos assuntos, falta informação, hoje o google te oferece conhecimentos, explicações, informações, que você pode abrir a sua mente, mas fica aquela coisa mais tapada. Não são pessoas somente com pouca instrução, não. Também acontece com pessoas bem instruídas, economicamente bem estruturadas, cultas, acho que vai de cada um, você se deixar levar pelas coisas, você querer entender, sempre lógico respeitando um ao outro é fundamental, acho que respeito é tudo.*

Facundo revela que

> *Eu não estou preparado para te responder esta pergunta. Não sei! Por que o que acontece? Entra em uma fusão aqui na minha mente do que eu poderia responder, do que eu penso filosoficamente sobre o assunto, ou pela psicanálise, não consigo te responder não.*
>
> *Eu acho que existe um lado muito consciente, um tipo de consciente plus, um que está ainda muito vinculada a minha própria construção social de sujeito diante da minha história de vida, outra que tem a ver com a minha percepção do que eu vejo hoje com meus alunos que são muito mais jovens numa época completamente diferente, que fazem coisas diferentes que na minha época e naquela idade jamais poderiam ocorrer, então, é assim, eu acho que tem 3 momentos aí: masculinidade, talvez, que eu ache legal, uma pessoa que saiba usar uma furadeira, porque eu não sei, resolver um problema que eu não sei, mais relacionada a questão física, descarregar um caminhão, isso falando ali da minha primeira parte, eu, facundo, construído socialmente dessa maneira, acho que está mais vinculada a figura que, não é porte físico, mas é que consegue ali construir uma coisa, talvez esteja relacionada a vigor.*

Catulo, diferente dos outros entrevistados, ressalta que a ideia de masculinidade é muito ampla, por isso ele não consegue definir claramente o que é o masculino, no entanto, afirma, conforme os outros participantes, que existe uma ideia padrão de masculinidade e aqueles que não seguem esse padrão sofrem com preconceito dentro da comunidade gay, como acontece, por exemplo, com homens gays afeminados. Inclusive cita que em seu ambiente de trabalho, ele presencia situações de exclusão de gays afeminados.

Catulo apresenta características de personalidade quando diz o que julga ser um homem ideal: lealdade, compartilhar das mesmas vontades, honesto e que dialogue.

Observando esse conjunto de informações em análise até aqui, constata-se que o homem gay é forçado nesse sistema simbólico andro-heterocentrado a se travestir de homem hétero cis gênero, adotando posturas semelhantes para fugir da opressão que pode se manifestar no nível da violência física e moral (Bourdieu, 2019; Borrillo, 2016; Gouveia, Camino, 2009).

É possível notar isso, quando Otávio diz que por ele ser "um pouquinho mais sentimental" acabava sofrendo com chacotas e agressões físicas. As chacotas são uma mensagem e acabam funcionando como uma forma de corrigi-lo e orientá-lo para a masculinidade hegemônica. Otávio diz na entrevista que para ele o modelo de homem "machão" é o do "ogro" cujo sentido é aquele que amedronta os outros (os mais vulneráveis, estigmatizados), um indivíduo que tem atitudes grosseiras.

Apesar desse comentário, o travestir-se de homem é uma ação contínua da masculinidade. É uma ação parecida com o ato de se vestir adequadamente para certas ocasiões, terno e gravata para celebrações formais, sunga para praia e piscina, camiseta, bermuda e tênis para o dia a dia. Para ser reconhecidos como homem, os homens precisam estar de acordo com a exigência do padrão imposto. Remo deixa claro isso, quando conta que, desde a infância, por incontáveis vezes, foi chamado a atenção por suas atitudes e cobrado para ser um tipo "machão"[7]. Ele era repreendido por seus pais e outros familiares por gostar de cantar e dançar as músicas da Xuxa. Ele conta que certa vez ouviu uma repressão severa por estar andando de mãos dadas com um outro menino.

> *Lembro até hoje de uma cena, eu estava na casa dos meus avós maternos, fica lá na cidade do lado onde eu vivia e tinha umas meninas com as quais nós brincávamos. Elas eram vizinhas da minha avó e eu lembro que foi bem na época da música do Xu Xu Xa Xa e da Dança da Xuxa. Eu lembro de eu estar dançando com as meninas e a minha mãe falar para gente ir embora. Depois, eu escutei dela um sermão assim pesadíssimo a noite toda. Eu nunca vou me esquecer dessa cena. Eu devia ter, sei lá, uns cinco anos. Foi uma situação marcante para mim. Eu lembro de todas as sensações e lembro exatamente onde eu estava e o que estava acontecendo.*
>
> *Um outro momento eu lembro de um casamento de uma prima minha que eu fiz amizade com menino. Eu tinha 6 anos e nós começamos andar na festa de mãos dadas e a minha mãe pegou minhas mãos e separou do menino e me disse que menino não anda de mão dada com outro menino.*
>
> *Eu também gostava muito de cantar as músicas da Xuxa. Eu lembro também muito claramente de um aniversário de 98 anos da minha avó que eu comecei a cantar uma música da Xuxa. Lembro dela perguntando para minha mãe se eu podia cantar este tipo de música que falava de encontrar um príncipe encantado. Falava que só mulher podia cantar esse tipo de música. Então, essas coisas foram me fazendo perceber que tinha certas coisas que eu não poderia fazer, porque não era bem-visto e se eu fizesse eu teria problemas.*

Remo conta que aprendeu em um certo momento da sua adolescência quais eram os estereótipos masculinos que "*são mais bem vistos e que têm uma melhor entrada no meio*" gay, enfatizando o processo de adaptação, quando diz que

---

[7] Indivíduo que se gaba da sua masculinidade ou que procura exibir qualidades tradicionalmente associadas à masculinidade; pejorativo machista; popular homem alto e robusto, de acordo com o site www.infopedia.pt.

> *Você também começa a se adaptar aquele ambiente novo. Eu vim de uma cidade do interior, usava roupa de mano, porque era muito normal na minha cidade, os rapazes usar roupa de surf. Eu lembro que a primeira vez que eu fui para balada, eu parecia um estranho, porque eu estava com uma roupa nada a ver com o lugar, então aí você começa entender essas nuances que existe dentro do ambiente gay e as cobranças, que a gente tem de performar alguns tipos de comportamento para ser aceito e como eu falei, para você ter acesso ao maior nível de número de pessoas. (Remo)*

Remo também diz que era nítido para ele na sua adolescência que ser homem era seguir os passos do pai, fazendo as mesmas atividades, por exemplo, jogar futebol era uma dessas atitudes a ser imitada, além de não apresentar trejeitos afeminados, não dançar, não dar a mão para meninos e na escola ser próximo dos meninos "bonzões"[8].

Em contextos mais seguros, o homem gay travestido de homem hétero cis gênero "sai do armário"[9]. Acontece que em certas localidades as masculinidades assumem outros formatos mais flexíveis, fugindo do padrão imposto historicamente.

Romeu conta que suas vivências em São Paulo lhe mostraram as possibilidades de ser um homem diferente do que lhe era cobrado em sua terra de origem. Ele comenta que na grande metrópole existe uma pluralidade de masculinidades que o permitem novos comportamentos relacionados ao vestuário, à comunicação, à concepção de vida e à profissão. Ela fala da importância do contato com *drag queens* e pessoas trans, pois esse contato mudou seu ponto de vista sobre essas muitas situações.

Romeu afirma ainda que percebe que o homem gay ultrapassou a barreira da masculinidade hegemônica e consegue enxergar tipos masculinos-femininos, masculinos-masculinos e o tipo de masculino que atravessa o binarismo, modelos que formam subgrupos gays, além do padrão.

Américo conta que por aparentar ser um homem hétero, ele é mais "passável" em diferentes ambientes, especialmente, no de trabalho. Remo diz algo parecido, afirmando que sua aparência e comportamentos são lidos como algo esperado de um homem hétero e por isso sente menos os efeitos da homofobia, por exemplo, no ambiente de trabalho. Ele diz que tinha que performar ser um tipo de pessoa para poder se encaixar e assim evitar ser excluído dos grupos. Percebia que quem não performava a masculinidade hegemônica sofria com a violência.

---

[8] Termo usado para se referir a uma pessoa que se julga acima dos outros, que faz alto juízo de si mesma. Também pode definir pessoa arrogante que inferioriza outras pessoas com o intuito de se colocar em posição superior, conforme informa o site https://www.dicionarioinformal.com.br.

[9] Expressão popular que diz respeito a assumir publicamente sua condição de homossexual ou algo relacionado ao tipo.

Todo este processo configura a usurpação do direito do homem gay de simplesmente ser homem, ou seja, de seu direito de participar desigualmente da masculinidade no campo ideológico e nas práticas cotidianas.

Percebemos que em determinados contextos em que a diversidade é a baliza para as masculinidades, os homens gays são aceitos como homens; sua masculinidade é mais legitimada e mais reconhecida.

Os entrevistados também reconhecem que são mais aceitos como gays em ambientes que são mais plurais, como grupos de amigos gays, baladas, bares e restaurantes voltados ao público LGBTQIA+.

Nessas localidades acontece, então, a expressão de uma masculinidade por homens gays nos seus formatos plurais que se difere do hegemônico. Elói traz alguns termos para se referir a essa pluralidade dos grupos de homens gays, ele cita o grupo de homens gays denominados ursos[10], barbies[11], as bichas do centro[12]. Ele atribui essas diferenças à liberdade que esses ambientes proporcionam.

Como apontado pelos entrevistados, o formato mais associado à masculinidade compreende um tipo viril: ser dotado de certezas, tomar decisões com firmeza, ser provedor de recursos para si e para a família, robustecido e agressivo, ter voz grossa, firme, não "desmunhecar"[13], não "dar close"[14], além disso, no quesito aparência, deve usar barba, ter um corpo forte e com pelos. Acima de tudo, não pode parecer feminino, segundo os padrões que culturalmente o definem. A aproximação com o feminino é um problema tão importante que existem ações que servem para orientar como o homem deve proceder em seus inúmeros comportamentos cotidianos e que se coadunam com a imagem construída de um homem heterossexual.

Isso aparece na entrevista de Américo:

---

[10] Dentro da comunidade gay, é aquele tipo de "homem" grande, meio gordo, pesadão e que também são peludos e/ou barbudos, conforme informa o site https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/urso/59/

[11] Homossexual masculino com músculos definidos, rato de academia, passa grande parte do dia cuidando do corpo e dos músculos. Pode ser passivo ou ativo. Geralmente são passivos, de acordo com o site https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/bicha%20barbie/gay/

[12] As gays chão de taco, elas que são desconstruídas, que vivem em apartamentos caros no bairro Santa Cecília na capital de São Paulo, com chão de madeira, violão, vinil, samambaias e jiboias, que enaltecem ícones da mpb, que compram roupas em brechó mas usam macbook, conforme informa Lorelay Fox em seu canal no https://www.youtube.com/watch?v=734YFClh_CM

[13] Flexionar a mão para baixo, reclinando o pulso; insinuar-se como homossexual(homem); passar a portar-se como homossexual, de acordo com o site https://www.dicionarioinformal.com.br/desmunhecar/

[14] Essa expressão é usada para dizer o mesmo que "chamar atenção", mas no bom sentido; atrair olhares; mandar bem, segundo o site https://www.dicionarioinformal.com.br/dar+close/

> *Nossa que pergunta! Que eu considero masculino? Barba! Isso sempre foi um símbolo de muita masculinidade para mim. Talvez um pouco de grosseria é um símbolo de masculinidade. Decisão! Com certeza, isso sempre me remeteu a isso. Nossa está vago isso, né! Mas eu acho que é isso, masculinidade.*

Também aparece na fala de Gomes:

> *Fui tendo essa negação da minha condição, da minha sexualidade desde aquela época, então era sempre uma negativa para qualquer relação nesse sentido. Apesar de que, sempre na escola, o Gomes era o veadinho, era o gay, era o bichinha, o efeminado, apesar de que eu nem era assim. Eu só não jogava bola, adorava jogar vôlei, qualquer outro esporte, menos futebol. Ficava sempre mais com as meninas, então isso já era motivo de os meninos falarem coisas.*

Neste outro trecho, ele reforça:

> *Hoje em dia não. Hoje em dia, ser um homem é ser um homem como eu me vejo. Eu me vejo um homem gay, mas, na época, eu tinha aquela... a gente tinha e acho que foi uma fase muito dos anos 80 os anos 90, foi uma fase que a mídia colocou muito isso em evidência de Vera Verão e que tinha essa coisa do homem gay ser muito feminino, então, na época, eu achava que eu tinha que parecer o menos... eu tinha que dar... o famoso dar pinta. Eu tinha que dar menos pinta possível, assim, para que as pessoas não pudessem dizer nada de mim, ou dizer nada sobre isso que pudesse refletir na minha família. Meu problema sempre foi, na época, a minha família. É que eu pensava se meus pais souberem de alguma coisa, se meus pais desconfiarem de alguma coisa, eles podem sei lá, me botar para fora e tudo mais. Hoje em dia, eu não, eu separo muito bem essa coisa de ser um homem hétero não ser um homem completo. Acho que ser um homem é ser um homem. Você é um homem completo independente da sua orientação sexual, mas, hoje em dia, na época, tinha aquela coisa de homem tem que ser homem, não pode chorar, não pode demonstrar sentimento, enfim.*

Se a prática da sexualidade é estigmatizada, tendo que ser escondida, parece que o efeito é imprimir na identidade de gênero a expressão do masculino atribuído à heterossexualidade.

Corpo musculoso, barba e pelos. Catulo afirma que homens gays buscam se aproximar desse perfil mantendo estes sinais corporais. Como aponta Connell (2016), a masculinidade tem repulsa pela fraqueza, receio da emotividade, pois ambos estão ligados ao comportamento feminino.

Na direção contrária, força e mesmo agressividade são referidas a esse modelo de masculinidade. Elói, um dos entrevistados, mostra em sua entrevista como a masculinidade violenta é cobrada e estimulada. Segundo afirma, ele foi cobrado para ter ações agressivas, destacando que seus amigos também eram cobrados por aqueles que estavam no entorno.

> *E se incute muito isso de que o filho homem, ele tem que jogar futebol, ele tem que estar brincando no meio dos meninos, ele tem que estar brigando, porque se ele não brigar... Tinha uma cultura lá de matar passarinho, todos os meninos ganhavam depois de um tempo, eu acho que lá se chama bulldog, eu não lembro o nome, tipo*

> *estilingue. Você ganhava aquilo para você matar passarinho. Você não comia, não é uma questão de necessidade de sobrevivência lá do homem das cavernas. Era simplesmente como esporte. Eu era super contra.*

Elói ressalta que, desde quando era mais novo, percebia que as atividades intelectuais e que exigiam sensibilidade estavam associadas ao feminino e que era entendida pelo pai como um desvio do masculino. Os outros com quem se relacionava diziam para ele que os homens deviam realizar atividades de risco.

> *Eu sempre percebi que eu era visto com indagação e estranheza, porque eu era um cara que gosta de ler, mas não gosta de andar de moto. Era aquela coisa é um cara que prefere ficar em casa lendo do que fazer coisa errada na rua.*
>
> *Eu acho que ler tem a ver com sensibilidade, porque ler te transporta, ler te traz conhecimento. Eu sempre fui uma criança muito incentivada pelos meus professores, minha família não tinha o hábito de ler, mas, por exemplo, uma das minhas melhores amigas, a mãe dela era a professora da biblioteca da escola, então na casa dela era muito comum ela obrigar a todo mundo a ler e como eu frequentava bastante a casa dela, ela obrigava a gente a ler.*
>
> *No começo eu achava chato, mas depois quando você começa a ler, aí você se envolvendo, você acaba pegando o gosto. E aí você acaba ficando muito mais sensível.*

O entrevistado também ressalta a ideia de que há esporte para homens e para mulheres, evidenciando a influência da mídia de massa neste processo servindo como instrumento orientador e formador.

> *Os meus amigos também tinham que praticar os esportes que eram mais masculinizados, tinha uma clara divisão entre coisa de menina e coisa de menino. Tanto que quando eu tinha uns 10 anos e a gente começou a brincar, a jogar vôlei... Se tinha aquela coisa de que vôlei era coisa de mulher. Mesmo os caras tendo sido campeões olímpicos, a gente tinha que jogar futebol e fazer outro tipo de esporte.*
>
> *Eu acho que são coisas impostas pela sociedade que futebol é coisa de homem e vôlei é coisa de mulher.*
>
> *Naquela época quem se destacava mais era os jogos de vôlei feminino tanto que as transmissões eram basicamente de vôlei feminino e não existia a transmissão de vôlei masculino.*

Elói também fala da pressão do entorno para ter relações sexuais com mulheres porque ele precisava ser um homem experiente. Era a exigência de uma masculinidade experiente. O irmão mais velho é para ele, a referência de macho: *pegador, vida louca, vigoroso*.

> *Meu pai me falava "você viu a fulana, filha do vizinho? Nossa! Ta bonita! Por que que você não chega nela? Por que você não vai lá paquerar, não vai lá fazer alguma*

> *coisa? E existia essa cobrança, mesmo que eu estivesse de boa, vinha meu irmão, eu sou o último filho de quatro, então eu tenho dois irmãos mais velhos e minha irmã, e existia muito isso, essa coisa de "você tem que pegar! E aí tá pegando? Com quem você tá saindo?" e o meu irmão, falecido já, ele era exatamente o tipo macho alfa, pegador, que tratava mulher como objeto. Ele tem três filhos com três mulheres diferentes. Então existia uma comparação entre mim e o meu irmão, eu era o tranquilo e o meu irmão o pegador, vida louca, sempre existiu mais este peso ainda de fazer essa comparação com o meu irmão.*

Essa pressão também é comentada por Olavo. Na história de Otávio é possível perceber que a não aceitação da sua forma de ser resultou numa experiência de vida diferente do que ele esperava, desdobrando-se em relações afetivas e na busca de um parceiro da constituição de um lar.

> *Bom, eu morei em Blumenau durante mais ou menos 17 anos até quando a minha mãe de casa me expulsou de casa, pois ela soube da minha orientação sexual. Depois disso, eu acabei ficando pouco tempo no sul. Morei em vários lugares. Morei em Floripa, morei em Tijucas, morei no interior de São Paulo. Morei em vários lugares. Fui pulando de cidade por cidade, adquirindo novas experiências, também fui conhecendo novas pessoas e acaba que fui me relacionando com estas pessoas. Como eu era muito imaturo, eu era muito influenciado na questão de relacionamentos. Por exemplo, quando eu conhecia alguém, às vezes, me mudava para morar junto.*

4.2.2 Sobre imagens, homens e identidades masculinas

Silva (2014) sustenta que identidade[15] e imagem têm uma relação bastante intrínseca, pois tanto uma como a outra se fazem visíveis ao outro, que enxerga a pessoa e os seus atributos que também sustentam as representações sociais. As identidades masculinas resultam desse processo que é histórico e cultural.

Pensando nessa relação com as imagens e o que elas representam, os participantes desta investigação foram convidados a olhar fotos de diferentes homens - estas imagens serão apresentadas ao longo deste capítulo, onde foram exibidas figuras masculinas que circulam em nível global, regional e local por meio da mídia de massa, eventos, redes sociais, presentes no cotidiano das relações interpessoais. Nelas, figuram corpos, atitudes, vestimentas, personalidades de padrões distintos. O exercício proposto aos participantes foi de que fizessem qualquer tipo de comentário, especialmente, voltados às questões relacionadas à masculinidade, corpo, homossexualidade e heterossexualidade.

---

[15] Segundo esclarece Silva (2014), a identidade é um significado - cultural e socialmente atribuído. A teoria cultural recente expressa essa mesma ideia por meio do conceito de representação. Para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação.

A primeira consideração diante dos comentários é de que há uma imagem hegemônica de homem cujos sinais principais são os músculos, os pelos e a barba, evidenciando, assim, a sua virilidade. Este perfil imagético é atribuído à heterossexualidade, pressuposto para qualquer identidade masculina.

Uma outra consideração feita é que dentro das representações[16] do ser homem existem diversos signos da masculinidade que aproximam ou distanciam homens da identidade masculina: a preferência por uma certa cor, peça de roupa, corte de cabelo, trejeitos, comportamentos, timbre da voz, jeito de se expressar e comunicar, traços de personalidade, jovialidade, tamanho do pênis e ausência dele, porcentagem de gordura corporal e raça.

As duas imagens[17] a seguir, apresentadas aos entrevistados, mostram a interrelação entre os níveis regional, local e global das personalidades. Elas fazem referência a duas figuras masculinas amplamente difundidas ao redor do globo por meio do cinema e consumidas nas localidades. A primeira é do personagem Pantera Negra (figura 1) e a segunda, do personagem Superman (figura 2).

Figura 1 - Personagem Pantera Negra

Fonte: Site El Pais Seção Brasil[18]

Vicente di Sessa (2017), em “Dossiê Pantera Negra - Trajetória do herói”, aponta que o personagem Pantera Negra é um super-herói cuja identificação é dissimulada por T'Challa, rei

[16] Conforme Silva (2014), “o conceito de representação tem uma longa história, o que lhe confere uma multiplicidade de significados. Na história da filosofia ocidental, a ideia de representação está ligada à busca de formas apropriadas de tornar o "real" presente - de apreendê-lo o mais fielmente possível por meio de sistemas de significação. Nessa história, a representação tem-se apresentado em suas duas dimensões - a representação externa, por meio de sistemas de signos como a pintura, por exemplo, ou a própria linguagem; e a representação interna ou mental - a representação do "real" na consciência.

[17] Todas as imagens constantes neste capítulo foram apresentadas aos entrevistados a fim de que fizessem comentários pensando nas questões relacionadas a masculinidade, corpo, homossexualidade e heterossexualidade.

[18] Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/14/cultura/1518634594_187056.html> Acesso em: 14 nov. 2020.

de Wakanda, um reino fictício na África. Este herói, dispõe de habilidades aperfeiçoadas por meio de um antigo ritual de Wakanda, além de gozar de intelecto genial, treinamento físico rigoroso, habilidade em artes marciais, acesso a tecnologias avançadas e riqueza para combater seus inimigos.

Figura 2 - Personagem Superman

Fonte: Site Observatório do Cinema[19]

Beiras, Adriano et al. (2008) em "Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma" destacam que o personagem Superman representa propositalmente um ideal de homem. Seu cognome sugere superioridade em comparação aos demais homens, evidenciando-o como modelo e referência no tocante às suas capacidades físicas e ao seu bom caráter. Esse herói tem poderes sobre-humanos, todavia, emprega essas habilidades de modo ético. Também conhecido como "Homem de Aço", o Super-homem é considerado o modelo completo de poder sobre a matéria, em especial, à moralidade e à sabedoria de seu uso.

No momento da entrevista, quando apresentada a foto do Superman (figura 2) aos entrevistados, todos o consideraram como o modelo do homem ideal. Otávio afirma que o Superman "*é o padrão mundial de beleza",* declara-o como um *"modelo de padrão de beleza*", apesar de ressalvar que a barba o deixaria com um "*ar mais masculino*". Para Gomes, a aparência desse super-herói é masculina. Admite ainda que "*cresceu tendo-o como referência: um homem hétero, masculino e forte*". Romeu assegura: "*é a proximidade da perfeição de um homem. O jeito, comportamento, a voz, o que ele representa para a sociedade*". Facundo diz que a figura da personagem em questão o remete sempre ao superpoder. Remo destaca o compromisso do super-herói com uma causa cujo objetivo é o bem da humanidade.

[19] Disponível em: < https://observatoriodocinema.uol.com.br/filmes/2021/10/fas-acham-que-produtora-acaba-de-indicar-volta-de-henry-cavill-como-superman > Acesso em: 14 nov. 2020.

No caso da personagem Pantera Negra (figura 1), Américo, ao ver a foto do super-herói, imediatamente diz: "*igualzinho ao do outro (Superman) [...], só que mais simpático*". Elói reconhece nele uma masculinidade representativa no quesito étnico-racial, enaltecendo sua moral admirável. Gomes o admira pela coragem por defender a etnia-raça que ele representa. Vê nele a personificação de força e inspiração. Otávio deixa claro que assim como o Superman, o Pantera Negra representa o ideal de masculinidade.

Enfim, tanto Super homem quanto Pantera Negra são, para os entrevistados, o ideal de homem, principalmente, por sua qualidade moral, corpo, força e beleza. Fica claro diante de outros comentários feitos no momento da entrevista que há uma imagem pressuposta de homem relacionada a um modelo de heterossexualidade.

Foi possível notar que quando a figura estampada na foto não apresentava qualquer marca atribuída ao feminino, os participantes não a atribuíam a uma possível homossexualidade. Miskolci (2017) afirma que, geralmente, a imagem associada ao homem hétero é aquela que apresenta sinais de jovialidade, corpo malhado, cabelos curtos, barba ou cavanhaque e que homens gays neste perfil são concebidos como masculinos.

O autor ressalta que os músculos são vistos como sinônimo de aparência heterossexual. Segundo o autor, a musculação, a prática esportiva, o consumo de suplementos alimentares e outras tecnologias corporais e comunicacionais são utilizadas por homens gays e "se fundem como verdadeiras tecnologias de gênero acionadas para 'encarnarem' a heterossexualidade gerindo a invisibilidade em suas relações com os outros homens" (Miskolci, 2017, p. 163). Nesse sentido, não existe a imagem de um corpo homossexual e sim heterossexual.

Miskolci (2017) evidencia um fato importante sobre isso: o desejo de "se passar" por hétero pode evitar possíveis violências comuns na vida de homens gays, algumas claras e socialmente visíveis e outras de cunho mais subjetivo, submetida a um julgamento moral desfavorável, proibitivo, diminutivo, patologizante[20] sobre a sua identidade e seus desejos. Atrelado a essa circunstância, pode-se acrescentar a fragilidade no referente ao direito de igualdade e de garantias civis básicas para que indivíduos não heterossexuais se sintam seguros na hipótese de ser reconhecido como um homem gay nos ambientes em que circula.

A partir da fala dos entrevistados, é possível verificar que há um formato imagético ideal de homem que se confunde com a forma padrão heterossexual. As características dessa forma padrão é ser musculoso, ter barba, poucos ou muitos pelos, aparentar um homem cheio de vigor e potência.

---

[20] O uso aqui significa o ato ou efeito de patologizar, cujo significado é considerar patológico, classificar (comportamento, fenómeno, etc.) como doentio, de acordo com o site https://www.infopedia.pt/dicionarios.

Outra foto apresentada foi a do jogador Neymar Jr (figura 3). Sobre esta foto, Gomes comenta que, a partir das informações que ele teve acesso na mídia, o jogador representava para ele algo totalmente oposto àquilo que ele tem como ideal de ser humano. Américo, quando vê a foto do Neymar, afirma que ele é "detestável", pois julga que suas atitudes são moralmente inaceitáveis, principalmente por causa de seu machismo e da sua irresponsabilidade social explicitada na mídia, avalia. O entrevistado ainda diz que o jogador possui atributos visíveis em masculinidades heterossexuais. Catulo e Elói diante da foto do esportista também manifesta repulsa, afirmando ser aquele o estereótipo do homem jogador de futebol, pegador, preocupado com um *status*, "*que acha que está em um patamar acima dos outros, porque ganha milhões e não faz nada para ajudar o próximo, para ajudar a transformar a sociedade para melhor*". Facundo ressalta que para ele o jogador é um influente inspirador da masculinidade brasileira, no âmbito do comportamento: "*fazer festas, ter sempre um grupo de súditos*".

Figura 3 - Jogador de futebol Neymar Jr

Fonte: Site Folha PE[21]

Em especial, no caso do jogador Neymar Junior, ele é um homem que teve sua masculinidade difundida primeiramente em contexto local e regional, no entanto, ganhando fama internacional, passou a figurar em contexto global.

Estudo publicado por Matos, Mezzaroba e Zoboli (2015), em artigo intitulado "O 'garoto propaganda' Neymar – sentidos de corpo masculino e modos de endereçamento através de propagandas comerciais", analisa os signos e os discursos que abrangem a constituição do corpo masculino, a partir do uso de anúncios comerciais criados e transmitidos pela mídia televisiva.

[21] Disponível em: < https://www.folhape.com.br/esportes/neymar-desfalca-psg-a-seis-dias-das-oitavas-da-champions/130558/ > Acesso em: 14 nov. 2020.

Como destacam os autores, a difusão de peças publicitárias, tendo o jogador de futebol Neymar como garoto propaganda, evidenciam discursos, signos, significados e imposições de sentidos de corpo. Os autores argumentam que os significados são produzidos pelo próprio processo de comunicação de massa a partir da ampla aparição das imagens.

Matos, Mezzaroba e Zoboli (2015) concluem que "os padrões 'pele sem pêlos', 'cabelo estilo moicano', 'atleta forte' e 'atleta máquina' foram os sentidos impostos ao jogador Neymar inseridos nos discursos das propagandas" (p. 01). Ainda, destacam que estes sentidos são transmitidos por meio de inúmeros canais de comunicação de massa, alcançando constantemente um público indeterminado.

Vale destacar que, de acordo com Martins, Picosque e Guerra (1998), cada imagem porta um discurso visual e cada olhar revela uma história de si, que são construídas a partir de uma série de experiências socioculturais cotidianas. Nesse sentido, conforme os autores, o olhar já carrega referências pessoais e culturais.

Há outros sinais importantes nas imagens e que foram comentados pelos entrevistados, dentre os quais, o tamanho do pênis. A próxima imagem (figura 4) mostra um homem com pênis avantajado, sinal de potência e dominação.

Figura 4 - Homem nu

Fonte: Site Bananas Famosas[22]

[22] Disponível em: < https://bananasfamosas.com.br/mix-de-fotos-homens-pelados-e-dotados/ > Acesso em: 14 nov. 2020.

A imagem a seguir (figura 5) traz um homem com corpo forte e pênis ereto, ainda que menor que o anterior.

Figura 5 - Homem nu

Fonte: Site Sexo Porno Gay[23]

Furlani (2007) afirma que a questão do tamanho do pênis também ocupa um espaço importante nas relações sexuais dos homens, pois a dimensão do órgão está relacionada à ideia de um desempenho sexual satisfatório e diferenciado, no entanto, segundo Paley (2001), a questão vai além, ter um pênis com medidas superiores à média remete também a uma imagem de poder. O "dotado" é considerado como um privilegiado na conquista de parceiros ou parceiras (Furlani, 2007; Paley, 2001). A autora destaca que o pênis sempre foi motivo de orgulho para os homens. “No neolítico quando homens descobriram qual era o seu papel na concepção, até o cristianismo se espalhar na Europa, quase todas as culturas tinham deuses com pênis notórios e imensos” (Paley, 2001, p. 51).

Paley (2001) afirma que o pênis de um homem é a evidência explícita de sua virilidade e símbolo de poder, mas somente quando está ereto.

[23] Disponível em: < https://sexopornogay.blog.br/homens-pelados/penis-pequeno-fazendo-sexo-com-homem-de-pinto-pequeno/ > Acesso em: 14 nov. 2020.

No caso do homem nu (figura 4), com o pênis em tamanho avantajado, os entrevistados relacionaram o tamanho à maior virilidade, atribuindo-lhe personalidade dominadora e ativa, bem como um caráter de predação sexual. Em contrapartida, não reconheceram nele um indivíduo carinhoso, capaz de demonstrar afetividade. Atribuíram-lhe, ao contrário, menor capacidade de manter vínculos com parceiros e familiares. Também o consideraram "passável por hétero". Remo destacou-lhe sinais corporais de um homem da periferia: cabelo descolorido e tatuagens.

> *É o tipo de corpo, por causa das tatuagens e o cabelo descolorido, que a gente considera o cara da periferia, então, até pelo fato de ele não ser negro, mas ser um pouco mais pro pardo e tem um pau grande, é o tipo que a maioria dos gays almejam. E também ele não é um corpo forte, é um corpo magro, então, ele ainda está dentro do padrão, e aí pelo fato de ser, na foto ser fortemente essa coisa masculina, a pegada da periferia, eu acho que também faz com que ele me pareça assim uma pessoa mais masculina.* (Remo)

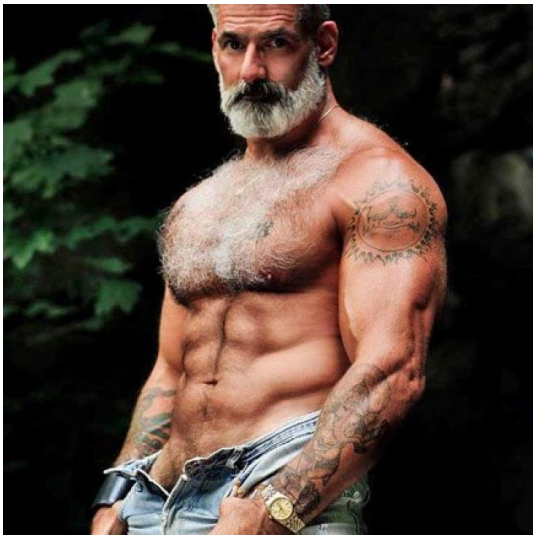
Já o homem nu (figura 5), com um pênis menor que o anterior, foi considerado pelos entrevistados um sujeito mais descontruído em relação ao padrão imposto, de caráter afetuoso, seguro, com capacidade de manter vínculo com a família e com suposto parceiro. A fala de Remo ilustra bem esta proposição:

> *Eu vejo um cara que atenderia a todos os padrões de masculinidade, que a gente tem na nossa sociedade atual: um cara forte, branco, quase sem pelos e que serviria tanto para o ideal homo quanto hétero. Só que aí a gente tem um pênis pequeno comparado o que a gente almeja como gays e o que é bonito dentro da ideia de homem, o homem ter um pau grande, então isso pode ser algo que, a partir do momento que alguém veja, pode atribuir a ele não ter mais o mesmo tesão do que se ele tivesse um pau grande ou normal.* (Remo)

A imagem a seguir (figura 6) destaca a figura de um homem com um corpo musculoso, peludo, barbudo, de olhar firme, indicando sua virilidade.

O homem que estampa a foto, Anthony Varecchia, é um modelo profissional de 53 anos, residente em Nova York. Ele é uma personalidade pública presente em alguns sites que enfatizam a sua idade, além de destacar seu corpo escultural (padrão greco-romano), muita sensualidade e beleza, aproximando essas características do autocuidado, da capacidade de atrair o olhar de outras pessoas, da jovialidade e da plena felicidade (Lima e Junior, 2018).

Figura 6 - Anthony Varecchia, Idade 53 anos, modelo



Fonte: Site Curiosidades[24]

Facundo quando vê a foto do Anthony diz ele "*está bem, pela idade*!". Romeu reconhece nele o tipo gay denominado "urso". Como destaca: "*é uma figura bem sexual, bem masculina, bem atraente, muita gente gosta, o grisalho dá um charme, eu acho charmoso o cabelo branco de uma maneira natural e dá um ar viril, sexua*l".

Remo diante da imagem do Anthony:

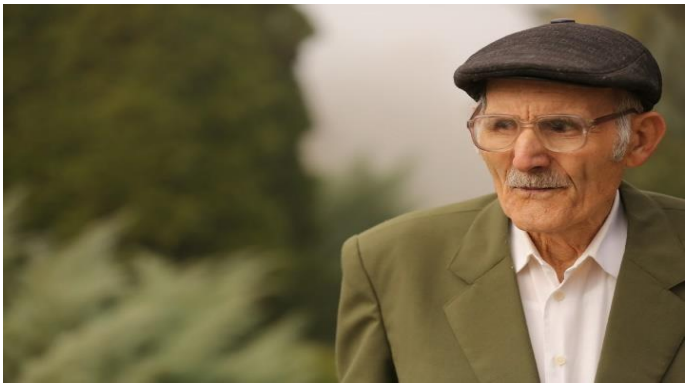
> *É o cara, é o sugar daddy que todo mundo queria e é o corpo e a forma como eu gostaria de envelhecer. É continuar a tendência desse padrão que a gente tem até depois da velhice, porque é um cara extremamente masculino, com um corpo totalmente dentro do padrão, tatuado e o cabelo grisalho, os pelos grisalhos fazem com que ele seja ainda mais charmoso. Isso é uma coisa que os homens têm de vantagem. A gente pode ter cabelos brancos*. (Remo)

Já Américo diz:

> *Na questão da masculinidade, me passa bastante virilidade, uma espécie de proteção, talvez por causa de seu tamanho e me remete também a uma questão de masculinidade muito ativa, no sentido dominação, de ser um tipo mandão, de ser aquele que dita as regras.*

Figura 7 - Homem idoso

[24] Disponível em: < https://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/conheca-10-homens-cinquentoes-com-corpos-esculturais.html > Acesso em: 14 nov. 2020.



Fonte: Banco de imagens de domínio público Pixnio[25]

Na imagem do homem idoso (figura 7), não lhe atribuíram virilidade. Atribuíram-lhe em contrapartida uma personalidade moralmente familiar e capaz de manter vínculo afetivo com parceira ou parceiro, e que apresenta caráter mais familiar. Romeu diz que vê um senhor, um tipo de homem discreto, descente, idoso e não viril.

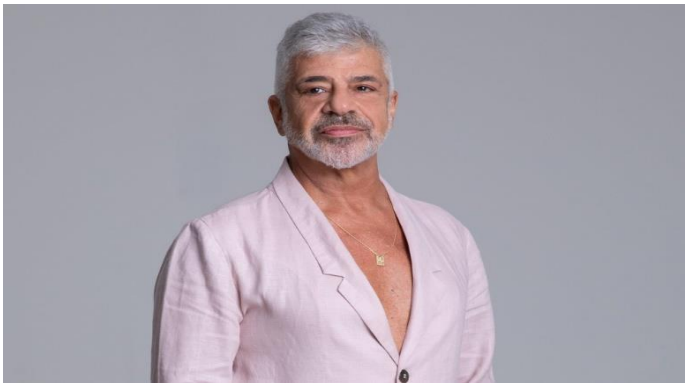
Remo diante da foto diz que

> *dentro do nosso meio, o maior medo da grande maioria dos gays é chegar nessa velhice: um velho frágil, parece um avozinho, nem parece gay, nem hétero. Na minha percepção, dentro da nossa cultura, ele é uma pessoa que já virou assexuada, porque para nós ela não tem nem sexualidade, ou ela não deveria nem ter sexualidade, porque ela já virou um velhinho frágil.*

Américo comenta que enxerga uma masculinidade "*mais ponderada ao contrário da imagem do Anthony, um "velho fortão*". Segundo ele, trata-se de um senhor que comunica uma imagem de uma masculinidade mais afetiva, mais amorosa. "*Um homem mais parceiro da sua da sua esposa ou do seu marido*". Ele atribui ao homem dessa imagem uma personalidade mais sensata, mais participativa, mais amigável dentro de casa do que a de uma figura masculina e machista.

Figura 8 - Cantor Lulu Santos

[25] Disponível em: < https://pixnio.com/pt/media/homem-velho-pessoas-idosas-oculos-ruga-bigode > Acesso em: 14 nov. 2020.



Fonte: Site Caderno Pop[26]

O cantor Lulu Santos é um artista de muitos anos de carreira e com presença contínua na mídia de massa, no território brasileiro. Recentemente, ele foi notícia nos principais canais de comunicação, pois declarou abertamente que estava em um relacionamento conjugal com um outro homem mais novo, inclusive, em entrevista para o *site* Glamurama, ele reconhece os efeitos desse processo, afirmando que nada mudou e tudo mudou. O artista diz que continua sendo quem sempre foi, independente da "saída do armário". Ainda diz que, por outro lado, acha que agora é mais sincero, sobretudo com a sociedade. Lulu Santos conta que era um incômodo não se posicionar como se identifica, menos pela questão da representatividade, porque, para ele, essa é decorrente da sua fama, e mais por uma questão de coerência, de se sentir íntegro consigo mesmo e não temeroso em se expor.

O relato do cantor mostra como ele foi produzido ao longo de sua carreira segundo uma imagem de artista masculino; um "produto" midiático consumido nacionalmente, orientando representações sobre gênero e expressão identitária. Pizzinato, Maracci-Cardoso e Rosa (2018) evidenciam o papel central do consumo de imagens na construção dos ideais de consumo identitário. Os autores afirmam que a mídia, sobretudo a partir da sua perspectiva publicitária, é fundamental na composição das subjetividades contemporâneas, uma vez que ela processa a comercialização de estilos de vida.

Sobre a foto de Lulu Santos (figura 8), Gomes afirma que o acha um homem muito inteligente, um mestre da música e uma grande inspiração de coragem porque ousou a expor sua homossexualidade para o público, de modo geral. Diz que o artista envelheceu de uma forma bem cuidada. Facundo tem um olhar crítico a respeito da invisibilização da homossexualidade de Lulu, até recentemente, e vê nele um padrão de masculinidade "passável por hétero". Elói reconhece que Lulu é um dos maiores cantores brasileiros de todos os tempos,

[26] Disponível em: < https://cadernopop.com.br/lulu-santos-faz-live-no-copacabana-palace/ > Acesso em: 14 nov. 2020.

também destaca a invisibilidade da sua homossexualidade, porém, vê de forma corajosa e inspiradora a sua "saída do armário". Romeu destaca seu talento e também aborda a invisibilidade da sua homossexualidade e o uso de alguns signos para "se passar" por hétero, como a barba, as vestimentas e a postura "discreta".

Vale apontar que, de acordo com Miskolci (2017), há uma masculinidade negociada e imaginada, que depende do contexto e da origem sociocultural do indivíduo e cujo objetivo é passar desapercebido nos espaços sociais a fim de manter em segredo/invisível o desejo homossexual e, então, não correr o risco de enfrentar sanções.

O autor ainda ressalta que há uma masculinidade idealizada, baseada em modelos heterossexuais, popularizada pelos meios de comunicação. Nesse sentido, ser discreto é exibir marcas de uma masculinidade padrão, "corporificada na imagem de um homem plenamente ajustado à ordem heterossexual" (Miskolci, 2107, p. 189). Seria uma forma de maximizar a segurança em contextos que pressupõem a heterossexualidade como paradigma normativo.

Figura 9 - Homem em desfile de moda

Fonte: Site Blog Mulherão[27]

A imagem acima mostra homens em um evento de moda, a *Fashion Weekend Plus Size* FWPS que, conforme o próprio *site* da organização informa, é o maior evento de moda *plus size* do Brasil, segundo informa, contando com tem um público visitante de mais de 2000 pessoas. O evento reúne salão de negócios, desfiles, palestras sobre negócios e tendências para

[27] Disponível em: < https://blogmulherao.com.br/29877/homens-gordos-de-sunga-em-desfile-de-moda-dao-o-que-falar/ > Acesso em: 14 nov. 2020.

lojistas e influenciadores do setor, apresentação de lançamentos e de novas marcas e ações de marketing. É um evento para corpos gordos, ou seja, fora dos padrões hegemônicos. São corpos depreciados pelo heteropatriarcado visto que os homens gordos possuem maior dificuldade para demonstrar sua masculinidade, por desenvolverem traços considerados femininos, como peitos (Paim, 2019).

Sobre a foto do homem desfilando de sunga em evento de moda (figura 9), Facundo diz que enxerga nela uma pessoa feliz consigo mesma. Romeu vê uma ruptura de paradigma, pois ele enxerga na foto um homem negro com traços femininos.

O homem em desfile de moda (figura 9) também tem as marcas da masculinidade, porém, seu corpo gordo fora do padrão, não lhe confere virilidade, antes, uma capacidade de construir vínculos afetivos, um caráter carinhoso e "passável por hétero", conforme os entrevistados.

A figura abaixo (figura 10) mostra um homem transgênero[28]. Mesmo tendo barba, trejeitos, musculatura, a ausência do pênis se torna um fator relevante numa perspectiva falocêntrica (Almeida, 2012).

Figura 10 - Homem transgênero grávido

[28] Conforme esclarece uma nota informativa da UNFE/ONU, a identidade de gênero se refere à experiência de uma pessoa com o seu próprio gênero. Pessoas transgênero possuem uma identidade de gênero que é diferente do sexo que lhes foi designado no momento de seu nascimento. Uma pessoa transgênero ou trans pode identificar-se como homem, mulher, trans-homem, trans-mulher, como pessoa não-binária ou com outros termos, tais como hijra, terceiro gênero, dois-espíritos, travesti, fa'afafine, gênero queer, transpinoy, muxe, waria e meti. Identidade de gênero é diferente de orientação sexual. Pessoas trans podem ter qualquer orientação sexual, incluindo heterossexual, homossexual, bissexual e assexual. Disponível em: <https://www.unfe.org/wp-content/uploads/2017/05/Transgender-PT.pdf > Acesso em: 26 Abr. 2022.

Fonte: Site Bebê Mamãe[29]

Facundo, ao falar sobre a foto do homem transgênero grávido (figura 10) reconhece que a imagem é de um homem, porém, comenta sobre a presença do útero no corpo, mesmo não sendo esse um órgão visível. Romeu, a princípio, não havia reparado que era um homem trans, depois, surpreso, diz "diferente!" e destaca sua confusão diante de alguns casos de identidades transgêneras. Termina declarando a importância de ser feliz.

A foto do homem transgênero grávido apesar de ser reconhecida como uma figura masculina, pois apresenta signos da masculinidade, como barba, tatuagens, não foi atribuída à virilidade. A questão da ausência do pênis ocupou certa centralidade nos comentários.

Rô Vicente, uma dessas personalidades, se autodeclara Bixa Trans não-binária. Em sua coluna no *site* Medium, afirma que um homem gay rompe paradigmas de gênero quando se auto decreta uma "Bixa", porque está propondo uma aproximação com o feminino ou porque, muitas vezes, se enxerga como não-binário, como gênero fluido, apropriando-se de certos trejeitos, trajando-se com vestimentas sem a preocupação em seguir um ordenamento já posto, utilizando adjetivos femininos e masculinos para se referir a si mesmo.

Figura 11 - Rô Vicente, integrante do programa TODXS Embaixadorxs 2018

Fonte: Site Medium[30]

Rô Vicente afirma que é revolucionário ser uma Bixa. Declara que o seu jeito de se vestir e se portar gera expectativas em outras pessoas. "*Homens nos julgam como uma vadia do sexo, um corpo feito apenas para gozar. Isso se dá porque somos os corpos masculinos mais*

[29] Disponível em: < https://bebemamae.com/mamae/homem-trans-engravida-e-da-a-luz-bebe-menino-veja-e-saiba-mais > Acesso em: 14 nov. 2020.
[30] Disponível em: < https://medium.com/todxs/bicha-bixa-gay-lgbt-fd3daedcc867 > Acesso em: 14 nov. 2020.

próximos do universo feminino e, como todo o corpo de uma mulher serve apenas para sexo para os homens, com as Bixas não seria diferente" (Medium).

"Fantástico!" é a primeira coisa que Gomes diz ao ver a foto de Rô Vicente (figura 11), porque enxerga ali uma realização pessoal e felicidade na ousadia da pessoa da foto de se expressar conforme o seu desejo. O entrevistado diz que, atualmente, poderia atribuir-lhe masculinidade porque ser masculino não está relacionado com a aparência. E no caso de Rô Vicente, sua masculinidade poderia ser demonstrada de forma única, conforme seu modo de ser enquanto indivíduo. Facundo diz que enxerga "*uma pessoa feliz consigo mesma, me maquiei, vim aqui lindo, tirei uma foto, passei um batom e ainda estou de bigode. E isso não tem nada a ver, posso usar um batom mesmo de bigode e de barba*". Elói faz seu comentário numa linha parecida com os comentários anteriores, dos outros entrevistados, acrescentando a feminilidade como uma característica positiva e importante na masculinidade. Romeu enxerga a feminilidade bastante estampada na corporeidade de Rô Vicente e enaltece sua postura livre, ligando-a à capacidade do indivíduo ser feliz.

Vale destacar que no caso das fotos do homem transgênero grávido e de Rô Vicente, os entrevistados reconhecem traços de masculinidade, mas, ainda assim, fica a incerteza de sua masculinidade. Todos falam em confusão e nenhum atribui alguma característica relacionada à virilidade.

Os entrevistados desta pesquisa atribuíram sentidos às fotos com base em suas vivências pela visualidade (Silva, 2000). De acordo com Silva (2000), as visualidades podem ser aprendidas tanto de modo espontâneo e natural, como também de forma aprofundada e orientada nos muitos locais de acesso e de compartilhamento dos códigos visuais, onde se constroem as identidades.

Silva explica que a identidade não é uma essência, tampouco é uma realidade imutável ou uma ocorrência inflexível da natureza, ou da cultura. Ela não é fixa, nem estável, muito menos coerente, unificada, permanente. De acordo com o autor, ela não é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental:

> [...]. Podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (2000, p. 96)

4.2.3 Uma pedagogia masculinizante

As narrativas pessoais aqui analisadas mostram que os participantes deste estudo estão inseridos em um contexto dotado de ações masculinizantes implícitas e explícitas, coordenadas por setores diversos da sociedade e mantidas por meio da cultura. Eles mostram ter vivido sob um sistema de exercícios cotidianos cuja função é ensinar e orientar os meninos, rapazes e homens para um determinado padrão de masculinidade, estando continuamente sob supervisão e, aqueles que, de alguma forma, fogem desse padrão imposto, acabam sendo corrigidos (Connell, 2016; Louro, 2017). Esse conjunto de processos formativos dão base para a estruturação de uma pedagogia cujo objetivo é masculinizar.

Como mostram os entrevistados, há práticas sociais masculinizantes[31] nos contextos da educação formal[32], não formal[33] e informal[34]. Como destacam Connel (2016) e Louro (2017), cotidianamente, os homens estão inseridos em práticas, exercícios e atividades que lhes fazem incorporar, aprender, retomar, além de passar pela avaliação e correção de suas condutas.

Na educação formal, sistematicamente são realizadas atividades que reforçam um tipo masculino, enquanto ridiculariza outros. É o se pode denominar de poder disciplinar. Louro (2017) dá o exemplo de aulas de educação física onde há uma rígida divisão entre meninos e meninas para a prática de jogos de grupo, como futebol. Gomes também destaca as aulas de educação física para falar sobre sua sexualidade:

> (...) *sempre na escola, o Gomes era o veadinho, era o gay, era o bichinha, o efeminado, apesar de que eu nem era assim. Eu só era do tipo que não gostava de jogar bola, mas adorava jogar vôlei, qualquer outro esporte, menos futebol. Além disso, eu ficava sempre mais com as meninas, então isso já era motivo para os meninos falarem coisas.* (Gomes)

Elói também faz referência ao futebol na escola e seu afastamento dessa modalidade de esporte:

---

[31] "Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são "generificadas", ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos" (Louro, 1995, p. 103).

[32] "[...] compreenderia, o sistema educacional altamente institucionalizado, cronologicamente graduado e hierarquicamente estruturado que vai dos primeiros anos da escola primária até os últimos da universidade" (TRILLA, 2008, p. 32).

[33] "[...] toda atividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do marco do sistema oficial, para facilitar determinados tipos de aprendizagem a subgrupos específicos da população, tanto adultos como infantis" (TRILLA, 2008, p. 32).

[34] "[...] um processo, que dura a vida inteira, em que as pessoas adquirem e acumulam conhecimento, habilidades, atitudes e modos de discernimento por meio das experiências diárias e de sua relação com o meio" (TRILLA, 2008, p. 32).

> *Eu tinha dois colegas de escola que eles eram aquele tipo "barra pesado", aquele tipo que brigava. Eles já vinham de outra escola, porque foram expulsos. Eu lembro de estar no ginásio da escola e eu não queria jogar futebol, justamente por causa disso. Os meninos eram violentos. Eu até gostava de praticar esportes. E aí a gente conversou a discutir, eles de uma forma bem mais agressiva e eu sai da quadra. E aí o professor veio brigar comigo, não com eles, pelo fato de que eu estava saindo e deixando eles me tratar daquele jeito, dizendo que a culpa era minha, que eu tinha que enfrentar. Só que os dois eram conhecidos por bater em todo mundo.*

No relato, Elói destaca a cobrança que o professor fez para que ele permanecesse na quadra mesmo tendo presenciado, nas palavras do entrevistado, "a forma agressiva" com que os colegas conversavam com ele, enquanto esses mesmos colegas não foram repreendidos pelo professor. Como menciona Connell e Messerschmidt, (2013), é comum haver o incentivo para que meninos joguem futebol, pratiquem esportes violentos e atividades de risco, pois são vistos como recursos pedagógicos para a formação do jovem na construção de sua masculinidade. Como é reafirmado nas famílias dos entrevistados, esses esportes e atividades foram apresentados por seus familiares e mesmo na escola onde estudaram, como esporte "de homem", mais precisamente, de homem heterossexual. Como destacaram em suas narrativas, não se admite imaginar que um homem gay pratique tais esportes e atividades como também reforçado ao comentarem sobre a figura do jogador Neymar Jr.

Esse aprendizado sobre a masculinidade se dá tanto pela educação formal, a exemplo da educação física, quanto não formal. Na educação não formal, as crianças são estimuladas ou até mesmo forçadas a fazer aulas de artes marciais, aulas de oficina mecânica, aulas de algum tipo de atividade ou ofício atribuído ao universo masculino (Louro, 2017).

No relato de Américo é possível enxergar isso:

> *Naturalmente, sempre me atraí por pessoas do mesmo sexo. Nunca tive uma crise de identidade ou sexual. Achava normal e gostava. Meu maior problema era com a questão de trejeitos femininos. Eles me incomodavam, pois, as pessoas criticavam e algumas faziam bullying comigo. Meu pai sempre falava coisas como: "vira homem", "toma jeito". Aos 11 anos, ele me obrigou a ir trabalhar em uma oficina mecânica e me matriculou em atividades "masculinas" como: andar a cavalo e fazer judô para conviver e aprender a ser um "macho".*

Este trecho discute o fato de que o homem tem que fazer constantemente o exercício de se tornar "homem", como se existisse um molde que pudesse ser vestido; como se a todo momento qualquer desvio pudesse ferir a condição de "ser homem".

Connell e Messerschmidt (2013) elucidam essa questão afirmando que, numa visão de mundo heterossexual, nas relações dos sujeitos, há uma conduta padrão-normativa para todos

os homens. O trecho do relato de Américo evidencia a presença de comportamentos comuns das masculinidades hegemônicas heterocentradas: a exigência da virilidade e a feminização daquele que se concebe como um desviante da normalidade estabelecida pelo grupo hétero-dominante. Essa exigência é percebida, pelos entrevistados, tanto na educação formal quanto informal.

A educação informal, mesmo não sendo sistematizada, exerce forte influência na constituição do indivíduo, pois se utiliza da instrução e da coerção, como ocorre como na convivência com a família e parentes (Connell e Messerschmidt, 2013).

Os relatos dos entrevistados mostram claramente como a família imputa ao homem a responsabilidade provedora, mas não afetiva sobre a própria família. Connell (2016) e Louro (2019) abordam essa questão afirmando que as famílias acostumadas às práticas androcêntricas, acabam por reproduzir em suas próprias práticas as formas relacionais heterocentradas nas orientações das crianças, onde o discurso tem como base a visão heterocêntrica do mundo.

Como discutem Connell (2016) e Louro (2019), as crianças são ensinadas desde cedo que as relações afetivo-amorosas-sexuais “normais” devem acontecer entre um homem e uma mulher. Também são educadas a brincar com brinquedos e brincadeiras de meninos e de meninas. Além de frequentemente serem exortadas que o sentimentalismo e a expressão das emoções são para elas e não para eles e que no caso deles isso é sinal de vulnerabilidade.

As autoras ressaltam que esses discursos são reforçados na escola. Neste local, comumente, a criança é ensinada que os meninos são bons em certas disciplinas (as ciências exatas) e as meninas são boas para as outras (as ciências humanas). O uso dos banheiros também é um problema moral importantíssimo no espaço escolar, ao ponto de delinear não só a estrutura arquitetônica como também organizacional (Connell, 2016; Louro, 2019).

Conforme as autoras, na infância, as brincadeiras já determinam o que é masculino, que tipo de brincadeira é autorizada e qual tipo não é autorizada para meninos. Atividades intelectuais e artísticas exigem sensibilidade e são muito associadas ao universo feminino.

Connel (2016) e Louro (2019) destacam que desde a infância e na adolescência, o jovem recebe instruções de masculinidade por meio de ações que partem das instituições sociais que possuem influência direta sobre sua formação identitária: a família, a escola, a igreja, as organizações de trabalho e o Estado.

A questão da formação para a masculinidade também é trazida por Gomes que ressalta em sua narrativa a presença da pornografia heterossexual como instrumento de formação, elemento comum de uma pedagogia masculinizante.

Nesse processo de formação e inculcação de valores, a religião também é uma importante instituição masculinizadora do homem, pois atribui modelos divinos e divinizados, como o próprio deus e santos. Nesta outra parte da entrevista de Américo fica evidente também a ação supervisora e orientadora da instituição religiosa por meio da opressão da comunidade religiosa e de um porta-voz, no caso, um "ancião", em fazê-lo se manter dentro de um padrão imposto, usando, para isso, dogmas da religião como argumento para convencê-lo e a fabulação como recurso didático-pedagógico. Na fase dos 17 anos aproximadamente, ele achava super tranquilo lidar com essa situação. Diz que gostava dessa fase, porque passou a entender e olhar para algumas coisas que não faziam muito sentido. Apesar de ser uma fase problemática, pois se desvincular disso foi muito difícil. Ele conta que houve pressão da comunidade religiosa para ele se manter alinhado aos dogmas da igreja. Ele conta que tratavam a homossexualidade como um tipo de doença espiritual e que, frequentemente, ouvia que problema não seria ser homossexual, porém seria ele aceitar ser. Ele lembra de um fato que lhe aconteceu:

> *Eu nunca me esqueço! Um desses anciãos, uma vez foi em casa e ele falou assim para mim: "Américo, você é uma plantinha que está em cima de um precipício. Essa plantinha só está com um pedacinho da raiz ali fixa no precipício, se você se entregar para a homossexualidade, essa raiz vai quebrar e você vai cair nesse precipício. Ou seja, não tem problema você ser desde que você não pratique, não exerça a sua sexualidade".*

A proibição do exercício da sexualidade pela religião remete aos efeitos da estigmatização dos corpos de meninos e homens que possuem uma sexualidade gay (Borrillo, 2016).

Connell (2016) reforça que as organizações de trabalho atribuem funções determinadas para homens que envolvem trabalho braçal, risco, força, agressividade, exatidão, objetividade. No mundo do trabalho, existe divisões de papeis já vistas ou semelhantes nos ambientes domésticos e escolares, implicando atribuições às mulheres e homens até de diferença de salários.

De acordo com Connell (2016) e Louro (2019), a mídia de massa também exerce forte influência nesse processo. Os programas de T.V., desenhos animados, seriados, novelas, noticiários, propagandas e publicidade comunicam a masculinidade hegemônica[35]. A TV apresenta modelos a serem seguidos; modelos valorizados por meio dos privilégios e

[35] Vale destacar que esse quadro tem sido revisto e, ultimamente, se percebe nas propagandas televisivas e publicidade, de um modo geral, onde aparece, com bastante força, novos modelos de comportamento e de orientação sexual, muitos casais homoafetivos, por exemplo, dão lugar à supremacia hétero. Algumas dessas propagandas de TV são da Natura, da Avon, do Banco Itaú.

condecorações, e modelos desvalorizados, por meio do escracho, violência e chacota, como já mostrado anteriormente numa fala de Gomes quando ele se refere ao humorista, *drag queen*, Vera Verão.

Constantemente, instituições tentam inculcar nos jovens a ideia de que, para ser um verdadeiro homem, eles devem combater os aspectos que poderiam fazê-los serem associados às mulheres (Connell, 2016). Remo, em trecho de sua narrativa já apresentada, conta do dia em que sua avó o repreendeu duramente porque ele estava dançando a música da Xuxa com suas amigas.

A análise das entrevistas tem revelado que estes homens estão em constante supervisão. Olhos atentos orientaram e corrigiram, com frequência, estes meninos, jovens e adultos, no caminho de um dado padrão de masculinidade coordenado no interior de um sistema pedagógico, nem sempre sutil.

O heterocentrismo é o princípio dessa pedagogia masculinizante, que se utiliza de métricas da masculinidade heterocentrada para formar a visão de mundo, a concepção das relações e os modos de produção (Connell, 2016).

Conforme Connel (2016) e Louro (2019), a masculinidade heterocentrada se constitui historicamente no âmbito doméstico/familiar/privado; escolar/acadêmico/público e no âmbito do mundo do trabalho/público. Todas as referências do masculino aprendemos no interior desses contextos. De um modo geral, a pedagogia dos setores mais fundamentais da formação do sujeito está alicerçada no heterocentrismo, avaliam as autoras.

O material analisado (entrevistas e relatos biográficos) mostra como os homens foram impactados ao longo de toda a sua formação como indivíduo pela ideia de masculinidade hegemônica em vários contextos: na família, na escola, na igreja, no grupo de amigos, no trabalho, no lazer, no esporte, nas baladas, pela mídia e por meio de políticas de estado.

4.2.4 A presença da violência na constituição da memória e da identidade gay

Todos os homens participantes desta pesquisa relataram ter sofrido algum tipo de violência relacionada ao gênero e à sexualidade ao longo da infância e da adolescência: insultos homofóbicos, injúrias verbais, *bullying*, difamação, falta de cordialidade, exclusão do convívio social, abuso sexual ou o sarcasmo. Violências explícitas e inevitavelmente toleradas e invisíveis a suas próprias vítimas, porque como afirma Bourdieu (2019), as formas violências são fundamentalmente realizadas pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento, sendo esses os principais campos de elaboração e imposição de suas premissas.

De acordo com Minayo (2006), há um tipo de violência estrutural, que diz respeito aos processos sociais, políticos e econômicos que reproduzem a desigualdade de gênero. Geralmente, essa violência acontece sem a consciência explícita dos sujeitos e se perpetua nos processos sócio-históricos, naturalizando-se na cultura e reproduzindo privilégios e modos de dominação.

A violência comumente presente na formação de um homem gay, originada na masculinidade hegemônica, funciona como um tipo de instrumento de controle, alertando os homens gays que eles não estão em conformidade com o padrão tipicamente masculino e, por isso, devem ser punidos para não cometerem mais o equívoco.

Gomes destaca os problemas que viveu, até para fazer amigos:

> *Apesar de que, sempre na escola, o Gomes era o veadinho, era o gay, era o bichinha, o efeminado, apesar de que eu nem era assim. Eu só era do tipo que não gostava de jogar bola, mas adorava jogar vôlei, qualquer outro esporte, menos futebol. Além disso, eu ficava sempre mais com as meninas, então isso já era motivo para os meninos falarem coisas. Então, eu fui crescendo, passei pela adolescência com uma personalidade muito reservada. Eu tinha os meus amigos da rua, que me conheciam desde sempre e que nunca me trataram mal por isso, porque eu era da rua e todo mundo brincava junto, mas, na escola eu tive bastante problema. Eu não tive muitos amigos até o segundo grau.*

Além disso, Gomes conta que tinha um grande medo de que seus pais descobrissem sua homossexualidade e, por causa dela, expulsassem-no de casa. Assim, para dissimular a sua identidade de gênero e sexualidade, ele namorou meninas.

Pollack (1992) destaca que a composição da identidade é um fenômeno cuja elaboração se dá em relação aos outros, em relação aos parâmetros “de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”. Ele afirma que a memória e a identidade são negociadas e não são fatos que devam ser entendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Também apoiadas na compreensão da importância fundamental do outro da relação para a constituição de si, Connell e Pearse (2015) afirmam que ser homem é um processo de se tornar um, é uma posição ativamente em construção. É um processo de desenvolvimento da identidade de gênero, da qual faz parte a presença do outro.

De acordo com Pollack (1992), memória e identidade são bens contestados em arenas sociais e intergrupais e, singularmente, em confrontos que opõem grupos políticos diversos. “Todo mundo sabe até que ponto a memória familiar pode ser fonte de conflitos entre pessoas”. Connell e Pearse (2015) ressalvam que a identidade tem origem nas relações de gênero, concomitantemente, no entanto, são provenientes violências estruturais, como injustiças e

hostilidades. Para Pollack (1992), gênero é uma categoria intrinsicamente política, que se constitui em um espaço de disputa, assim, de memória e identidade.

Essas questões são apresentadas pelos entrevistados: Otávio lembra que foi expulso de casa aos 17 anos quando sua família descobriu a sua homossexualidade. Remo conta que era fortemente tolhido e repreendido pelos país, porque, por exemplo, gostava de cantar e imitar a Xuxa. Diz ainda que na escola tentava disfarçar ao máximo qualquer comportamento ligado ao feminino para não ser caçoado como os outros meninos afeminados eram.

Facundo relembra do *bullying* na escola e do medo que, por isso, tinha de ir ao banheiro. Conta também que sofreu abuso sexual por duas vezes aos 7 anos, abusos estes cometidos por homens mais velhos. Ainda relata que pessoas o faziam dançar e rebolar as músicas da Gretchen com a cueca enfiada no bumbum.

Partindo dessas situações narradas pelos entrevistados, referentes à construção da memória, Pollack (1992) destaca que, em nível individual, os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. De acordo com o autor, aquilo que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é claramente o efeito de um legítimo trabalho de organização. O autor também ressalta que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno constituído social e individualmente, quando é herança, há um elo fenomenológico íntimo entre a memória e o sentimento de identidade.

Este trecho da entrevista de Otávio ilustra essa relação entre violência, memória e identidade:

> *Desde muito pequeno eu sofri com esta questão da violência. Eu era um menino um pouquinho mais sentimental, então acabava sempre sofrendo sendo alvo de xingamento, por exemplo, me xingavam de "viadinho", mas eu acabava retrucando, tanto que eu era um pouco brigão na escola, quando alguém falava que eu era algum coisa pejorativa, que eu era "viadinho" ou alguma outra coisa nesse sentido, eu acabava brigando com essa pessoa, então eu sempre sofri, mas sempre me defendi desde muito pequeno, porque se eu não brigasse na escola, eu ia apanhar em casa. No final do Ensino Fundamental, eu sofri um pouco com a exclusão também.*

Américo também relata sobre os constrangimentos sofridos:

> *Não sei se a palavra é exatamente doença no sentido que era mais uma doença espiritual, eles falavam muito assim para mim que problema não seria eu ser (homossexual), seria eu aceitar ser, então, eu nunca me esqueço um desses anciãos uma vez foi a minha casa e ele falou assim para mim "Américo, você é uma plantinha que está em cima de um precipício. Essa plantinha só está com um pedacinho da raiz ali fixa no precipício, se você se entregar para a homossexualidade, essa raiz vai quebrar e você vai cair nesse precipício, então, tinha essa questão de não tem problema você ser desde que você não pratique, não exerça a sua sexualidade.*

Elói, quando conta a sua história, nos mostra essa mesma situação. Ele narra que muitas vezes sofreu com chacotas e comentários difamatórios por causa do seu comportamento "diferenciado"; conta até mesmo um episódio que um professor lhe orientou a adotar uma postura violenta, cobrando-lhe atitudes masculinas, inclusive namorou meninas por conta disso.

As narrativas dos participantes mostram como se produz, de acordo com Borrillo (2016), uma ideia de homem e como ela é imputada como a ideia certa, natural e que deve ser seguida para sempre em suas vivências, segundo uma orientação para a construção de uma identidade masculina hegemônica.

Na presente pesquisa, é possível identificar essa orientação a partir de diferentes situações: As broncas dos pais, no caso de Américo que ouvia de seu pai pedindo para ele "virar homem"; no caso de Gomes, Elói, Facundo e Otávio, os insultos de colegas de escola, chamando-lhes de "viadinho", além de outros termos pejorativos relacionados de modo negativo, à feminilização.

Situações que ficam na memória. De acordo com Pollack (1992), a memória é, parcialmente, uma herança que se refere à vida física da pessoa, mas também experimenta flutuações que são referidas ao instante em que ela está sendo expressa. As inquietações do instante abarcam um elemento de estruturação da memória.

Diferente da memória, Pollack (1992, p. 05) define o sentimento de identidade, no seu sentido mais raso, no entanto é o suficiente para o momento, "que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros". Isto é, a identidade refere-se à imagem que uma pessoa constrói de si, durante a vida, e que apresenta aos outros e a si própria, para aceitar na sua própria representação, como também para ser vista do modo como deseja ser interpretada pelos outros.

Diante do exposto nas narrativas dos participantes desta investigação, é possível notar que existe uma íntima relação entre memória, identidade e gênero cuja construção é por vezes individual e coletiva, também não há essência na identidade e, assim, como o gênero, estão continuamente em construção.

Nessa construção, a violência é uma marca própria dos efeitos da dominação masculina tanto no sentido físico, quanto no sentido simbólico. No cotidiano, nas brincadeiras, nas práticas religiosas, nas atividades escolares, existe a exclusão, a chacota, as cobranças, as violências, a estigmatização que é efeito das formas desqualificadas de tratamento nas práticas cotidianas desses indivíduos. O resultado são masculinidades percebidas como desviantes e marginalizadas, como apontaram os sujeitos desta pesquisa.

4.2.5 Geografia dos corpos: transitar para ser homem gay

Das entrevistas com os participantes é possível apreender que o deslocamento de cada um deles favoreceu a construção de suas identidades de gênero, pois além de possibilitar a livre expressão de seu gênero, também favoreceu a apropriação dos direitos fundamentais de ser um homem gay numa sociedade culturalmente machista-patriarcal.

Como conta Gomes:

> *Na época que eu tive meu primeiro carro, com 18 anos, a primeira coisa que eu fiz foi ir num final de semana para Balneário Camboriú, que era uma cidade próxima de Joinville, que lá tinha um meio gay maior, porque, como é uma cidade turística, então tinha uma pegada de pessoas de São Paulo que iam para lá e tudo mais. E com era uma cidade assim, no meu ver, uma cidade praiana, turística ninguém me conhecia, então tinha a liberdade de fazer as coisas sem que algum amigo me visse, porque assim as chances de eu ter um amigo, numa balada gay, em Balneário Camboriú, era praticamente zero. Isso me dava uma liberdade muito maior de me permitir as coisas e vir para São Paulo, foi, na época que eu tive oportunidade de vir para São Paulo para trabalhar como comissário, foi o empurrão que eu precisava final assim, eu falei eu vou para São Paulo, porque se eu for para São Paulo me assumir gay, trabalhar na aviação, ter minha vida independente, se eu falar para os meus pais que eu sou gay e eles, por alguma forma falarem, você não é mais nosso filho, não quero mais saber de você. Eu já tinha uma vida. Eu não precisaria me preocupar "meu deus!" fui posto para fora de casa. Eu não tenho como viver, não tem como me sustentar, então vir para São Paulo, as idas para Balneário já foram esse empurro assim, esse começo de ideia de que que dava para viver uma vida diferente fora da cidade de que eu morava e vir para São Paulo, com certeza, foi assim a cereja do bolo, que eu estava em dois estados de distância, em uma cidade que eu podia fazer tudo que eu quisesse, que assim meus pais nunca iriam imaginar e acabou que foi totalmente o oposto, né, porque eu falei para ele que era gay e foi tipo "a gente já sabia só eu estava esperando que você assumisse.*

Vieira (2011) ressalva que o processo de deslocamento se desenha como uma manifestação notadamente espacializada cuja implicação são múltiplas construções sociais. A invisibilidade da homossexualidade é uma delas e configura um modo de resistência, de sociabilidade urbana, formas estas atreladas ao espaço público urbano.

Lindón (2009) explora essa questão, afirmando que a realização do deslocamento tem a possibilidade de ser acompanhada por topofilia[36], sendo assim, o deslocamento representa uma experiência agradável que pode acontecer com a da mobilidade urbana.

No caso de Américo, o seu deslocamento fez com que ele reavivasse a sensação de liberdade de seu corpo e de si:

> *Quando completei 21 anos me mudei da cidade onde morava, Dracena – interior, para capital São Paulo com o intuito de conquistar minha independência e viver*

[36] Conforme esclarece Lindón (2009), topofilia é o apreço do lugar ou uma experiência agradável vivida pelo sujeito.

> *livremente minha sexualidade já que na cidade por ser muito pequena isso não seria possível.*

Este trecho da entrevista de Américo também mostra que Dal Gallo e Marandola Jr. (2010) apontam como um processo gradual e frequente de elaboração do lugar de trânsito que tem por propósito amparar o desejo do migrante de preservar sua personalidade, sua identidade e fazer com que ele retome a sensação do pertencimento, no entanto, ele rompe com a noção de obrigatoriedade da assimilação e aculturamento.

Américo, em seu relato, também faz alusão a experiências topofóbicas[37] relacionadas ao seu local de origem:

> *Já a partir da adolescência, ele diz que começa a complicação, pois no tocante a sexualidade, existe algumas limitações que a cidade grande não teria tanto.*
>
> *Conforme ele conta a sua família tinha uma religião bastante tradicional e rígida. Ele cresceu envolvo do conjunto de preceitos da Congregação Cristã do Brasil, segundo ele, uma comunidade religiosa um tanto quanto rígida nos seus dogmas, nas suas crenças. Como exemplo disso, ele cita a prática de homens e mulheres se sentarem rigorosamente separados. Também cita que as mulheres usam véus, os homens usam terno e gravata. Ele enfatiza que cresceu nesse meio. Diz ainda que foi músico da congregação até os seus 18 anos.*
>
> *Ele lembra que na Congregação, ele não era incentivado a questionar, diz que indagações não devem ser feitas, diz que é inconveniente questionar. Conta que aprendeu que querer saber muito te afasta de Deus. Diante disso, ele compara esta situação com o uso do cabresto no cavalo, pois ele tinha a impressão que só havia uma direção para ir.*
>
> *Quando ele tinha por volta de 16 ou 17 anos, começou a entender a questão de sexualidade, percebia que algumas coisas não eram condizentes com que era pregado na igreja, foi quando ele passou a se incomodar com as situações vivenciadas na igreja, ao ponto de aos 18 anos, se rebelar e em conversa com a sua mãe, dizer: "mãe, eu não comungo mais desse espaço, posso ir como um participante". No entanto, ele relata que era músico da sua comunidade religiosa, então ele se sentia como um espelho para as pessoas, sentia que, por isso, existia uma cobrança maior, se ele eventualmente fosse um visitante não teria essa cobrança.*

Catulo conta que na sua cidade de origem, onde viveu sua infância e adolescência, sentia constantemente um desconforto em ser quem ele era. Se sentia diferente. Percebe que sua sensibilidade o fazia diferente dos outros meninos. Ele sentia necessidade de ser estudioso, solidário, ter utilidade, visibilidade, ser afetuoso, porque era uma forma de ser aceito. Para ele, essas eram formas de resistência.

A partir das narrativas expressas aqui, percebe-se que as experiências migratórias dos sujeitos investigados influenciaram no processo de construção da identidade de gênero. Esses

---

[37] Conforme esclarece Lindón (2009), topofilia é a rejeição pelo lugar.

homens transitaram e transitam em espaços androcêntricos, repletos de referências masculinas e processos de dominação que imprimem marcas em nas identidades de gênero. Como destaca Connell (2016), as masculinidades são composições da realidade, culturalmente produzidas, expressas e transformadas no decurso do tempo.

No referente à movimentação pelo espaço geográfico, Vieira (2011) destaca sua relação com a subjetividade do indivíduo. Otávio, um dos entrevistados, foi expulso de casa por causa dessa experiência topofóbica e iniciou sua migração para São Paulo. Antes, ele morou em várias cidades em busca de relacionamentos estáveis.

Os deslocamentos, as saídas para as cidades grandes têm sido relacionados à busca por liberdade. Gomes, por exemplo, conta que viveu boa parte da sua juventude escondendo sua homossexualidade e para ter algum tipo de relação afetivo-sexual tinha que se deslocar para outras cidades da região onde morava. Facundo relata que ao se estabelecer tanto em Belo Horizonte e depois em São Paulo pode viver livremente a sua sexualidade e gênero, “sem preocupações”. Remo migrou à São Paulo para viver um relacionamento, pois, segundo afirmou, seria um ambiente mais seguro devido à grande concentração migratória de outros inúmeros homens gays.

Conforme aponta Vieira (2011), os deslocamentos e os distintos modos de mobilidade são importantes na construção dos gêneros. Esses processos representam uma manifestação espacializada que tem como efeito múltiplas construções sociais, fundamentalmente, ligadas à conquista de direitos civis básicos.

4.2.6 Corporeidade e homens gays: o toque, o afeto e o desejo

Como desenvolve Le Breton (2012), todas as relações humanas perpassam pela corporeidade. O corpo circunscrito em uma cultura é responsável por representar o modo de ser de um indivíduo; é por meio do corpo que se estabelece uma relação constante de tomada de consciência de si mesmo e do outro. O sujeito projeta-se para o exterior a partir de seu próprio corpo (Le Breton, 2012) que também é meio de relação com o outro, com os corpos dos outros e com o contexto forma a identidade do indivíduo, aquilo que o diferencia e, ao mesmo tempo, o liga aos outros.

As narrativas apresentadas neste estudo mostram que as experiências de vida que envolvem a corporeidade do homem gay são marcadas por fatores socioculturais determinantes na construção de suas identidades e relações de gênero, influenciando no entendimento, pelos sujeitos, do toque, do afeto e do desejo.

O toque é um elemento comum na cultura brasileira, como observa Caesar (2011), em seu artigo “Toque, por favor”. Os brasileiros, de modo geral, estão propensos a se tocarem em público mais livremente que em outras sociedades, apesar disso, partindo do que contou os participantes desta pesquisa, entre os homens o toque é uma atitude regrada, vigiada e autovigiada, o que acaba se transformando em um evento repleto de fatores. Aquilo que geralmente é associado ao prazer, nas vivências do homem gay, torna-se um processo de descoberta complexo, conforme destacaram os entrevistados.

Caesar (2011) chama a atenção para o envolvimento de várias partes do corpo durante o toque. O autor ainda compara a cultura brasileira com outras culturas, considerando-a como uma postura fora dos limites. Diante disso, o autor conclui que, no contexto brasileiro, o corpo não é algo para ser receado ou suprimido. O corpo, afirma, existe para ser compartilhado. Para Caesar (2011), o toque em outros corpos pode ocorrer em uma profusão de modos.

Comumente, o toque é acometido de uma sensação agradável de satisfação ou alegria, pois envolve prazer e afetividade. No entanto, em culturas heteronormativas, o toque entre os homens é um evento tão incomum que acaba se transformando em algo supervalorizado quando ocorre; está comumente relacionado ao prazer, mas a descoberta disso é um processo complexo na vida de um homem gay, como relataram os entrevistados. Essa complexidade também está alicerçada ao fato de que nem todos os toques são socialmente aceitos. Determinado tipo de toque é tido como proibido, mal-visto, logo é um evento cercado de inquietações, dúvidas, realizado em momentos fora do alcance dos olhos dos outros, como revelaram os entrevistados.

Américo expõe isso em uma parte do relato, quando ele diz:

> *Meus pais eram de uma igreja protestante, na igreja havia uma família muito próxima da minha cujo casal tinham 3 filhos homens, eles eram como irmãos para mim, eu dormia na casa deles todos os finais de semana, o mais velho dos 3 irmãos tinha uma diferença de 4 anos à mais que eu, eu em torno de 8 anos e ele entre 11 e 12 anos.*
>
> *Os 3 dormiam no mesmo quarto, e aos sábados eu me juntava a eles para irmos aos domingos de manhã para a igreja, durante a noite, o irmão mais velho descia até meu colchão e ficava comigo, cresci assim, tendo essa relação com ele até meus 16 anos.*

Como revela o entrevistado, no caso dele, o toque dos corpos acontecia à noite, quando era provável que ninguém conseguiria vê-los, porque estavam dormindo. É um toque proibido, mal-visto, logo, é um evento cercado de inquietações, dúvidas, realizado em momentos fora do alcance dos olhos dos outros e em lugares escondidos.

Com Gomes acontecia da seguinte maneira:

> *E aí com 18 anos, eu tive a minha primeira experiência com um rapaz. Foi um amigo meu. Ele já sabia, ele pegou no ar, né, ele já era gay assumido. E aí ele pegou no ar essa parte de e... tipo ah! quer dar um beijo? Quer experimentar? Aí eu falei "quero". Ele era bonito. E foi bom! Foi legal! Super gostoso e tal! A gente sempre se respeitou muito, mas a minha a... esse crescer foi muito reservado assim, foi muito fechado, né. Eu fui muito... eu me escondi demais assim na frente de uma carcaça que não era... namorei meninas, então fazia cartinha de amor. Eu acho que era meio que para disfarçar, sabe, que chega uma hora que até você acaba se confundindo assim. Você acaba "será que é isso mesmo que eu gosto?", porque fiquei apaixonado por menina, mandei carta, enfim.*

Vale refletir sobre esse termo "gay assumido", destacado por Gomes. No caso dele, assumir, teria como consequência o distanciamento das famílias e a inserção permanente em um estilo de vida gay: espaços de socialização arquitetados para esse segmento social e profusas tramas relacionais cujo suporte é presumivelmente ausente ou enfraquecido da unidade familiar. Ser assumido tem um custo, além de o indivíduo ter possíveis relações problemáticas com a família, também pode vir a ter que lidar com modelos e ideais da esfera da sociabilidade gay. Estudo de Halperin (2012 apud Miskolci, 2017) aponta que uma masculinização compulsória fundamentada pelo ideal de se deslocar da hierarquia à igualdade teve como resultado o desenvolvimento de um ideal influente em termos políticos, comerciais, midiáticos e acadêmicos (Miskolci, 2017).

Essa masculinização (conjunto de ações masculinizantes), conforme Miskolci (2017) tem o potencial de gerar preconceito e discriminação (efeminofobia e transfobia) entre os próprios homens homossexuais e uma rejeição da descentração dos gêneros, especialmente relacionado à feminilidade masculina. Nesse sentido, ser gay assumido demarca a identidade gay, gerando um regime de visibilidade, condicionando afetos e desejos.

No relato de Gomes, chama a atenção a necessidade dele ter que disfarçar a sua identidade gay e de manter sua vida sexual em relativo segredo. Situação essa também relatada por outros participantes desta pesquisa. Sobre esse assunto, Miskolci (2017) ressalva que, ao longo da história, a homossexualidade está associada ao segredo e que, no decorrer do século XX, a sua vivência foi invisibilizada em ambientes públicos, de trabalho e, principalmente, familiar.

O autor vai além afirmando que a gestão do segredo e da visibilidade está profundamente ligada a regimes de verdade, a códigos morais e a valores que escapam ao domínio dos indivíduos.

Essa situação se apresenta no relato de Elói. Ele conta que o toque era realizado nos momentos de brincadeira entre os meninos e de modo escondido. Importante notar que quando ele fala do toque entre meninos e meninas, aparece como um toque menos estigmatizado, pois,

como relata, geralmente havia a presença de um adulto, ou seja, não precisava ser feito escondido.

> *Eu tinha muitos amigos. Ao lado da minha casa, existiu uma família que tinha várias de crianças, vários meninos. Eu acho que tinha uns 5 ou 6. E aí existia essa coisa de se descobrir sexualmente. De brincar, de mexer, de roçar e tal. Começou isso aos 7 anos e lógico que tinha as meninas também, então, a gente fazia aquela coisa de brincar de médico, que quase todo mundo fazia, e quando acontecia com os meninos, eu percebia que o meu instinto era muito mais de procurar eles para fazer isso do que com as meninas.*
>
> *Eu lembro de situações em que a gente estava em três ou quatro meninos e três ou quatro meninas, eu ficava muito mais interessado nos meninos do que nelas. Aí depois acabava fazendo coisas mais escondidas entre os meninos e as meninas acabavam ficando meio de lado, até porque existia uma proteção muito maior das meninas. Quando elas estavam brincando com a gente sempre tinha um adulto. Quando estava só os meninos acabavam deixando a gente mais à vontade.*

O toque é um instrumento constante na descoberta do corpo de si e do outro, em especial, para o homem gay. Ele tem papel importante no desenvolvimento do afeto. Catulo, por exemplo, é massoterapeuta e trabalha em uma sauna que atende o público gay. Ele conta que, geralmente, enfrenta problemas no trabalho, porque quando o profissional toca o corpo de um cliente, este acaba erotizando e "confundindo as coisas".

Compreendidos como "[...] experiências subjetivas que traduzem a maneira como cada sujeito é afetado pelos acontecimentos da vida, ou melhor, pelo sentido que tais acontecimentos têm para ele [...]". (PINO, [198-], p. 128, apud. Fanton, 2011), os fenômenos afetivos aparecem nas narrativas dos participantes deste estudo de modos bem contraditórios.

O afeto tem relação, de acordo com Pino (1998) apud. Fanton (2011), com o sentido que a emoção acomoda no indivíduo, por isso, passa a ser um fato orgânico, psíquico, cultural, porém, que se manifesta por intervenção da "semiose, da construção de sentidos factíveis [...]" (PINO, anotações de aulas, 1998, apud. Fanton, 2011). Sobre a construção de afetos, Elói avalia suas escolhas e traz o seguinte relato:

> *Eu comecei super tarde. Meu primeiro namoro foi com quatorze ou quinze. Eu era muito lerdinho. Só fui beijar a primeira vez, acho que eu tinha 12 anos, uma menina. Aí depois eu senti a pressão de se você não beijar, se você não namorar é gay, não gosta de mulher.*
>
> *E o fato de eu já não participar de coisas que eram estereotipadas de homem, então existia aquela coisa de será que ele vai beijar? Será que ele vai fazer não sei o quê? Então, eu fui muito mais até pela descoberta com as meninas.*
>
> *Depois de um tempo de terapia, eu fui perceber que todas as meninas com quem eu namorei, que foram três, todas elas eram super masculinizadas e duas delas eram lésbicas. Aí eu fui entender que, na verdade, o que me atraía nelas era exatamente*

> *isso: era a masculinidade. Elas não eram aquela coisinha delicada que a menina tem. Elas eram muito mais práticas, a gente acaba levando para uma coisa de que é um perfil muito mais masculino, que é uma forma errada de falar. E todas elas eram fisicamente mais masculinizadas. Eu acabei namorando elas muito por isso também, por existir a apetite sexual por essa coisa masculinizada, mas muito também por ter uma pressão.* (ELÓI)

Como destaca PINO ([198-], p. 130 apud. Fanton, 2011), em meio às ocorrências do mundo que afetam a pessoa, "[...] as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvidas, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade [...]".

Em meio ao contexto dos relacionamentos humanos, a afetividade implica a existência de vínculos, como consequência de uma necessidade de toque, originada socialmente. No âmbito das relações sociais, somente as formas interativas não garantem o vínculo, todavia, é a partir delas que o vínculo pode se consolidar.

Na entrevista de Gomes ele expõe a preocupação de seu pai com relação a sua postura diante de uma circunstância que envolve o desejo:

> *Teve um episódio inclusive que eu fazia natação. E aí dentro do vestiário masculino natação tinha uma sauna dentro do vestiário e eu tinha muito problema de respiração e tal, então eu saía da natação eu ia direto para sala porque aquele vapor, nossa, eu voltava respirar perfeito assim. E um dia eu tava dentro da sauna e tinha um rapaz muito mais velho do que eu, na época, né, devia ter sei lá, os seus trinta e poucos anos. E aí ele começou a se tocar, ele começou a se acariciar, e eu vendo ele, né, perto de mim na sauna, eu comecei a ter uma ereção, porque eu acho que estava nervoso, não sabia o que era aquilo e ele veio para cima de mim, eu sempre fui um menino muito alto, então eu não aparentava a idade que eu tinha. E aí ele veio pra cima de mim, e aí o meu amigo entrou na sauna bem nessa hora assim, e aí eu não consegui me mexer, minhas pernas ficaram moles assim, eu fiquei, eu pensei ele vai vir para cima de mim, ele vai me tocar e eu não sei o que eu vou fazer. E aí eu saí chorando correndo da sauna, meu amigo me ajudou. O meu amigo veio no banho, eu tentei me lavar, apesar de ele nem ter encostado em mim, o cara nem chegou perto de mim, mas eu estava me sentindo culpado, acho que tinha muito essa coisa da culpa, se minha mãe soubesse, se meu pai soubesse, mas aí eu cheguei em casa muito abatido, muito abalado e comecei a chorar e eu falei para minha mãe. Minha mãe ligou para o meu pai. E meu pai na época veio para casa assim correndo e aí, quando ele entrou no quarto, eu lembro dessa cena claramente assim, quando ele entrou no meu quarto, ele não perguntou se eu estava bem, ele não me perguntou o que tinha acontecido, ele perguntou "você gostou?". Isso marcou muito assim. Acho que aquilo ali foi a hora que ele que ele queria... ele foi meio que com uma pergunta decisiva assim e eu com medo de toda a possível repercussão que pudesse ter, eu falei "não, não gostei, óbvio que eu não gostei, né, não". Fui negando assim.*

Fica claro aqui, como diz Almeida (1996), que o comportamento do filho é vigiado, supervisionado pelo pai, que exerce sobre um filho uma forma de controle a fim de saber se ele gostou, se está inclinado a gostar de ter prazer com e por outro homem.

Richard Miskolci (2017), aborda essa questão enfatizando o modo como os desejos dos sujeitos são negociados com as normas e convenções morais, afirmando que é algo situacional e dinâmico e que preexiste à ação, circundando a construção social do desejo. Para o autor, o desejo não tem origem interna no sujeito, tampouco é forçado por algum mecanismo externo a ele, sendo algo relacional. "O desejo é um eixo articulador entre o sujeito e a sociedade sendo moldado na interação social" (Miskolci, 2017, p. 27).

O relato de Remo reforça essa ideia referente a esse panorama do desejo indicado acima por Miskolci:

> *Quando comecei a trabalhar aos 16 anos e com o advento da internet, comecei a conversar com outras pessoas gays e, aos 17 anos, entendi que era homossexual e fui processando essa informação dentro da minha cabeça. Somente aos 18 anos fui "obrigado" a revelar minha condição para a minha chefe durante uma brincadeira de colegas de trabalho e isso, para mim, marcou o momento em que senti que "não poderia voltar atrás na minha decisão".*
>
> *Pouco antes de completar 19 anos, tive a minha primeira experiência amorosa com outro homem que, ao mesmo tempo me trouxe o mundo LGBTQ e a certeza e coragem de assumir minha sexualidade para a minha família e amigos.*

Vale destacar alguns pontos neste trecho do relado de Remo. Primeiro, a influência da internet como meio para interagir, encontrar informações sobre a sexualidade dele e, consequentemente mostrar como isso o afeta na construção do seu desejo. Miskolci (2017) discute a maneira como homens utilizam recursos tecnológicos para a procura de parceiros do mesmo sexo tratando com maior cuidado a visibilidade do desejo homossexual. O autor afirma, com base no seu trabalho etnográfico, que a internet e o uso do ambiente *on-line* serviram para que homens gays pudessem encontrar meios de vivenciar seus desejos por outros homens de modo a não causar qualquer tipo de rompimento com as expectativas familiares e sociais de que se tornassem heterossexuais.

Uma segunda questão a ser destacada do relato de Remo, é a situação compulsória de ele revelar ser um homem gay. Miskolci (2017) aborda esse problema no âmbito da gestão da visibilidade da vida íntima e sexual, afirmando que ela tem relação com as demandas morais dos locais onde os indivíduos vivem.

Remo em outro momento do seu relato conta que

> *Hoje, aos 35 anos, tendo experienciado o contato com pessoas de orientação sexual, expressão e identidade de gênero que questionam o sistema binário de gênero, vejo que não quero (e nem preciso) me enquadrar em padrões que exigem determinados comportamentos, trejeitos, roupa e maneira de se comportar para ser considerado um homem. Entendo que a minha condição atual (de corpo, músculos, traços, pelos,*

> *barba) me coloca dentro de um padrão almejado de masculinidade e tenho privilégios de ser passável e não sofrer o mesmo tipo de preconceito e rejeição que uma pessoa gay mais afeminada enfrenta; no entanto, acredito que o homem ou o gênero masculino é um espectro tão extenso abrangendo inúmeras variações dentro dele e, posso estar mais próximo de um extremo ou de outro, a depender do meu momento de vida. Assim, dentro desse mesmo prisma da masculinidade, tenho atração por homens que também muitas vezes estão em pontos distintos dessa "régua", portanto, me considero um homem gay, porque, mesmo que aberto a possibilidades com o corpo e expressão de gênero feminino, ainda assim o meu maior gatilho de apetite sexual encontra-se dentro do espectro de pessoas que performam algum tipo de masculinidade.*

A análise cuidadosa dos relatos biográficos de cada indivíduo permitiu evidenciar que as masculinidades são construídas em relação ao outro e em relação aos valores e modelos que referenciam os sujeitos no mundo, portanto, não há um só formato e um só tempo, o tempo passa, se transforma e os sujeitos também se transformam. No entanto, é possível apreender dos relatos que as relações de gênero, a corporeidade, a sexualidade, a memória, os processos formativos e os deslocamentos do homem gay, sujeitos desta pesquisa, são profundamente afetados pela masculinidade hegemônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho ao buscar refletir sobre a masculinidade hegemônica na construção da identidade e na vivência do homem gay que sai do interior para viver na cidade de São Paulo, refletiu sobre os sentidos do corpo gay em nossa sociedade, tomando por base referencial teórico sobre corpo, gênero e masculinidade. Tratou-se de examinar como este corpo registra aspectos hegemônicos de gênero, desde a infância, e como este corpo se desloca entre espaços, na vida adulta.

Espacialidade e descolamentos do corpo foram pensados a partir das intersecções e das transversalidades que abrangem a corporeidade, as sensibilidades, a afetividade e a espacialidade. O corpo, tomado como construção social, foi discutido para pensar os deslocamentos do corpo migrante, deslocamentos estes motivados por inúmeros fatores, dentre os quais, a busca pela vivência e expressão de uma sexualidade homossexual e, com ela, da construção de identidades gays, no espaço urbano.

Para esta discussão, o presente estudo também abordou noções contemporâneas de masculinidades, particularmente, as masculinidades hegemônicas, em nossa sociedade; destacou o processo de construção das masculinidades hegemônicas e em seguida buscou problematizar os modelos de masculinidade e a relação desses modelos com a questão da dominação masculina e com as masculinidades marginalizadas, subordinadas ou cúmplices.

A investigação aqui proposta possibilitou compreender como se dá a influência da masculinidade hegemônica nas vivências e na construção da identidade de um homem gay; possibilitou apreender questões relativas à gestão da visibilidade e invisibilidade dos corpos gays por meio da manipulação de uma imagem de homem hétero; a inserção dos participantes em contextos compostos de ações masculinizantes, implícitas e explícitas, coordenadas por setores diferentes da sociedade; a atuação da violência e estigmatização, em suas memórias, como forma de orientar e supervisionar suas experiências de vida; o deslocamento entre territórios como uma passagem de reconhecimento de si e de liberdade. Por fim, os sentidos do toque e do afeto e suas inter-relações. No primeiro caso, o toque aparecendo como um elemento importante no desenvolvimento do afeto e na descoberta do corpo de si e do outro. No segundo, o afeto, visto como um elemento sob o controle da sociedade, autorizado ou não, assim como o desejo, que é por um lado compreendido como via de prazer e, por outro, visto como algo proibido.

A pesquisa buscou caracterizar o padrão-normativo de masculinidade que abrange a sociedade brasileira e, com ela, o conceito de homem gay, a partir de uma construção sócio-

histórica. Buscou-se discutir a construção identitária de gênero do homem homossexual no contexto sociocultural brasileiro, além da referência a estigmatizações da sexualidade do sujeito gay e como isso afeta a sua construção de identidade de gênero.

A presente pesquisa deixa aberta a indagação que se constrói como expectativa de possibilidade: é possível considerar que as masculinidades, quando de alguma forma subvertem a referência masculina hétero-normativa, pluraliza as características do ser masculino? Nesse sentido, o homem pode ser da forma que quiser ser. Ser homem hétero, ser homem gay, ser homem transgênero, ser homem assexuado, ser homem crossdresser, enfim, cabe todas as formas de ser homem. Esse caminho só se constrói por meio da superação da referência heteronormativa, tomada como medida para todos os homens.

Nessa superação, a existência da masculinidade passa então a ter um sentido fluído, que nas relações com o outro se descobre e se formata. O homem é autorizado a chorar, usar saia, gostar de dançar, cuidar da sua beleza, tocar, abraçar, dar afeto aos outros homens, entre outras atitudes e características sem que seja considerado uma deformação; uma identidade masculina que enfim se apropria da liberdade de ser, abandonando o peso do modelo de masculinidade hegemônica antes imposto e todo o cuidado para não ser um desvio. Uma conquista para si; um direito de existir na diversidade, que os sujeitos desta pesquisa buscaram alcançar, ao saírem de suas cidades, levando memórias de violências sofridas, mas também expectativas de construção de novos caminhos e novas identidades.

Resta destacar que o presente estudo contribui com a atuação profissional do pesquisador como escritor de textos do gênero literário e não-literário, tendo em vista que as suas produções estão relacionadas com as temáticas de identidade, cultura, gênero, sexualidade. Ainda, contribui na atuação profissional de professor da Educação Básica e do Ensino Superior, capacitando-o para dar continuidade ao trabalho realizado em projetos educacionais, principalmente, na produção de conteúdos de caráter mais engajados e com maior relevância e consistência teórica, importantes para o desenvolvimento de reflexões a respeito da vida em sociedade.

Espera-se que os resultados deste trabalho também possam contribuir para a construção de futuras pesquisas que abordem a temática da masculinidade, em especial, nos campos das ciências humanas e sociais, bem como para o debate de políticas públicas relacionadas ao público LGBTQIA+, tendo em vista a necessária ampliação da compreensão sobre a inter-relação entre identidade, gênero, sexualidade, cultura e localidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. S; ZAGO, M. M. F. Antropologia das masculinidades: contribuições teóricas para a saúde do homem. In: Pluralidade Masculina – contribuições para pesquisa em saúde do homem. Org. ARAÚJO, J. S; ZAGO, M. M. F. Curitiba: CRV, 2019.

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? In: Estudos Feministas, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012. Disponível em < https://www.scielo.br/j/ref/a/wkWvfpf58vHyvr35KTZyvtr/abstract/?lang=pt> Acesso em: 04 out. 2021.

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do Sul de Portugal. In Anuário Antropológico 95, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

Beiras, Adriano et al. Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. Psicologia & Sociedade [online]. 2007, v. 19, n. 3 [Acessado 11 Abril 2022] , pp. 62-67. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300010>. Epub 28 Jan 2008. ISSN 1807-0310. https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300010.

BORRILLO, Daniel. Homofobia: história e crítica deum preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 15ª edição, 2019.

CAESAR, T. Toque, por favor. Revista Espaço Acadêmico, v. 10, n. 120, p. 101-104, 3 maio 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13310/6974> Acesso em: 07 jan. 2021.

CASEY, E. S. Between geography and philosophy: what does it mean to be in the place-world? Annals of the Association of American Geographers, v. 91, n. 4, 2001, p. 683-693.

CEVASCO, Maria Eliza. As Dez Lições Sobre os Estudos Culturais. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHARMAZ, Kathy. A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CONNELL, R. W. The men and the boys. California: University of California Press, 2000.

CONNELL, R. W. Masculinities. California: University of California Press, 2005.

CONNELL, Raewyn. Gênero em termos reais. Tradução Marília Moschkovich. São Paulo: InVersos, 2016.

CONNELL, R. W. ; Messerschmidt, J. W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013. pp. 241-282.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. Gênero: uma perspectiva global. São Paulo: InVersos, 2015.

COSTA, J. S.-S. La esquemática: visualizar la información. Barcelona: Paidós, 1998.

CRESWELL, John W. Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FANTON, Marcos; Sujeito, sociedade e linguagem. Uma reflexão sobre as bases teóricas da pesquisa narrativas biográficas. Porto Alegre: Civitas, 2011.

FURLANI, J. Mitos e tabus da sexualidade humana. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GATTI, José. Duelo de Titãs: Sandow e Schwarzenegger. In: PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José (Org.). Masculinidades: teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. 352 p.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GOUVEIA, Raimundo; CAMINO, Leoncio. Análise psicossocial das visões de ativistas LGBTs sobre família e conjugalidade. Psicologia Política, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 47-65. 2009.

GREEN, James N. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

GRUNDMANN, Roy. Retorno a Brokeback Mountain. In: PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José (Org.). Masculinidades: teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. 352 p.

Hall, Stuart. A identidade cultural na pós – modernidade/ tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de janeiro: DP&A, 2006.

JIMENEZ, Ana Luisa & HARDY, Ellen. Masculinidad y Gênero. Revista Cubana Salud Pública. v.27 n.2 Ciudad de La Habana jul.-dic. 2001. Disponível em: <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-34662001000200001> acesso em: 15 out. 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. Revista Bagoas, Natal, v.1, n.1, p. 145-165. 2007.

Le Breton D. A SOCIOLOGIA DO CORPO. Petrópolis: Editora Vozes; 2012.

LIMA, Regiane de Oliveira; LEITE JUNIOR, Francisco Francinete. Sexualidade e envelhecimento: dilemas do corpo masculino. Revista Sustinere, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 106-

133, jul. 2018. ISSN 2359-0424. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/31251>. Acesso em: 11 abr. 2022. doi:https://doi.org/10.12957/sustinere.2018.31251.

LINDÓN, Alicia. La construcción socioespacial de la ciudad: el sujeto cuerpo y el sujeto sentimento. CUERPOS, EMOCIONES Y SOCIEDAD, Córdoba, Nº1, Año 1, p. 06-20, Dic. 2009.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.

LOURO, G. L. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva Pós-Estruturalista. Petrópolis, Vozes, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 4ª edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018. 224 páginas.

MATOS, K. dos S.; MEZZAROBA, C.; ZOBOLI, F. O "GAROTO PROPAGANDA" NEYMAR – SENTIDOS DE CORPO MASCULINO E MODOS DE ENDEREÇAMENTO ATRAVÉS DE PROPAGANDAS COMERCIAIS. Revista Conhecimento Online, [S. l.], v. 2, 2015. DOI: 10.25112/rco.v2i0.198. Disponível em: https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/198. Acesso em: 11 set. 2021.

MARANDOLA Jr., Eduardo e DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. Revista Brasileira de Estudos de População [online]. 2010, v. 27, n. 2 [Acessado 11 Abril 2022], pp. 407-424. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-30982010000200010>. Epub 07 Jan 2011. ISSN 1980-5519. https://doi.org/10.1590/S0102-30982010000200010.

MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004. DOI: 10.1590/S1517-97022004000200007. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27936. Acesso em: 11 abr. 2021.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. Didática do ensino de arte: língua do mundo. São Paulo: FTD, 1998.

MINAYO, MCS. Violência e saúde [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. Série Manuais Acadêmicos. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

MISKOLCI, Richard. Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Argos, 4).

MORIN, S. F.; GARFINKLE, E. M. "Male Homophobia." Journal of Social Issues, v. 34, n. 1, p. 29-47, 1978.

OLIVEIRA, Régia C.; SILVA, Eunice A. Sociologia da saúde: novos horizontes para reflexão do homem na atenção primária. In: Pluralidade Masculina – contribuições para

pesquisa em saúde do homem. Org. ARAÚJO, J. S; ZAGO, M. M. F. Curitiba: CRV, 2019.

PAIM, M. B. Corpos gordos merecem ser vividos. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 27(1): e56453DOI: 10.1590/1806-9584-2019v27n156453. Disponível em: < https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n156453/38963> Acesso em: 03 out. 2021.

PALEY, Maggie. O livro do pênis. Conrad Editora do Brasil: São Paulo, 2001.

PIMENTA, Melissa de Mattos. Ser jovem e ser adulto: identidades, representações e trajetórias. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.8.2007.tde-15052007-111215. Acesso em: 2021-05-06.

PIZZINATO, A.; MARACCI-CARDOSO, J. G.; ROSA, E. N. PRODUÇÃO DE MASCULINIDADE EM MATÉRIAS DA REVISTA VIP. Psicologia em Estudo, v. 23, 24 set. 2018.

POLLAK, M. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 327p. ISBN: 8522421110.

ROHDEN, F. Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher [online]. 2nd ed. rev. and enl. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. Antropologia & Saúde collection. 224 p. ISBN 978-85-7541-399-9

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Cadernos Pagu, Campinas,v. 01, n. 16, p. 115-136. 2001.

SANTOS, R.C.S. Segredos de corpos nus: masculinidades, corpolatria e significados da prostituição entre garotos de programa de luxo. Tese [Doutorado em Ciências]. Escola de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

Saraiva, Luiz Alex Silva, Santos, Leonardo Tadeu dos e Pereira, Jefferson Rodrigues. Heteronormativity, Masculinity and Prejudice in Mobile Apps: The Case of Grindr in a Brazilian City. BBR. Brazilian Business Review [online]. 2020, v. 17, n. 1 [Acessado 22 Junho 2022] , pp. 114-131. Disponível em: <https://doi.org/10.15728/bbr.2020.17.1.6>. Epub 07 Fev 2020. ISSN 1808-2386. https://doi.org/10.15728/bbr.2020.17.1.6.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. 133 p.

SMIGAY, Karin Ellen. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. Psicologia em Revista, v.8, n.11, p. 32-46. 2002.

STASEVSKAS, Kimy Otsuka. Travessias do feminino: Potencialidades no mundo. 2004. Tese (Doutorado em Saúde Materno Infantil) - Faculdade de Saúde Pública,

Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. doi:10.11606/T.6.2004.tde-09122004-170445. Acesso em: 2021-04-11.

TREVISAN, J. S. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Paulo Jorge. Percursos em torno das fronteiras reais e imaginárias. Universidade de Lisboa. Ex æquo, n.º 24, 2011, pp. 45-59.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Estudos Feministas, v. 09, n. 02, p. 460-482. 2001.

ANEXO A – RELATO DE EXPERIÊNCIA

1ª ETAPA DE COLETA DE DADOS

Escreva um texto livre no qual você aborde as tuas experiências voltadas à identidade, dando destaque àquelas relacionadas à gênero e à sexualidade.

Os tópicos abaixo servem como referência:

- Quem sou eu?
- Quando e como descobri minha sexualidade?
- Por que me considero homem?
- O que me faz um homem gay?

Orientação sobre a escrita:

Escreva de forma espontânea;
Use uma linguagem simples e um formato confortável para você;
Não te preocupe com as regras gramaticais;
Seja claro;
A quantidade de material escrito depende daquilo que você julgar importante expor no texto.

ANEXO B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ROTEIRO TEMÁTICO NORTEADOR

1. Dados pessoais

- Onde nasceu
- Data de nascimento
- Local onde mora
- Com quem mora
- Situação conjugal
- Religião
- Escolaridade
- Profissão
- Ocupação

2. Sobre masculinidade

- O que você considera masculino?
- O que você acha que os outros consideram masculino?
- Me explique como seria um homem ideal.
- Como um homem gay se encaixa nesta masculinidade? Ele se encaixa? Se não, no que se diferencia?
- Você acha que há um modelo de masculinidade gay diferente da masculinidade hétero?
- Como você acha que as pessoas veem você, em relação a esse modelo de masculinidade? Como você se vê?
- Há algum modelo de masculinidade no qual você se inspire?

3. Corpo, gênero e sexualidade

- Você acredita que seu corpo te faça sentir menos ou mais masculino/homem?
- Há algum tipo de sinal corporal que te faça sentir mais masculino/homem? E o contrário?
- Há algum tipo de sinal corporal que te faça sentir menos masculino?
- Como o corpo influencia na relação com o outro?
- Como você acha que seu gênero e sexualidade se relacionam?

4. Apresentação de imagens

- Comente cada imagem que vou te apresentar em seguida, pensando nas questões que conversamos sobre masculinidade, corpo, homossexualidade e heterossexualidade e ou tópicos que você quiser comentar.
- Apresentação das imagens (11 fotos).

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está, neste momento, convidado a participar de uma pesquisa de mestrado realizada na Escola de Arte, Ciência e Humanidades da USP, denominada: "Narrativas pessoais: a masculinidade na construção identitária do homem gay", do pesquisador Thiago Saveda Severino, letrólogo e psicopedagogo, sob a orientação da Profª. Dr.ª Régia Cristina Oliveira, professora do programa de pós-graduação em Estudos Culturais.

Este projeto visa compreender qual é o impacto da ideia de masculinidade heterocentrada na construção identitária, no que diz respeito à expressão social de gênero do homem gay, que viveram sua infância e adolescência em cidades interioranas e que migraram, na fase adulta, para a grande cidade de São Paulo.

Se você aceitar contribuir com esta pesquisa, participará de duas etapas. Em um primeiro momento, o pesquisador te solicitará a escrita de um relato de experiência pessoal em que você aborde a construção de sua identidade, escrevendo, principalmente, suas vivências gerais no que diz respeito ao gênero e sexualidade, depois, em uma outra etapa, você participará de uma entrevista com duração aproximada de 60 minutos, respondendo a perguntas relacionadas ao objetivo descrito acima.

Para participar é necessário que você leia este documento com atenção, uma vez que pode conter palavras que você não entenda e, que cabe a mim explicar. Ressalto que sua participação é completamente voluntária e não será pago por sua participação.

Assim sendo, caso decida participar, deverá assinar esse termo de consentimento. Mesmo após as duas etapas, há a possibilidade de desistir da pesquisa. Você deverá somente contatar o pesquisador pelo número que se encontra no final deste documento e informar de sua desistência.

Eu irei coletar as informações fornecidas por você, por meio de uma entrevista gravada utilizando uma plataforma digital (*google meet*), caso você autorize, para diminuir o risco de distorções das informações no momento da transcrição e de sua análise. Somente eu terei acesso ao áudio e vídeo da gravação. A transcrição da entrevista será realizada por meio de um *software* chamado *Web Captioner* e salvo em documento do World e, assim como o áudio e vídeo original, será armazenada em uma pasta digital de documentos, protegida por senha, de posse somente do pesquisador.

Tanto a entrevista em áudio e vídeo, como a sua transcrição, serão guardadas pelo pesquisador pelo prazo de 5 (cinco) anos, sendo destruídos após esse prazo. Em todos os registros e transcrições, seu nome será substituído por um código, garantindo o sigilo necessário e que este não será quebrado. Os discursos coletados serão usados para a avaliação da pesquisa e poderão ser revisados por membros do Comitê de Ética. Sua identidade não será revelada em qualquer circunstância. Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais serão utilizados apenas para alcançar os objetivos da pesquisa, incluída sua publicação na literatura científica especializada.

A pesquisa apresenta risco mínimo, ou seja, você poderá ou não se sentir desconfortável emocionalmente com algumas questões durante as duas etapas de coleta de dados. Serão abordados na entrevista a importância do corpo, gênero e da sexualidade nas suas relações em geral; percepções sobre o corpo masculino e conceito de masculinidade; construção da sua identidade desde a infância; situações relacionadas ao gênero e sexualidade, temas importantes a sua formação enquanto pessoa e cidadão,

contribuindo, assim, com a sua construção identitária e sua tomada de posição dentro de políticas culturais e de identidades.

Caso você tenha alguma dúvida ou queira desistir de sua participação, estarão garantidas todas as informações que você queira acerca da investigação, antes, durante e depois da pesquisa. Para tanto, você deve contatar o pesquisador Thiago Saveda Severino pelo telefone: (11) 99825 – 0669 ou pelo e-mail thiagosaveda@usp.br.

Caso você se sinta prejudicado em algum momento da pesquisa, o Comitê de Ética da Escola de Artes, Ciência e Humanidades estará disponível por meio do telefone: (11) 3091-1046, do e-mail: cep-each@usp.br e do endereço Rua Arlindo Béttio, 1000 - Ermelino Matarazzo, São Paulo - SP, 03828-000 – Assessoria Acadêmica.

Declaro estar ciente do exposto e desejo participar da pesquisa
São Paulo, ____de _____ de 2020.

Nome do participante: _____
Assinatura do participante: _____

o Autorizo a gravação da entrevista
o Não autorizo a gravação da entrevista

Eu, Thiago Saveda Severino, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto ao participante.

Assinatura do pesquisador: _____ Data___/____/2020.